



**POEMA NA SALA DE AULA: ESTRATÉGIAS PARA A FORMAÇÃO DO
ALUNO LEITOR.
KELLY BRAMBILLA KOLANO NICOLAU**

2015

**KELLY BRAMBILLA KOLANO
NICOLAU**

**POEMA NA SALA DE AULA:
ESTRATÉGIAS PARA A
FORMAÇÃO DO ALUNO LEITOR**

Volume I

**TRÊS LAGOAS – MS
2015**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS**



**KELLY BRAMBILLA KOLANO
NICOLAU**

**POEMA NA SALA DE AULA:
ESTRATÉGIAS PARA A FORMAÇÃO DO ALUNO
LEITOR**

Volume I

**TRÊS LAGOAS /MS
2015**

KELLY BRAMBILLA KOLANO NICOLAU

**POEMA NA SALA DE AULA:
ESTRATÉGIAS PARA A FORMAÇÃO DO ALUNO
LEITOR**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) do Câmpus de Três Lagoas da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, na área de concentração de Linguagens e Letramentos, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Letras da Rede Nacional.

Orientador: Prof. Dr. José Batista de Sales

TRÊS LAGOAS/ MS

2015

KELLY BRAMBILLA KOLANO NICOLAU

**POEMA NA SALA DE AULA:
ESTRATÉGIAS PARA A FORMAÇÃO DO ALUNO LEITOR**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) do Câmpus de Três Lagoas da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, na área de concentração de Linguagens e Letramentos, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Letras da Rede Nacional.

Orientador: Prof. Dr. José Batista de Sales

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Batista de Sales (UFMS) – Orientador

Prof. Dr. José Antonio de Souza (UEMS) – Titular

Prof. Dr. Ricardo Magalhães Bulhões (UFMS) – Titular

Três Lagoas, MS – 10 de Dezembro de 2015

Parecer final: Aprovada

DEDICATÓRIA

Ao meu marido, Fabiano, por ter permanecido ao meu lado, me incentivando a percorrer este caminho, por compartilhar angústias e dúvidas estendendo sua mão amiga em momentos difíceis, pelo incentivo constante, apoio incondicional e pela paciência nos muitos momentos difíceis sempre preocupado em me ajudar.

Ao meu filho Kaio, pelo amor e compreensão dedicados.

À memória de cinco pessoas queridas:

Minha prima/irmã Karin, sempre com um sorriso me incentivava em tudo.

Minha afilhada Keity, por meio de seus abraços me acalentava.

Meu primo Kelvin, sua felicidade me contagiava.

Meu primo Vandregil, sempre disposto a ajudar.

Minha aluna Diana, sempre com um sorriso meigo nos lábios.

Saudades de todos vocês e onde estiverem tenho a certeza que estão torcendo por mais esta conquista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por mais esse sonho concretizado, ao apoio da minha família e amigos que nos momentos mais difíceis sempre me apoiaram não deixando desistir dos meus ideais.

Ao professor e orientador deste trabalho, José Batista de Sales, pela paciência e atenção constante, competência, por ouvir minhas angústias e ser compreensivo durante toda a realização deste trabalho.

Ao meu marido, Fabiano, por ter me incentivado a dar o primeiro passo rumo à vitória, pois sem sua ajuda talvez hoje eu não estivesse concluindo esta importante etapa de minha vida.

Ao meu filho Kaio por me compreender e incentivar nesta jornada.

A minha sogra Nadir por sempre estar presente em minha vida.

Ao meu querido pai José pelo apoio e a minha querida mãe Valéria pelos momentos de incentivo não deixando o desanimo tomar conta.

À equipe gestora e amigos da Escola Estadual Manoel dos Santos pelo apoio sempre que necessário.

Às meninas da Sala de Leitura Silene e Andreia por disponibilizarem os livros necessários para o complemento desta pesquisa.

À amiga de curso, Sueli, companheira dedicada de sala e das muitas idas e vindas de Três Lagoas, das muitas conversas, pela amizade verdadeira construída meu muito obrigado.

À minha amiga de curso, Marcia, obrigada pelo companheirismo, pelo incentivo proporcionado, por sempre estar disposta a me ouvir diante dos desafios e incertezas.

À CAPES, pela bolsa concedida durante todo o curso.

Ao programa de mestrado PROFLETRAS por ter me proporcionado a oportunidade de realizar meu grande sonho.

À Fundação Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas, pela concessão do programa de mestrado.

A toda turma do PROFLETRAS, pelo companheirismo, sentirei saudades.

EPÍGRAFE

O processo de leitura possibilita essa operação maravilhosa que é o encontro do que está dentro do livro com o que está guardado na nossa cabeça.

Ruth Rocha

RESUMO

A dissertação busca traçar um roteiro preparatório e de execução de uma Sequência Didática (SD) com o objetivo de elaborar um conjunto de procedimentos didático-pedagógicos capaz de proporcionar aos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental um exercício que seja seguro e realista metodologicamente e estimulante e prazeroso enquanto fruição estética. Inicialmente, realizou-se um levantamento por meio da aplicação de um questionário inicial para se verificar o repertório dos alunos no que diz respeito ao texto poético e em seguida construímos uma antologia de poemas considerados adequados para série. De posse desta antologia, que foi gradativamente apresentada aos alunos, construiu-se a SD, com a qual se desenvolveu as dez oficinas utilizando estratégias de leitura e o estudo do gênero poético. Como forma de registro das atividades desenvolvidas, aplicamos aos participantes o questionário final, com o propósito de os alunos registrarem suas reações se (gostou, não gostou, conseguiu aproveitamento razoável da sequência) e os mesmos escolheram poemas significativos e com os quais mais se identificaram para a confecção como produto final de um pequeno livro de coletânea de poemas intitulado: “Meus poemas preferidos...”.

Palavras-chave: Leitura - Estratégia de leitura – Formação de leitor

ABSTRACT

The dissertation attempts to trace a preparatory script and execution of a Teaching Sequence (DS) in order to develop a set of didactic and pedagogical procedures able to provide students of the 9th grade of elementary school an exercise that is methodologically safe and realistic and stimulating and pleasurable as aesthetic enjoyment. Initially, there was a survey by applying an initial survey to verify the repertoire of students in relation to the poetic text and then build an anthology of poems considered suitable for series. Armed with this anthology, which was presented to students gradually built up the SD, with which developed the ten workshops using reading strategies and study the poetic genre. As a way of records of the activities, apply to participants the final questionnaire, in order for students to record their reactions (like, not like, managed to reasonable use of the sequence) and they chose significant poems and which are more identified for making a finished product of a small book collection of poems entitled "My favorite poems ...".

Keywords: Reading - Reading Strategy - Reader Training

SUMÁRIO

LISTA DE GRÁFICOS	3
LISTA DE QUADROS	3
LISTA DE TABELAS	3
INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1: O DESAFIO DA PRÁTICA DE LEITURA	17
1.1. Caminhos e desafios no Ensino da Leitura	17
1.2. A concepção de Leitura como processo de interação	20
1.3. A Leitura na Escola	22
1.4. A formação Leitora do Aluno	23
1.5. O Professor de Leitura e o Professor Leitor	30
CAPÍTULO 2: ESTRATÉGIAS DE LEITURA	38
2.1. A compreensão leitora por meio das estratégias de leitura	38
2.1.1. Tipos de Estratégias de Leitura	41
2.2. Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental II e os procedimentos de leitura na escola	48
2.3. O Professor Mediador e a Leitura Literária	51
CAPÍTULO 3 – POEMA E POESIA UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA	56
3.1. Poesia e poema uma relação intrínseca	56
3.2. Sequência Didática: gerenciadora de produção	61
3.2.1. O gênero poético na escola	64
3.2.2. O poema como articulador na formação do aluno leitor.....	67
4. METODOLOGIA ADOTADA.....	70
4.1. A natureza da pesquisa	70
4.1.1. A Escola	71
4.1.2. O perfil dos alunos envolvidos na pesquisa	72
4.1.3. A escolha da Antologia Poética	73
4.1.4. Os recursos para coleta de dados	74
5. ANÁLISE DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	75
5.1. Análise do Questionário Inicial	75
5.2. Análise da Sequência Didática (SD)	87
5.3. Análise do Questionário Final	98

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	108

LISTA DE GRÁFICOS

Questionário inicial

Gráfico 1: Resultado da questão 1	76
Gráfico 2- Resultado da questão 2	77
Gráfico 3: Resultado da questão 3	78
Gráfico 4: Resultado da questão 4	79
Gráfico 5: Resultado da questão 5	80
Gráfico 6: Resultado da questão 6	82
Gráfico 7: Resultado da questão 7	83
Gráfico 8: Resultado da questão 8	84
Gráfico 9: Resultado da questão 9	85
Gráfico 10: Resultado da questão 10	86

Questionário final

Gráfico 1: Resultado da questão 1.....	99
Gráfico 2: Resultado da questão 2.....	100
Gráfico 3: Resultado da questão 3.....	101
Gráfico 4: Resultado da questão 4.....	102
Gráfico 5: Resultado da questão 5.....	103

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Esquema da Sequência Didática, elaborado por Dolz, Noverraz e Schneuwly	62
Quadro 2: Coletânea de Poemas Manoel Bandeira	96

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Resultado da questão 1	90
Tabela 2: Resultado da questão 1	90
Tabela 3: Resultado da questão 2	92
Tabela 4: Resultado da questão 2	92
Tabela 5: Resultado da questão 3	93

INTRODUÇÃO

Pensar em uma sociedade que não consiga fazer uso efetivo de práticas sociais discursivas que envolvam leitura e escrita parece algo insólito, porém nos leva a perceber que tal situação ainda é comum na realidade escolar brasileira, apesar de toda industrialização e tecnologia. Construir uma sociedade em que a formação literária do aluno consiste-se em dar condições a todos de utilizarem adequadamente práticas de leitura e escrita que se estabilizaram em formas de gêneros que são socialmente produzidos, é um desafio que nos cabe enfrentar.

Por ser a palavra escrita o instrumento mais eficiente para a expressão e fixação da cultura e dos conhecimentos científicos e técnicos da sociedade, a leitura constitui-se na mais importante atividade de aquisição do saber. Por isso, realizamos esse trabalho a partir do estudo e uso de estratégias de compreensão leitora, segundo os pressupostos teóricos de CANDIDO, Antonio (1972), PAZ Octavio, (1982), AGUIAR, Vera Teixeira de (1997), LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina (1984), BANBERGER, Richard (2002), PINHEIRO, Helder (2002), DOLZ e SCHENEUWLY (2004), KOCH (2007), SOLÉ, Isabel (2009), para tratarmos dos conceitos de texto de leitura e da capacidade de leitura e metodologias eficazes para a compreensão textual e para poder aproximar mais o aluno da leitura na escola.

O percurso desta pesquisa foi inicialmente o de abordar a leitura e as práticas de leitura, a formação do leitor utilizando os caminhos da leitura literária do aluno e também do professor. Para tanto, optamos em utilizar o poema para o estudo nessa pesquisa, por ser tratar de um texto pouco explorado na sala de aula.

Ao trabalharmos com poemas, retomamos o lúdico, o mágico, o sentimental. Partimos da realidade dos alunos, daquilo que eles podem entender e construímos sentidos para este tipo de *leitura*, levando os alunos a perceberem a poesia no mundo e na vida deles. Ler poemas é antes de tudo apropriar-nos de um universo capaz de seduzir nossos alunos, é ser capaz de lermos e compreendermos o que o eu lírico tem a nos dizer.

Ler é resposta a um objetivo, a leitura deve ser um hábito essencial e uma necessidade pessoal. Uma prática constante de leitura na escola não significa a repetição infundável de atividades escolares, mas pressupõe o trabalho com a diversidade de objetivos, modalidades e textos que caracterizam as práticas de

leitura de fato. Antes de tudo, é a isso que se propõe esta pesquisa, formar leitores que gostem de ler, que saibam apreciar o belo, enxergar a poesia e os poemas como um recurso de que dispõem para registrar seus sentimentos.

A leitura compreende várias fases do desenvolvimento e é um processo perceptivo durante o qual se reconhecem símbolos. Ocorre a transferência para conceitos intelectuais. Essa tarefa mental se amplia num processo reflexivo à proporção que as idéias se ligam em unidades de pensamento cada vez maiores. O processo mental não consiste apenas na compreensão das ideias percebidas, mas também na sua interpretação e avaliação. Para todas as finalidades práticas, tais processos não podem separar-se um do outro, fundindo no ato da leitura. Formar um leitor competente supõe formar alguém apto a compreender o que lê; capaz de aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos e de estabelecer relações entre o texto que lê e outros textos já lidos.

O que leva o jovem leitor a ler não é o reconhecimento da importância da leitura, mas sim as várias motivações e interesses que correspondem a sua personalidade e ao seu desenvolvimento intelectual. A tarefa do professor é formar jovens leitores bem-sucedidos, apresentando-lhes o material de leitura apropriado, de modo que o êxito não inclua somente boas habilidades de leitura, mas também o desenvolvimento de interesses capazes de durar a vida inteira.

Para Isabel Solé (2009), formar leitores autônomos também significa formar leitores capazes de aprender a partir dos textos. A compreensão leitora depende de um grande número de fatores, muito complexos e interrelacionados. Conhecer esses fatores permite detectar as fontes das dificuldades de compreensão e numa perspectiva pedagógica, mediar a interação do leitor com o texto.

Devemos propiciar ao aluno o ensino do texto literário e poético na escola por meio do conhecimento e das convenções literárias que regem o modo de funcionamento e composição dos textos literários. Assim, como a obra de arte literária faz parte da realidade e merece um preparo especial para ser observado.

Candido (1972) defende o ensino do texto literário e poético na escola, considerando o acesso à literatura mais que um dever da escola, é um direito humano, um valor que não pode ser suprimido das oportunidades de formação. Para o crítico,

Através da leitura literária são estimulados o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do amor (CANDIDO, 1972, p. 249).

Como Candido (1972), consideramos a literatura indispensável, imprescindível à existência humana. Assim, o universo da poesia, ficção e da literatura é uma necessidade universal. A literatura é de fundamental importância para a aprendizagem do aluno, pensar nesse ensino da literatura e suas modalidades práticas supõem que se defina a finalidade desse ensino.

Neste sentido, a leitura do texto literário por meio de estratégias de leitura bem formuladas traz o conhecimento para o aluno valendo-se de diferentes recursos e estratégias. Os aspectos que caracterizam o texto poético (rima, ritmo e sonoridade) precisam ser evidenciados, assim como a interpretação e a interiorização do poema, a fim de que os leitores se sintam motivados a conhecê-los e a admirá-los por suas especificidades. É preciso promover leitura do poema em sala de aula, com o objetivo de preparar o aluno como um cidadão capaz de refletir sobre os dados do mundo e a questionar sobre as diferentes formas de leitura que modelam a poesia como rima e a forma para que, então, o aluno possa compreender o texto poético.

Por isso, mediante a Sequência Didática (SD) buscamos apresentar uma metodologia com estratégias de leitura que possibilite ao aluno a compreensão e o gosto pela leitura de poemas (fruição) e maneiras de transformá-lo num leitor crítico, por meio de metodologias específicas para o ensino da leitura. Os alunos precisam ter liberdade para escolher textos que querem ler, o que proporciona exercitarem o gosto pessoal, comportamento característico de leitores proficientes.

Para que possamos possibilitar reais situações desenvolvemos uma metodologia centrada nas condições reais em sala de aula. Os sujeitos são alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, da Rede Pública do Estado de São Paulo. Esses alunos apresentam dificuldades de escrita, mas há um grande interesse em melhorar o hábito de leitura e o contato com textos poéticos.

Inicialmente, foi aplicado o questionário inicial para levantarmos o conhecimento prévio dos alunos sobre poemas e coletas de dados, verificando o que eles sabem sobre poemas ou já conheciam. Após a coleta e análise dos dados,

foi aplicada atividades com poemas na sala de aula por meio de uma Sequência Didática (SD), com atividades motivadoras, objetivando despertar o interesse dos alunos pelos poemas, estimulando também o desenvolvimento das competências leitora e escritora num ambiente onde a criatividade e a reflexão sejam norteadoras de todas as atividades.

A Sequência Didática intitulada “Chaves da leitura – Descobrimos o prazer de ler e compreender poemas” foi composta por dez oficinas. Em cada oficina foram apresentados os objetivos passo a passo e observamos o envolvimento de todos os participantes.

Desta forma, para direcionar o presente estudo, enfatizamos que esta dissertação teve como objetivo geral: promover e desenvolver a fruição de leitura com poemas para conhecer melhor o texto poético e exercitar procedimentos de leitura que colaboram para o desenvolvimento da compreensão leitora. Aprimorar as capacidades de execução como praticar estratégias de leitura que desenvolvam capacidades de compreensão e de envolvimento com as leituras escolhidas, de modo que os alunos avaliem e aprimorem suas competências como leitores. Após a Sequência Didática (SD) como produto final foi desenvolvido um projeto de coletânea de poemas escolhidos pelos alunos para confecção de um pequeno livro intitulado “Meus poemas preferidos...”, despertando nos alunos o sentimento de gosto e prazer pela leitura de poemas.

Portanto, o presente trabalho justifica-se dada a importância do texto poético ser tão pouco explorado no processo de formação leitora dos alunos, tendo como foco estratégias de leitura que ajudam a desenvolver a competência leitora dos mesmos.

A presente pesquisa está dividida em cinco capítulos, a saber: Capítulo 1: O Desafio da prática de Leitura, no qual abordamos o percurso e o desafio da prática de leitura que se enfrentam nas escolas de uma maneira geral. Tratamos também da concepção de leitura como processo de interação leitor-autor-texto. Passamos pelo ensino da leitura na escola sendo abordada a leitura na sala de aula e a formação leitora dos alunos e também dos próprios professores.

Capítulo 2: As estratégias de leitura - apresentamos os tipos de *estratégias de leitura* existentes e o uso dessas estratégias para a compreensão leitora com o objetivo de buscar a formação do aluno leitor. Passamos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que abordam essas estratégias de leitura e como são

utilizados tais procedimentos de leitura na escola. Tratamos da importância do professor no processo de leitura, desempenhando o papel de mediador, para que o aluno desenvolva uma leitura não determinada pela decodificação de palavras, mas em uma leitura que tenha como base a compreensão global do texto; tudo a partir de estratégias de leitura motivando o aluno a gostar de ler, pois deste modo acreditamos que o ato de ler passa a ter sentido.

Capítulo 3: Poema e Poesia uma experiência de leitura - Neste capítulo trazemos alguns questionamentos para reflexão sobre a relação entre poema e poesia. Conceituamos o que vem a ser uma Sequência Didática no trabalho com poema e como o mesmo pode ser um articulador na formação do aluno leitor.

Capítulo 4: Metodologia – Neste capítulo apresentamos a metodologia utilizada durante o desenvolvimento de toda a pesquisa passando em seguida à caracterização de alguns aspectos que a envolvem.

Capítulo 5: Análise das Atividades Desenvolvidas - Apresentamos por meio de gráficos o resultado da investigação inicial, depois os relatórios de cada oficina de trabalho observando como foi a recepção, o envolvimento dos alunos durante as atividades propostas, verificando quais atividades que obtiveram mais êxito e quais atenderam às expectativas de aprendizagem do grupo de alunos. Apresentamos também o resultado da investigação final, com vários depoimentos dos alunos e se a utilização das estratégias de leitura alcançou o objetivo pretendido: o crescimento enquanto leitores de poemas.

Nas considerações finais, efetuamos a apreciação de todo o trabalho desenvolvido, a fim de considerar a parcela de contribuição dessa pesquisa para o despertar dos alunos pelo gosto de poemas.

CAPÍTULO 1

O DESAFIO DA PRÁTICA DE LEITURA

Nos dias atuais, percebemos que o trabalho com a leitura tem se tornado uma preocupação para os professores de uma forma geral e se transformando em alvo de várias discussões nos meios acadêmicos. Esta tensão entre as práticas de leitura e o ambiente escolar se dá por diversos fatores que transpõem os limites deste estudo, o qual traz para a reflexão os caminhos percorridos da leitura escolar.

A questão proposta neste capítulo está ligada à discussão sobre o percurso e o desafio da prática de leitura que se enfrenta nas escolas de uma maneira geral. Sabemos que ler traz muitos benefícios a quem o pratica de modo correto. A leitura desenvolve e aumenta o repertório geral, auxilia para que o indivíduo tenha senso crítico, amplia o vocabulário, estimula a criatividade e, finalmente, facilita à escrita.

Dessa maneira, se faz necessário (re)pensarmos o trabalho com a leitura dentro do ambiente escolar e, para o cumprimento deste trabalho é preciso abrir espaços nos quais os alunos possam exercer na escola práticas vivas de leitura para que os mesmos se apropriem efetivamente de tais práticas.

1.1. Caminhos e desafios no ensino da Leitura

O processo de ler é complexo, assim como em outras tarefas cognitivas, como resolver problemas, aplicar algum conhecimento a uma situação nova. É essencial o engajamento de muitos fatores como a percepção, atenção e a memória para se apropriar do sentido do texto.

A leitura constitui-se, por outro lado, em um dos instrumentos decisivos do estudo, imprescindível em qualquer tipo de investigação científica, pois por meio dela podemos obter informações básicas e específicas, permitindo um melhor entendimento sobre o assunto. O ato de ler é indispensável para que possamos adquirir novos conhecimentos e produzir discurso próprio, oral ou escrito, de um questionamento crítico que permite a compreensão e assimilação de ideias. Mas ainda temos caminhos a desbravar e grandes desafios no que diz respeito ao ensino da leitura.

O que ouvimos frequentemente entre alguns educadores é que o aluno não lê, tem dificuldade em compreender um texto ou até mesmo um simples enunciado. O quadro não é animador e não vamos discorrer sobre o fato, pois muitas são as causas e algumas fogem ao nosso controle. Nos atentaremos, então, ao ensino da prática de leitura e seus desafios na escola.

Vale a pena ressaltar a importância da leitura e da escrita no ensino aprendizagem, ainda que as diferentes motivações para as práticas de leitura estejam vinculadas a condições super e infra-estruturais de uma sociedade, não há como negar que a escola, enquanto instituição encarregada pela formação educacional das novas gerações, exerce um papel de máxima importância no processo de preparação de leitores.

Podemos dizer que, a leitura acontece no cotidiano de cada pessoa de modo plural, mas é ainda na escola, enquanto instituição formal de educação, que atividades ligadas à aprendizagem sistemática dos diferentes campos do saber, devem ser concebidas e desenvolvidas de maneira competente para a formação desse aluno leitor. A importância de conquistar o aluno leitor é preocupação constante, sempre procurando ressaltar as inúmeras possibilidades que a leitura traz para o indivíduo. Se, tanto na vida quanto na escola, a leitura acontece de forma multifacetada, cabe, no entanto, à escola, a tarefa de alargar, por essa leitura, os limites do próprio processo de produção do conhecimento e de reflexão sobre o que se produziu. Professores, alunos, textos e leituras devem interagir todo o tempo de forma organizada e sistemática.

Segundo Marisa Lajolo (1993),

Ninguém nasce sabendo ler: aprende-se a ler à medida que se vive.
Se ler livros geralmente se aprende nos bancos da escola, outras leituras se aprendem por aí, na chamada escola da vida.
(LAJOLO, 1993, p.7)

Os alunos de hoje, por vários motivos, quase não têm contato sistemático com a leitura de qualidade e com adultos leitores fora do ambiente escolar. A escola torna-se então o único veículo de interação desses alunos com textos, cabendo a ela oferecer leituras de bom nível, diversidade de textos, modelos de leitores e práticas de leituras eficazes e, conseqüentemente, formar leitores competentes. Um leitor competente é aquele que, por iniciativa própria, seleciona, de acordo com as

suas necessidades e interesses, o que ler entre os vários tipos de textos que circulam socialmente. Para que isto se efetue, a escola deve promover a prática constante de leitura organizada em torno da diversidade de textos. O ideal é que o professor seja bom leitor, que esteja sempre atualizado em relação a novas publicações e crie com seus alunos uma interação capaz de estimulá-los a falar sobre o assunto.

Devido à reconhecida necessidade do contato com o literário, as escolas, bem ou mal, têm incentivado a leitura de livros no contexto escolar, seja ele indicado pelo professor ou escolhido pelo aluno. Ceccantini e Aguiar (2012, p.245) acreditam que a leitura escolarizada se diferencia da prática espontânea por responder inevitavelmente a finalidades pedagógicas e filosóficas da instituição e, conseqüentemente, do professor. Em vista disso, toda proposta escolar para a prática de leitura deve ser consistente em seus objetivos, delinear caminhos que garantam resultados e que a leitura na escola, algumas vezes, tende a ser vista com uma atividade que não pode ser destituída do prazer espontâneo.

A leitura como experiência (na escola, na sala de aula ou fora delas) acontece nos momentos em que o lido se enraíza naqueles que lêem e também quando os textos são comentados com os outros, na troca, no elogio, na crítica, no relato, em situações nas quais se fala de livros e de histórias, contos, poemas ou personagens, compartilhando sentimentos e reflexões, plantando no ouvinte a coisa narrada, criando um solo comum de interlocutores. O que faz da leitura uma experiência é entrar nessa corrente em que há partilha e tanto quem lê quanto quem propiciou a leitura aprendem, crescem, são desafiados, alterados.

Assim, nas palavras de Zilberman (1987):

[...] cabe examinar as relações entre o livro e seu beneficiário, que podem se estender desde a imposição de certas normas, reproduzindo o modelo autoritário da sociedade, ao estímulo à emancipação do leitor, quando se converte num ser crítico perante a realidade circundante. E, de outro lado, verificar os textos enquanto tais, enfatizando os vínculos que mantêm com a arte literária e buscando evidenciar seu valor estético. (ZILBERMAN, 1987, p.7)

Por isso, o leitor deve se emancipar, tornando-se um crítico perante a realidade. Logo, a abordagem da literatura na escola torna-se uma oportunidade de

contato do indivíduo com a obra, contato que não é possível ou incentivado na maioria das realidades extraclasse. Zilberman (2009) cita que entre a escola e a leitura há uma relação praticamente indissociável, pois “a escola e a leitura, na esteira de seus vínculos com a aquisição da escrita, convivem, tendo nascido em épocas próximas e derivando seu desenvolvimento de seus progressos recíprocos”. (ZILBERMAN, 2009, p.19)

A seguir abordaremos a concepção de leitura como processo de interação, pois cabe compreender cada instituição ligada ao ensino e à aquisição da prática de leitura o papel que a escola desempenha como meta de superação das dificuldades para que ambos se beneficiem.

1.2. A concepção de Leitura como processo de interação

O ensino da leitura atualmente se depara com vários problemas e dificuldades em ser realizado efetivamente, pois ensinar não é mais transmitir e informar. Ensinar é aprender a construir respostas e portanto, a proposta de leitura enquanto resultado de interação parte do pressuposto de que o texto é passível de interpretações múltiplas e que a função do professor é mediar tais informações. O que pretendemos é descrever a leitura como um processo de interação. Partimos do princípio de que, para haver interação, é necessário que haja pelo menos dois elementos e que esses elementos se relacionem de alguma maneira. Desse modo, abordamos neste tópico as concepções sobre a leitura e o processo de interação na formação leitora do aluno, trazendo para essa discussão a perspectiva de três estudiosos sobre o assunto, Foucambert (1994); Meurer (2000); Geraldi (2010)

Para possibilitar um elo com as informações e articular a compreensão presas ao texto é preciso que haja verdadeira interação com a leitura. Nesse sentido, “[...] as múltiplas estratégias que compartilhamos numa comunidade interpretativa, na qual autores e leitores estão sempre situados, restringem a pluralidade e infinitudes de sentidos de um texto.” (GERALDI, 2010, p. 103). Sendo assim, a leitura de um texto pode significar um acontecimento para o aluno, mas esse acontecimento não é sempre o mesmo para todos: “Assim, o texto se oferece sempre como uma tensão entre as leituras que lhe são previstas e as leituras que, imprevistas, podem ser construídas.” (GERALDI, 2010, p. 110).

A leitura prevista deixa de ser a única leitura possível e o sentido que vale é aquele atribuído pelo leitor do texto. Dessa forma não há leitura de um único sentido, mas sim recriações de sentidos. E “é essa natureza plural do ato de ler que permite atribuímos vários sentidos ao texto” (GERALDI, 2010, p. 106). Para o autor há múltiplas faces do leitor que se distribuem, passando pelas condições sociais, pelos saberes e conhecimento e pela competência linguístico-discursiva, em que conseguimos observar esse processo de interação.

A leitura é vista como uma atividade dialógica, um processo de interação que se realiza entre o leitor e o autor, mediado pelo texto, estando todos os elementos envolvidos situados em um determinado momento histórico-social.

Para Foucambert (1994), “o ato de ler exige estar integrado num grupo que de fato já utiliza a escrita para viver (...) Aprender a ler é preciso desenvolver uma atividade léxica, praticando atos de leitura” (Foucambert, 1994, p.31), isto é, a criança deve estar envolvida com textos reais, “verdadeiros”, que circulam socialmente. Além disso, o ensino não deve partir da palavra para o texto, ele deve estar pautado em textos “reais”, globais.

Neste sentido, ainda, afirma Foucambert, “o problema totalmente novo, colocado para todos, é inventar as condições e abordagens de uma política de “leiturização” que responda às necessidades individuais e sociais de nosso tempo, da mesma maneira que a política de alfabetização satisfaz as exigências dos últimos cem anos” (FOUCAMBERT, 1994, p. 33).

Para tanto, ter esse processo de interação com a leitura ou “leiturização” social como afirma Foucambert (1994) é preciso desenvolver um processo contínuo de formação de leitores, pois nas palavras do autor “aprender a ler é, portanto, uma negociação entre o conhecido, que está na nossa cabeça, e o desconhecido, que está diante dos olhos. É um trabalho de detetive...” (FOUCAMBERT, 1994, p.38). As situações de leitura mais motivadoras também são as mais reais, isto é, aquelas em que o aluno lê para adquirir conhecimentos, para compreender o mundo que o cerca, para sentir o prazer de ler.

Já Meurer (2000) evidencia que a leitura deve ser lida com criticidade “ler criticamente significa entender que representar o mundo de uma determinada maneira, construir e interpretar textos evidenciando determinadas relações e identidades constituem formas de ideologia” (MEURER, 2000, p.169). Meurer (2000) também propõe que cabe à escola e aos professores proporcionarem aos alunos

formas de desenvolver a leitura crítica das crianças, que o processo de leitura não fique apenas no literal, em sua dimensão cognitiva, mas também em sua abrangência social.

As atitudes e intervenções do professor, em sala de aula, no trabalho com a leitura são imprescindíveis, já que são elas que orientam e conduzem os procedimentos adotados para se promoverem as práticas de leituras escolares. Assim, fica nas mãos do professor o direcionamento da leitura, cabendo a este centrar essa atividade unicamente em habilidades de decodificação ou formular estratégias para a compreensão da leitura, e que leve além da escola.

Portanto, acreditamos que a concepção de leitura como processo de interação e o processo de construção de sentido na leitura se realize quando, por meio de inferências feitas a partir de pistas lingüísticas, somadas ao seu conhecimento de mundo, o leitor pode interpretar e construir sentido do material lido, ultrapassando a visão de leitura como mera extração de informações. Em consequência dessa interação neste próximo tópico abordaremos a leitura na escola e seus objetivos.

1.3. A Leitura na Escola

No ambiente escolar é fácil perceber que os alunos cada vez mais se afastam e se desinteressam pela leitura. Baseando-se nesses fatos, surgem duas grandes questões: como ocorre a prática pedagógica quanto aos atos de leitura? E como o ensino e o incentivo à leitura em sala de aula, assim como as propostas de ação alternativas podem levar os alunos a se tornarem leitores competentes?

A leitura não pode mais ser vista como uma questão técnica, como prática elitizada que dominou a escola por muito tempo, mas deve ser ampliada para uma visão coletiva e social, fundamental para a construção da cidadania como dimensão de participação ativa na sociedade. A escola enfrenta uma série de desafios frente a várias transformações na sociedade capitalista como: o avanço da tecnologia, o acesso rápido às mídias, a violência, a precariedade das escolas públicas, a desvalorização do professor. Desta forma, a leitura assume uma dimensão importante na escola, nos grupos, nas comunidades em que circula porque é um processo colaborativo de conhecimentos e de experiências de vida.

O encaminhamento da leitura deve ser orientado para uma série de reflexões, visando os materiais selecionados e os procedimentos adotados para essa orientação. O profissional que está inserido na área da educação precisa ter consciência do processo de leitura para descobrir e aumentar as suas representações sobre o mundo da leitura. Um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê.

Apesar disso, podemos dizer que a sedução para gostar de ler tem que começar na escola. Portanto, o primeiro passo da escola consiste em assegurar um correto e adequado processo de iniciação à leitura. Essa leitura como prática sócio-cultural deve estar veiculada ao prazer com facilitamento de discussão e apreciação dos significados atribuídos ao texto, com várias interpretações dentro de um clima amigável e com resultados significantes para os leitores e professores.

Portanto, ler é considerar aquilo que envolve o mundo do leitor, ou seja, o contexto ligado à experiência de vida de cada ser, para que este possa relacionar seus conceitos prévios com o conteúdo do texto e, dessa forma, construir o sentido. Ao considerar como leitura suas experiências e vivências, a leitura se tornará uma prática muito mais ampla e viva, na qual o pulsar das informações baterá no mesmo ritmo das emoções. Nesse sentido, abordaremos a seguir a formação leitora do aluno na escola.

1.4. A formação Leitora do aluno

Ao tomar como horizonte o exercício da leitura como prática significativa e o desenvolvimento de atitude crítica, acreditamos que para formar leitores na escola é preciso favorecer o contato entre os alunos e a diversidade textual existente, de modo a tornar o aluno um leitor apto a reagir com atitude crítica em situações cotidianas e na esfera social.

A comunicação acontece por meio da linguagem e o homem só se vê e se reconhece como ser humano por meio da mesma, pois ela representa o meio de comunicação, de partilha de experiências e transformações. É preciso haver um grupo humano, no qual o homem se confronte com o conjunto e se perceba como indivíduo. Portanto, nas palavras de Bordini e Aguiar (1988) é “na convivência social que nascem as linguagens, conforme as necessidades de intercâmbio”. Logo, é por

meio das vivências linguísticas que nos damos conta de nosso conhecimento de mundo, de nosso saber, dos outros seres humanos e de nós mesmos.

Dentre as formas de expressão e comunicação, a linguagem verbal é a mais utilizada. Bordini e Aguiar (1988, p.9) definem bem que todas as linguagens humanas são repassadas pela palavra e, dessa maneira através do código escrito, o livro se torna o documento que conserva a expressão do conteúdo de consciência humana individual e social de modo cumulativo. Nesse caso, o livro se torna a expressão do conteúdo individual e social.

Assim sendo, o universo dos livros e dos mais variados registros escritos possibilitam o acesso aos textos informativos e literários, possibilitando a construção de conhecimentos e informações sobre o mundo do qual fazemos parte, desenvolvendo e fortalecendo vínculos entre os leitores e seus pares e outros homens. Ainda de acordo com Bordini e Aguiar (1988, p.13), “uma das necessidades fundamentais do homem é dar sentido ao mundo e a si mesmo e o livro, seja informativo ou ficcional, permanece como veículo primordial para esse diálogo”.

Para tanto, acreditamos que leitura é interação: o ato de ler implica nesse diálogo entre os sujeitos históricos. Desde as primeiras etapas escolares as atividades de leitura, visam ao desenvolvimento de competências que permitam compreender o texto e seu significado. Mas essa leitura muitas vezes, o aluno não consegue interpretar e, o mais importante, entender aquilo que está lendo, não tendo condições necessárias de reagir e tomar posição diante dele. Ler implica uma atitude responsiva, isto é, estruturar uma resposta ao texto por meio de novas ações, de linguagem ou não.

Cabe aqui dizer também sobre a responsabilidade do professor para que consiga fazer com que esse aluno leia e se interesse pela leitura.

Diante disso, podemos dizer que o professor deve proporcionar situações e sentidos em suas aulas e usar estratégias de leitura bem selecionadas e colocá-las em prática no seu dia a dia. Abordaremos o “tema estratégias de leitura” mais adiante em um capítulo específico.

Por isso, é importante que as práticas pedagógicas na formação leitora procurem resgatar, mediante o planejamento de tarefas e durante a interação em sala de aula, a possibilidade de a leitura assegurar ações de construção de sentidos. Assim como, aprender a ler de forma competente é muito mais do que decifrar mensagens; trata-se de procurar um sentido e questionar algo escrito a partir de

uma realidade e muitas vezes como nos diz Bordini e Aguiar (1988, p.13), “os textos dos livros didáticos e outros livros impostos nada tem a ver com as suas aspirações, suas necessidades e interesse imediatos e com sua realidade”. Isso significa muitas vezes dizer que o professor utiliza-se de textos que não traz nenhum sentido para o aluno, o qual se desinteressa, em lê-lo ou compartilhar dessa leitura. É preciso motivar e encantar o aluno para leitura.

Segundo Lajolo (2001), outro aspecto a ser destacado na leitura é a percepção dos elementos de linguagem que o texto manipula. Dessa maneira, a leitura literária permite ao indivíduo descobrir-se em seu papel de interação com o texto. Para isso, a escola deve promover o “encontro” entre leitor e texto, permitindo que esse leitor se reconheça na obra, sinta que sua cultura pode estar vinculada com o texto lido. Sendo assim, para iniciar a formação do leitor, é assaz importante proporcionar a leitura de textos literários próximos à sua realidade, pois quanto mais familiaridade o texto despertar no leitor, mais haverá predisposição para a leitura, suas expectativas estarão sendo priorizadas em relação ao ensino da leitura.

Desse modo, abordaremos brevemente sobre os primórdios da leitura para a formação do leitor. Sabemos que a leitura é uma prática antiga até mesmo entre os gregos que relacionaram a leitura ao ensino e à pedagogia, mas somente com o limiar da sociedade burguesa é que surgem os primeiros tratados sobre leitura. Diante da necessidade de conceber ideias que fundamentassem o ato de ler os interesses burgueses delegaram à escola a tarefa de as crianças entrarem em contato com o mundo da escrita e da leitura. Tais posicionamentos percorreram um longo trajeto e podem ser identificados nas salas de aula até hoje.

No entanto, concordamos com Zilberman (2009) ao falar da habilidade de ler que é o primeiro passo para assimilação dos valores da sociedade que circunscrevem sistemas pedagógicos, encerrando-os em círculos ideológicos, pois desde o Iluminismo as afinidades entre escola e leitura são patrocinadas como ponte para a liberdade e a ação criadora. Desse modo, o livro passou a ser o único instrumento fundamental para a difusão do saber e utilitário da leitura.

Diante de tal situação, em consonância com o suporte teórico de nosso trabalho, o que para nós se torna necessário, é buscar uma concepção de leitura que refute o ato de ler como procedimento de mera decodificação de sinais gráficos e optar por uma concepção ampla de leitura, principalmente com o poema, e que o

aluno possa ler para compreender, interpretar, interiorizar os poemas quando apresentados e o mesmo sinta realmente que está sendo formado como aluno leitor.

Para tanto, é preciso compreender que formar alunos leitores é uma tarefa das mais árduas para os professores e intensas que podem e tentam realizar, pois vivemos em um país em que a leitura não é vista como atividade principal. Cabe, portanto, aos educadores proporcionar aos alunos oportunidades de leitura e observação e analisar o contexto no qual estão inseridos e, mais do que isso, oferecer-lhes condições para sua formação cidadã. Nas palavras de Bordini e Aguiar:

A formação escolar do leitor passa pelo crivo da cultura em que este se enquadra. Se a escola não efetua o vínculo entre a cultura grupal ou de classe e o texto a ser lido, o aluno não se reconhece na obra, porque a realidade representada não lhe diz respeito. Mesmo diante de qualquer texto que a escola lhe proponha como meio de acesso a conhecimentos que ele não possui no seu ambiente cultural, há a necessidade de que as informações textuais possam ser referidas a um *background*, cujas raízes estejam nesse ambiente. Portanto, a preparação para o ato de ler não é apenas visual-motora, mas requer uma contínua expansão de demarcações culturais da criança e do jovem. (BORDINI & AGUIAR, 1988, p.16, grifo das autoras)

Nesse sentido, assim como as autoras nos relatam, o aluno precisa se reconhecer no texto lido, com a leitura de fato. Ler e compreender o texto pressupõe informações antigas e novas sobre o assunto tratado, estabelecendo relações com outros textos, com a cultura, a sociedade, a história e com a própria linguagem. Isso significa dizer que, em todas as formas de leitura, o conhecimento prévio é exigido para que a compreensão dos significados expressos (ou veiculados) no discurso seja mais produtiva.

Desta forma, devemos promover o encontro entre o leitor, o texto e o mundo. Permitindo o diálogo com o texto para que o mesmo não fique limitado ao conteúdo expresso pelo autor, mas consigam ir além da posição fixa ocupada pelo intérprete. Mas para alcançar esses objetivos busca-se:

[...] desenvolver no aluno seu potencial crítico, sua percepção das múltiplas possibilidades de expressão linguística, sua capacitação como leitor efetivo dos mais diversos textos representativos de nossa cultura. Para além, da memorização mecânica de regras gramaticais, ou das características de determinado movimento literário, o aluno deve ter meios para ampliar e articular conhecimentos e competências que possam ser mobilizadas nas inúmeras situações

de uso da língua com que se depara, na família, entre amigos e na escola [...] (PCN, BRASIL, 2002,p.55)

Com isso, faz-se necessário o trabalho com a leitura de diversos textos, para que os alunos compreendam o que está ao seu redor, ou seja, faça também sua leitura de mundo, assim como nas palavras de Lajolo (1994) “lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê [...] que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela”. (LAJOLO,1994,p.7).

A responsabilidade de formar leitores na escola nos faz refletir sobre como é esse ensino e de que forma o aluno tem acesso a essa leitura. Dessa forma as ideias de Colomer e Camps (2002) partem da afirmação que ler é entender um texto e que a escola contradiz com frequência tal afirmação ao basear o ensino da leitura em uma série de exercícios mecânicos de leitura que na verdade os alunos não conseguem compreender o texto. Para elas, essas contradições “não se baseiam, naturalmente, em uma perversidade intrínseca da escola, mas são consequências de uma concepção leitora que permaneceu vigente durante séculos, até que os avanços teóricos nesse campo, nas últimas décadas, a puseram em questão”. (COLOMER & CAMPS, 2002, p.30).

Podemos dizer que a leitura de um texto se constitui por meio da construção entre o emissor e o receptor. O emissor constrói a informação que julga necessária para que o receptor o entenda, supondo que há muitas coisas que não é preciso explicitar,

Durante a leitura de uma mensagem escrita, o leitor deve raciocinar e inferir de forma contínua. Isto é, deve captar uma grande quantidade de significados que não aparecem diretamente no texto, mas que são dedutíveis: informações que se pressupõem, conhecimentos compartilhados entre emissor e receptor, relações implícitas (temporais, de causa e efeito, etc.) entre os elementos do texto, etc. (COLOMER & CAMPS, 2002, p.31)

Dessa forma, ler é atribuir diretamente um sentido a algo escrito. Diretamente significa sem passar pelo intermédio da decifração (letra por letra, sílaba por sílaba, palavra por palavra). A leitura e a compreensão de textos envolvem um contato com uma grande diversidade de outros textos e estratégias de compreensão leitora.

Portanto, quem lê deve ser capaz de compreender e estabelecer relações entre o que lê e o que faz parte do seu mundo. Podemos afirmar que em muitos casos nossos alunos não conseguem fazer tal distinção, o ler e o compreender ficam distantes da realidade de cada um. Sabe-se que a formação do gosto de ler começa muito cedo já na família através das cantigas folclóricas, da literatura infantil e do contato com os livros criando atitudes positivas em relação à leitura. A escola se isso acontecesse caberia apenas dar continuidade ao trabalho da instituição familiar, mas infelizmente não é isso que presenciamos, pois as maiores das famílias brasileiras estão mergulhadas em dificuldades econômicas e muitas não se envolvem com essa relação: criança x livro.

Essas constatações reafirmam que “no contexto brasileiro, a escola é o lugar onde muitos têm talvez sua única oportunidade de contato com os livros (...)” (MARTINS, 1984, p.25). Por trabalhar com o código escrito, por excelência, a escola é um lugar importante na formação do leitor. É evidente que, formar o gosto pela leitura, oferecido aos alunos pela escola ao longo dos anos, não tem sido tarefa fácil. Os professores na sua grande maioria optam em utilizar a leitura “obrigatória”, assim os professores pensam que estão formando leitores, mas na realidade distanciam cada vez mais o aluno da leitura.

É preciso rever tais situações, ou seja, a obrigatoriedade de ler um livro por imposição do professor acaba distanciando o aluno cada vez mais da leitura. É necessário que se conserte esses equívocos da escola e que se procure associar o ato de ler ao prazer, tentando envolver e motivar o aluno para a leitura. Por outro lado, a obrigatoriedade da leitura na escola não é de todo negativa. Existem muitos alunos que, a partir de textos e/ou citações lidos em aula, se interessam pela leitura da obra inteira e, muitas vezes, por livre e espontânea vontade, adquirem não só aquele livro, mas também outros do mesmo autor ou até mesmo de autores diferentes os quais lhes tocam por quaisquer motivos. Quando isso acontece, não se há de perder tempo o professor, a pessoa responsável pela sala de leitura ou quem quer que perceba esse interesse, precisa aproveitar essa oportunidade e incentivar o aluno a saciar a sua vontade de ler. Nessa hora, nasce um leitor que até então estava adormecido, ser em formação à espera do momento exato para desabrochar e poder, a partir daí, deliciar-se da magia oferecida pelos livros.

Considerando-se que ler é “um ato libertador”, a busca do livro também deverá caracterizar-se pela espontaneidade e pela alegria de fazê-lo e encaminhar-

se para a exploração das potencialidades lúdicas e artísticas do homem. Para que se crie o gosto pela leitura, não basta que se ofereça ao jovem leitor, esporadicamente, oportunidades de contato com os livros. A escola precisa viabilizar tempo para a leitura.

Nos países onde se lê muito, o currículo já consagra um número maior de horas à leitura. Na França, por exemplo, na primeira série, destinam-se todos os dias quatro meias horas inteiras à leitura (...) nos países em que se destina mais tempo à leitura na escola, as crianças também lêem mais em casa (...) (BAMBERGER, 1996, p.51-52).

Entendemos que a escola tem um papel fundamental na motivação dos alunos quanto à importância da leitura para formação cidadã. A formação de leitores depende, portanto, da escola e assim, de um bom trabalho dos professores que capacitam os alunos a serem bons leitores, que lhes ofereça a oportunidade de ter uma experiência prazerosa e interessante com a leitura, e, conseqüentemente a literária.

Nesse panorama, a literatura de ficção surge como a mais indicada para formar o gosto de ler, mas deve se intensificar na escola também o convívio com os textos literários. Por isso, a indicação da literatura de ficção deve-se também ao fato da obra literária trazer um ingrediente que a individualiza perante os outros textos: a estética da palavra. Enquanto os outros textos utilizam como matéria-prima a “palavra informação” e visam a produções informativas de interpretação única, a obra literária serve-se da “palavra-arte” e visa a produções literárias de multiplicidade interpretativa. O tratamento literário dispensado pelo autor permite que o leitor tenha contato com a estética da palavra como ato criativo que busca o poético e a diversidade de interpretação. Essa particularidade caracteriza a obra literária como arte e a diferencia da obra essencialmente informativa. Por isso, nossa escolha de utilizarmos o texto poético.

A escola, ao trabalhar com a literatura, faculta ao aluno essa visão artística da obra e abre espaço para que ele próprio exercite a “palavra-arte” como instrumento expressivo. É através da leitura de obras que se resgata o privilégio da leitura como ato individual e solitário, e faculta-se ao leitor o relacionamento profundo com o texto, permitindo que nele se opere a sua intervenção como ato essencialmente individual.

Observamos em aulas de Língua Portuguesa apenas leituras de textos fragmentados encontrados nos livros didáticos e o professor não busca o texto na sua íntegra. Em relação aos textos poéticos observamos um profundo distanciamento entre o texto e o aluno, principalmente no que diz respeito a compreensão textual. Por isso, enfatizamos mais uma vez que a formação do aluno leitor depende muito de seu estímulo e de estratégias de leitura bem elaboradas e precisamente aplicadas. Dessa maneira poderemos ter resultados satisfatórios em relação ao processo de formação do aluno leitor.

Na vivência escolar é o professor que está diretamente ligado e em contato com o aluno. A ele cabe dar testemunho de amor aos livros. Ao professor compete estar consciente da importância da leitura para o homem e atento à problemática da sociedade brasileira, das dificuldades da instituição escolar, repensar a sua prática.

Contudo, sabemos que a literatura de ficção surge como a mais indicada para se formar o gosto pela leitura, porém nessa pesquisa tende a levar a formação do leitor literário por meio de poemas, os quais nem sempre são vistos de bom grado pelos alunos, pois os mesmos não os lêem corretamente, nem tampouco compreendem o que acabaram de ler. Isso ocorre, muitas vezes, pelo fato de o próprio professor trabalhar com o poema apenas com o propósito de exercitar a gramática. Por isso, na sala de aula, a leitura de poemas precisa tornar-se um hábito, mas infelizmente não é o que ocorre. Podemos dizer que se o professor não tiver o hábito de leitura de poemas, se ele, '[...] não se sensibilizar com o poema, dificilmente ele conseguirá emocionar seus alunos [...]' (CUNHA, 1986, p.95).

Logo, para a formação do aluno leitor é preciso tomar como horizonte o exercício da leitura como prática significativa e o desenvolvimento de atitude crítica, pois para formar leitores na escola é necessário favorecer o contato entre os alunos e a variedade de textos poéticos e os pertencentes a diferentes gêneros.

Por isso, discutiremos a seguir questões relacionadas à prática de leitura do professor, à formação do professor-leitor e à posição oficial sobre o ensino da leitura de acordo com documentos oficiais.

1.5. O Professor de Leitura e o Professor Leitor

Considerando que também cabe aos professores a função de formar leitores, levantamos as seguintes indagações: Qual é a relação entre a prática de

leitura do professor e sua formação quanto professor de leitura? Oficialmente, como a escola quer que o professor ensine a leitura? Questões essas que são levantadas a partir da reflexão do estudo dessa pesquisa sobre a formação do aluno leitor e o quanto o professor representa para esse aluno e para essa aula.

Quanto a este aspecto, nos baseamos em Magnani (1992), que fez um estudo das práticas de leituras do professor e diagnosticou que o repertório de leitura do mesmo é restrito e desatualizado. Do mesmo modo, Rildo Cosson (2014) também trata desse assunto, quando diz:

(...) O professor é o intermediário entre o livro e o aluno, seu leitor final. Os livros que ele lê ou leu são os que terminam invariavelmente nas mãos dos alunos. Isso explica, por exemplo, a permanência de certos livros no repertório escolar por décadas. É que tendo lido naquela série ou naquela idade aquele livro, o professor tende a indicá-lo para seus alunos e assim, sucessivamente, do professor para o aluno que se fez professor (...) (COSSON, 2014, p.32)

Desse modo, as interpretações de leituras realizadas pelo professor são baseadas em outros (exemplo: o livro didático). Muitos professores os têm como o centro do saber, deixando de lado as múltiplas interpretações que um texto pode ter e fixa somente àquilo que o livro didático traz.

Magnani (1992) faz duas afirmações quanto ao professor-leitor: a sua prática de leitura mantém-se ligada aos modelos tradicionais de ensino (obras clássicas de literatura, livros didáticos sugeridos pela escola) e a sua interpretação é direcionada pelas respostas desses livros didáticos. Isso causa uma ruptura na interpretação que o aluno realiza, pois a prática do professor deve ser revista no ensino da leitura.

O professor nesse contexto transforma a leitura em um “instrumento de controle”, devido ser realizado por esquemas interpretativos pré-determinados pelo autor do livro didático e adotando em seu trabalho pedagógico uma leitura “ideal”, ou seja, uma interpretação direcionada. Ao reproduzir essa leitura, deixa que se coloque mais um mediador entre ele, o aluno e o texto, aumentando ainda mais a distância entre o leitor e o texto.

O bom professor deve considerar que para se formar leitores deve-se ter o gosto pela leitura e esse mesmo professor ciente de sua prática deve ser reflexivo, comprometer-se a pesquisar e auto-observar seu desempenho em sala de aula,

sempre tentando melhorar, enriquecer a sua abordagem para o ensinar e o aprender.

Partimos da concepção de leitura como prática interativa, considerando que é na relação leitor e autor que se dá a construção de sentidos do texto, situação em que o leitor demonstra suas experiências de leituras anteriores, seus conhecimentos de mundo, linguístico e textual.

Segundo Kleiman (1989),

A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimento prévio: o leitor utiliza a leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto. E porque o leitor justamente utiliza diversos níveis de conhecimentos que interagem entre si, a leitura é considerada um processo interativo. Pode-se dizer com segurança que sem engajamento do conhecimento prévio do leitor não haverá compreensão. (KLEIMAN, 1989, p.13).

Nesse sentido, ao falarmos em ato de ler, é preciso entender que esse processo é dinâmico, implica apreender significados e, também, trazer para o texto lido a experiência, o conhecimento de mundo e os conhecimentos linguísticos do leitor.

Assim, há de se considerar que cabe ao professor a responsabilidade de estabelecer em sala de aula situações abertas e flexíveis que abram caminhos para a interação do aluno com o texto, ou seja, em sala de aula é o professor um agente organizador no ensino da leitura. Igualmente há de se considerar que os modos de ensino partem da vivência e da própria concepção que o professor tem provenientes da educação formal que recebeu em contextos escolares, ainda que as situações de educação informal, na família, na igreja, no trabalho e em outros espaços também sejam espaços de formação leitora.

Para tanto, a formação leitora deve começar também pelo professor, pois ele é o responsável de formar outros cidadãos, são os principais influenciadores nos hábitos de leitura do aluno. Mas, infelizmente, há indícios que no seu tempo livre, eles raramente abrem um livro. O professor, muitas vezes, não tem condições financeiras de adquirir livros, não tem acesso a boas bibliotecas e não tem tempo para ler. O baixo salário de alguns professores exige que trabalhem mais de um

turno, o que torna a sua rotina cheia não sobrando tempo para ler. Principalmente a professora (mãe, trabalhadora, dona de casa e mulher), vê-se rodeada de múltiplas funções a exercer, o que torna o seu dia a dia ainda mais estressante, faltando o tempo para ler, pensar e refletir. Mas mesmo assim, o professor precisa dentro de sua rotina reservar um tempo para a leitura, pois ela é fundamental para a sua formação e prática em sala de aula.

Sabemos que o sucesso do ensino-aprendizagem depende da ação de ensinar por parte do professor e da motivação do aluno para aprender. Entretanto, como o professor é o agente organizador das práticas educativas em sala de aula, é a ele que se atribui o sucesso ou o fracasso da aprendizagem da leitura. Assim, para compreender as práticas pedagógicas no ensino de leitura, consideramos de fundamental importância refletir sobre a formação leitora de professores em sua escolaridade, da educação básica ao ensino superior.

Partimos da formação desse professor, o qual também passou pelos mesmos problemas que enfrenta atualmente, o desinteresse pela leitura. Primeiramente veremos que os professores da educação infantil trabalham muito com o lúdico, pensando em desenvolver as potencialidades da criança e as diversas habilidades. Nesta fase, as histórias infantis são muito evidenciadas e os alunos enveredam-se no mundo do faz de conta, pois diversas são as atividades que estimulam na criança o prazer pela leitura. Mas, ao chegar ao ensino fundamental esse prazer de ler é esquecido.

Podemos perceber que aquele estímulo ocorrido na educação infantil é esquecido, pois o professor está preocupado em passar o “conteúdo” para os alunos. Os professores não trabalham com estratégias de leitura bem direcionadas para que esses alunos não percam o estímulo por ler. Esses mesmos professores, muitas vezes, não sabem como desenvolver a leitura de uma maneira prazerosa e nem reconhecem sua importância no processo ensino/aprendizagem.

A leitura nessa fase torna-se algo obrigatório desestimulando cada vez mais o gosto pela leitura. Desse modo, é imprescindível que a formação do professor de alguma forma deve mostrar uma união entre a teoria e a prática. Não é uma receita. É a apresentação de possibilidades. Bem sabemos que o problema do ensino não é de absoluta responsabilidade do professor, porque muitos fatores influenciam, como por exemplo, a dificuldade da interação entre professor, aluno e texto literário, os recursos, a estrutura oferecida pelas escolas para as aulas. Mas também sabemos

que o professor quando precisa ensinar os seus alunos a ler, falta-lhe embasamento teórico, restando-lhe a reprodução da prática de seus antigos professores. Assim, Silva (1998) nos relata “se o quadro geral de formação de professores nestes últimos tempos pode ser qualificado de fraco, a sua preparação prévia para o encaminhamento da leitura na escola pode ser considerada fraquíssima ou simplesmente nula (SILVA, 1998, p.70).

Observamos que infelizmente há má formação do professor de leitura e mesmo os próprios professores de literatura e da área de língua portuguesa nem sempre são leitores bastante frequentes. Como nos afirma Zilberman (1999), "se o professor não é leitor, ele não vai formar leitores". Poucos são os cursos de formação de professores que utilizam a leitura literária em seus currículos e o professor por sua vez deve vencer esse desafio.

Se o curso de formação não proporcionou embasamento teórico mínimo, para o professor ter uma boa atuação em sala de aula, o acadêmico ou o futuro professor, deve buscar esses subsídios teóricos. O mesmo deve ir além, buscar estudar como se dá o processo de aprendizagem da leitura e se dedicar a essa tarefa que propôs em sua vida, ser leitor e formar leitores. Para discutir sobre o professor leitor algumas questões devem ser pensadas como cita Silva,

O que o professor lê? Que acesso tem o professor aos livros de sua área de conhecimento? Quantas visitas faz o professor às bibliotecas, às livrarias? Quantos livros o professor tem condições de adquirir, visando o incremento do ensino e o seu crescimento como pessoa? Que tempo sobra afinal, para a busca e a leitura de textos? E a biblioteca escolar existe e está funcionando realmente? (SILVA, 1988, p. 13).

O desafio imposto às redes de ensino que assumem para si a tarefa de fazer da escola um lugar de formação de leitores é, primeiro, fazer com que os professores passem à categoria de leitores. De certa forma, as estratégias não diferem muito das que devem ser adotadas entre os estudantes: é preciso oferecer livros e criar momentos para que a leitura seja praticada de forma prazerosa e significativa.

Caso o professor não estimule e nem crie em sala de aula um ambiente propício ao desenvolvimento da leitura crítica, essa habilidade não será

desenvolvida pelos alunos; ele deve propiciar condições de leitura e reflexão aos seus alunos, deve estimulá-los a ler e dar o seu testemunho como leitor.

O fato de o professor e o aluno não serem leitores empobrece o ensino. Segundo Silva, “professores e alunos precisam ler porque a leitura é um componente básico da educação e a educação sendo um processo, aponta para a necessidade de buscas constantes do conhecimento” (1988, p. 16).

Sem um professor apaixonado pela leitura, que goste muito de ler e que demonstre isso, é muito difícil que se consiga formar alunos leitores. Quanto mais o professor lê, mais conhecimento ele adquire, melhorando o seu trabalho em sala de aula. Faz-se necessário o professor refletir sobre a sua prática na formação do aluno leitor, pois como cita Freire, “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (1996, p. 39).

Com urgência, devem ser pensadas políticas públicas para a formação de professores leitores, pois muitos já estão atuando a um longo tempo e precisam refletir sobre sua prática e seus saberes. Se um professor não é leitor, é possível sim, com um trabalho de qualidade, torná-lo leitor. Neste trabalho de formação do professor leitor, é necessário que ele relembre sua trajetória como leitor, o porquê de muitas vezes não gostar de ler, que tipo de habilidade foi adquirida ao longo do tempo e o papel da escola nesta formação.

De acordo como o PCN (Brasil,2002) Philippe Perrenoud, sustenta a tese de que o professor contemporâneo precisa ele mesmo desenvolver algumas competências que terão reflexo direto no trabalho com os alunos. Essas competências para ensinar foram propostas por ele. Elencaremos agora as dez competências para ensinar e faremos um breve comentário de cada uma.

De acordo com o autor o professor deve:

- 1º- *Organizar e dirigir situações de aprendizagem* – O professor deve internalizar seu ofício de mediar a aprendizagem, isso é válido também para leitura, além de ter um bom conhecimento dos conteúdos a serem desenvolvidos com os alunos, deve ter a clareza sobre a transposição desses conteúdos para que a aprendizagem se efetive.
- 2º- *Administrar a progressão das aprendizagens* – Após serem desenvolvidos esses conteúdos, o professor precisa manter uma clara noção sobre como progridem os conteúdos que eleger para trabalhar com a turma baseada no

domínio teórico das situações de aprendizagem em uma visão longitudinal dos objetivos de ensino.

- 3º - *Estabelecer e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação* – Administrar as diferenças e diferentes estágios de aprendizagem no domínio das competências, sem desmotivar aqueles alunos que estão aquém ou além do esperado.
- 4º - *Envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho* – Valorizar a importância do conhecimento.
- 5º - *Trabalhar em equipe* – Interação interdisciplinar ligadas à aprendizagem dos alunos.
- 6º - *Participar da Administração da escola* – Interação entre a comunidade e a escola, participação ativa de integração.
- 7º - *Informar e envolver os pais* – A escola deve garantir espaços para troca de informações e o debate entre pais e professores, tendo em vista o aprendizado do aluno.
- 8º - *Utilizar novas tecnologias* – Explorar as potencialidades didáticas dos programas em relação aos objetivos de ensino.
- 9º - *Enfrentar os deveres e dilemas éticos da profissão* – Um dos pilares da confiança que os alunos depositam nos professores é a sua postura ética, assim, mobilizam a atenção dos alunos para focos de interesse pertinentes.
- 10º - *Administrar sua própria formação contínua* - O professor deve estar atento às lacunas de sua formação e às necessidades apontadas pelo contexto em que atua, programando para si mesmo um projeto de formação que, entre outras medidas, inclua cursos, leituras, estudos, parcerias. (PCN apud PERRENOUD, 2002, ps.87-89).

O professor deve-se atualizar para que haja profundas mudanças em relação a sua prática em sala de aula e o seu próprio desenvolvimento, pois “o desenvolvimento das próprias competências parece ser o caminho mais fecundo para que o professor crie e sedimente uma verdadeira identidade com o ofício de ensinar e mediar o conhecimento” (PCN apud PERRENOUD, 2002, p.89).

Portanto, o professor precisa investir com rigor em sua formação geral e específica, consciente de que o profissional em serviço precisa estar em constante capacitação. Esse parece ser um dos caminhos para a construção de sua identidade

no ofício docente. Um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê.

Ao demonstrar-se leitor para os alunos, o professor transforma-se em modelo de leitor para eles à medida que expressa o prazer e o entusiasmo que sente ao ler um texto, o que os motiva a ler, a vivenciar aquilo que faz parte da sua formação. Por isso, cabe ao professor ter a leitura como um valor cultural e praticá-la de maneira envolvente para si e para os alunos para que, dessa forma, possa despertar o interesse pela leitura de diversos tipos de textos, não apenas aqueles encontrados nos livros didáticos e solicitados em sala de aula.

Diante do exposto (re)afirmamos que para a formação de alunos leitores devemos criar oportunidades que possibilitem o contato com a leitura de forma a utilizar estratégias que provoquem no leitor curiosidade, expectativas e envolvimento emocional. Nessa perspectiva é que propusemos o desenvolvimento de nossa pesquisa.

CAPÍTULO 2 – AS ESTRATÉGIAS DE LEITURA

O papel do leitor é importante não só na compreensão do texto, mas também no desenvolvimento da habilidade da leitura. A capacidade que temos de refletir sobre o que fazemos pode também nos ajudar a desenvolver estratégias adequadas de leitura.

Vilson J. Leffa, (1996)

Apresentamos neste capítulo o uso de estratégias de compreensão leitora, segundo alguns teóricos, com o objetivo de buscar a formação de um aluno leitor ativo que sabe o que lê, porque lê e que assume sua responsabilidade ante a leitura, sendo também a nossa proposta nesta pesquisa. Utilizar as estratégias de leitura em sala de aula e a partir delas colher o que o aluno nos tem a oferecer.

Vamos iniciar com um panorama geral sobre o que são essas estratégias e como são utilizadas em sala de aula. Logo após, trataremos das estratégias de leitura com o poema, foco principal de nossa dissertação.

2.1. A compreensão leitora por meio das estratégias de leitura.

A compreensão leitora depende da necessidade de se contemplar uma perspectiva processual de leitura e escrita de textos. Textos são objetos simbólicos que pedem para ser interpretados. Desta forma, deve-se colocar ao alcance do aluno a exploração de ambas as situações e definir “estratégias de leitura” mais eficazes. Para tanto, concordamos com Solé (2009) ao definir “estratégias” como procedimento,

Procedimento – com frequência chamado também de regra, técnica, método, destreza ou habilidade – é um conjunto de ações ordenadas e finalizadas, isto é, dirigidas à construção de uma meta (SOLÉ, apud, COLL p.68).

Assim, levantamos os seguintes questionamentos que tentaremos responder no decorrer deste capítulo: a) Qual tipo de procedimento será usado na leitura de um texto, de um livro, de um poema? b) Quais as estratégias (ou procedimentos) que o professor utiliza em sala de aula para a formação do aluno leitor?

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCN,1997), ler não se trata simplesmente de extrair informações da escrita, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão na qual os sentidos começam a ser construídos antes da leitura propriamente dita.

Portanto, acreditamos que para formar leitores não basta ensinar a ler de forma mecanizada, como fez a escola da maioria da população durante muito tempo e que hoje, por ação da sociedade, de novas tecnologias e dos próprios professores começa a mudar. É preciso criar estratégias integradas que contemplem: a) oportunidades de contato com os textos de qualidade, que tenham acesso a livros, bibliotecas escolares públicas bem equipadas, diversificadas, incentivando, com apoio da mídia – televisão, rádio, jornal -, a população brasileira a frequentar bibliotecas e ou salas de leituras, como direito do cidadão; b) valorizar socialmente a leitura e a escrita informando sobre a sua importância e ampla dimensão social, a fim de torná-las – a leitura e a escrita – desejáveis e necessárias à vida; c) investir maciçamente na formação leitora e escritora dos professores, principalmente os do ensino fundamental, colocando o tema da leitura e da escrita como básico na formação do magistério. É necessário que o professor resgate a sua identidade como uma identidade leitora.

Diante do que foi proposto, valorizamos em nossas aulas estratégias que possibilite o contato do aluno com a diversidade textual, a leitura de qualidade e o incentivo a frequentarem salas de leitura, biblioteca municipal obtendo o livre acesso aos livros escolhidos. Sabemos que nem todos os professores propiciam estratégias e ou métodos de ensino adequados a realidade que os cercam. Por isso, se faz necessário e urgente mudar tal situação, mostrando que os métodos ou as estratégias de leitura fazem a diferença e por isso são importantes.

Pesquisas nos mostram que as estratégias ou métodos são estudados há várias décadas. Anteriormente, podemos dizer que as estratégias de leitura eram conhecidas como métodos de leitura. No livro *Como incentivar o hábito da leitura*, Richard Bamberger (1977) deixa claro o quanto é importante utilizar a leitura com tais métodos e que depende muito do professor e do material de leitura disponível para colocá-los em prática.

Por isso, proporcionar aos alunos práticas de leituras que intensifiquem a compreensão são chamadas de “estratégias de leitura” que podem desenvolver

capacidades de compreensão e de envolvimento com as leituras escolhidas, de modo que os mesmos aprimorem e avaliem a competência leitora. Assim, a finalidade básica das práticas de leitura na escola é ler para compreender os textos. Desse modo, os sentidos do texto não são propriedades privadas do autor ou leitor: são resultados da troca de linguagem. Isabel Solé (2009) resume bem essa ideia:

(...) o significado que um escrito tem para o leitor não é uma tradução ou réplica do significado que o autor quis lhe dar, mas uma construção que envolve o texto, os conhecimentos prévios do leitor que aborda os seus objetivos. (SOLÉ, 2009, p.22)

Os textos requerem movimentos dinâmicos entre as experiências de vida dos leitores e os próprios textos, quando isso não ocorre, a leitura perde vitalidade e dificilmente entra na vida de uma pessoa.

No entanto, reiteramos que é preciso ensinar estratégias de compreensão para, e de acordo com Solé (2009): formar leitores autônomos, capazes de aprender a partir dos textos, de interrogar-se sobre sua própria compreensão, de questionar seu conhecimento e modificá-lo, de transferir o que aprendeu para outros contextos. Assim, “o ensino de estratégias de compreensão contribui para dotar os alunos dos recursos necessários para aprender a aprender.” (SOLÉ, 2009, p.73).

Podemos dizer que, as estratégias utilizadas na leitura mobilizam diferentes níveis de conhecimento do leitor como, por exemplo, os conhecimentos prévios, o conhecimento de mundo ou enciclopédico, o conhecimento linguístico e o interacional. Um dos requisitos fundamentais para a compreensão leitora que a nosso ver merece bastante destaque é o conhecimento prévio. É aquilo que o leitor traz sobre o mundo e orienta-o para a reorganização das informações textuais no nível semântico, e intencionalmente, deve resultar em um processo de extração das idéias principais (macroestrutura).

Segundo Terzi (1998), é na palavra que se inscreve o processo de atribuição de experiências e conhecimentos previamente adquiridos pelo leitor. São as palavras que determinam o processo de fazer sentido do texto e que ao mesmo tempo, vão sendo re-significadas no próprio processo.

O conhecimento prévio é toda bagagem que o leitor traz antes da leitura para que possa interagir com a mesma. Pesquisas revelam, de acordo com Jean Piaget e David Ausubel “conhecimento prévio” designa os saberes que os alunos

possuem e que são essenciais para o aprendizado. Nos anos 60, século XX, David Ausubel chamou de conhecimento prévio os conteúdos fundamentais para adquirir novos conhecimentos. Percebemos que ao enfatizarem aspectos distintos do conhecimento prévio as visões se complementam.

Os esquemas formam-se a partir de experiências sócio-culturais dos indivíduos, uma vez que todos os seres humanos praticam o ato da interação nesses contextos.

Esses esquemas estão sempre crescendo e se modificando, armazenando assim maiores experiências e novas leituras. Logo, à medida que o leitor vai avançando em novas leituras, (conhecimento interacional) no decorrer de suas experiências, os seus modos de organizar o conhecimento (esquemas) vão sendo modificados.

De acordo com Koch & Elias (2006), o conhecimento interacional prevê outros três conhecimentos: o ilocucional, o comunicacional e o metacomunicativo que ampliam suas referências como leitor.

O conhecimento ilocucional permite reconhecer os objetivos do produtor do texto; o comunicacional diz respeito a adequação do gênero; e o metacomunicativo é aquele que permite ao locutor assegurar a compreensão do texto e conseguir a aceitação pelo parceiro dos objetivos com que é produzido.

Diante desses elementos, podemos dizer que o leitor tem total liberdade de interferir no texto que lê, cabe a ele (leitor) trazer toda sua experiência e visão de mundo.

Sendo assim, abordaremos neste próximo tópico alguns tipos de “estratégias de leitura” que permitem um trabalho eficaz em relação ao ensino da leitura.

2.1.1. Tipos de Estratégias de Leitura.

Neste tópico conheceremos os tipos de estratégias de leitura existentes e se bem utilizadas em sala de aula pode-se obter êxito, principalmente na motivação dos alunos em relação à leitura.

O leitor deve realizar uma série de estratégias para desenvolver a habilidade de leitura e ter competência leitora por meio de procedimentos realizados antes, durante e após a leitura e que facilitam a compreensão de textos. Isso vale também para a sala de aula, para a formação leitora de nossos alunos.

As estratégias de leitura podem levar o leitor a refletir sobre as relações de sentido de um texto e a estabelecer a relação entre fatores linguísticos e extralinguísticos. É importante ressaltar que essas estratégias variam em função de leitores e operações cognitivas que são realizadas para a compreensão do texto como aspectos textuais, por exemplo, a estrutura do texto, a organização interna do texto, o tipo e o gênero textual.

De acordo com Solé (2009), as estratégias devem permitir que o leitor planeje a tarefa geral de leitura e sua própria localização e que haja motivação e disponibilidade diante dela. A autora chama a atenção para o fato de que a maior parte das atividades escolares é voltada para avaliar a compreensão da leitura dos alunos e não para o ensino de estratégias que formem o leitor competente.

Assim, acreditamos que as estratégias de leitura devem ser ensinadas pelo professor na escola, para que os alunos possam adquirir capacidades e habilidades de leitura. Estabelecemos que, formar leitores é responsabilidade de todos os adultos leitores onde quer que eles estejam ou em que função trabalhem, numa demonstração prática, e não só teórica, sobre o que é partilhar bens culturais.

Diante do exposto por Solé (2009), deve-se ter um trabalho antes, durante e depois da leitura, os quais elencaremos aqui. Segundo a autora, as estratégias de compreensão leitora para **antes** da leitura:

- Antecipação do tema ou idéia principal a partir de elementos paratextuais, como título, subtítulo, do exame de imagens, de saliências gráficas, outros.
- Levantamento do conhecimento prévio sobre o assunto;
- Expectativas em função do suporte;
- Expectativas em função da formatação do gênero;
- Expectativas em função do autor ou instituição responsável pela publicação.

Atividades **durante** a leitura:

- Confirmação, rejeição ou retificação das antecipações ou expectativas criadas antes da leitura;
- Localização ou construção do tema ou da ideia principal;
- Esclarecimentos de palavras desconhecidas a partir da inferência ou consulta do dicionário;

- Formulação de conclusões implícitas no texto, com base em outras leituras, experiências de vida, crenças, valores;
- Formulação de hipóteses a respeito da sequência do enredo;
- Identificação de palavras-chave;
- Busca de informações complementares;
- Construção do sentido global do texto;
- Identificação das pistas que mostram a posição do autor;
- Relação de novas informações ao conhecimento prévio;
- Identificação de referências a outros textos.

Atividades para **depois** da leitura:

- Construção da síntese semântica do texto;
- Utilização do registro escrito para melhor compreensão;
- Troca de impressões a respeito do texto lido;
- Relação de informações para tirar conclusões;
- Avaliação das informações ou opiniões emitidas no texto;
- Avaliação crítica do texto.

Portanto, a partir de operações diversas que ocorrem antes, durante e depois da leitura, Solé (2009) sustenta que na escola devem ser ensinadas estratégias de leitura que ajudem a:

1. Compreender os propósitos implícitos e explícitos da leitura; Equivaleria a responder às perguntas: O que tenho que ler? Por que / para que tenho que ler?
2. Ativar e aportar a leitura os conhecimentos prévios relevantes. O que sei sobre o conteúdo do texto? O que sei sobre conteúdos afins que possam ser úteis para mim? O que outras coisas sei que possam me ajudar: sobre o autor, o gêneros, e o tipo do texto...?
3. Dirigir a atenção ao fundamental, aos propósitos do texto. Qual é a informação essencial proporcionada pelo texto e necessária para conseguir o meu objetivo de leitura? Que informações posso considerar pouco relevantes,

por sua redundância, seu detalhe, por serem pouco pertinentes para o propósito que persigo?

4. Avaliar a consistência interna do texto; Avaliar a consistência interna do conteúdo expresso pelo texto e sua compatibilidade com o conhecimento prévio e com o 'sentido comum'. Este texto tem sentido? As ideias apresentadas no mesmo têm coerência? É discrepante com o que eu penso, embora siga uma estrutura de argumentação lógica? Entende-se o que se quer exprimir? Que dificuldades apresentam?
5. Comprovar se há compreensão (revisão, recapitulação, e autointerrogação); O que se pretendia explicar nesse parágrafo – subtítulo, capítulo -? Qual é a idéia fundamental que extraio daqui? Posso reconstruir o fio dos argumentos expostos? Posso reconstruir as ideias contidas nos principais pontos? Tenho uma compreensão adequada dos mesmos?
6. Elaborar e provar inferências (interpretações, hipóteses, previsões e conclusões). Qual poderá ser o final deste romance? Que sugeriria para resolver o problema exposto aqui? Qual poderia ser – por hipótese – o significado desta palavra que me é desconhecida? Que pode acontecer com este personagem? (SOLE, 2009, p.73-4)

Para alcançar esse propósito as atividades de leitura devem estar encadeadas numa sequência lógica visando desenvolver intencionalmente as habilidades necessárias para se atingir ao objetivo proposto. Portanto, a interação das atividades precisa ser mantida no dia a dia do trabalho em sala de aula.

Acreditamos que o professor ao utilizar as estratégias de leitura consiga aprimorar em seus alunos: a motivação para a leitura (principal objetivo a ser alcançado), auxiliando-os a conhecer seus interesses, preferências e capacidades como leitores; a praticar a leitura de forma autônoma, estimulando a capacidade de imaginação e compreensão; ensinando-os a negociar seus interesses de leitura, levando-os a ampliar seu repertório de preferências.

Os alunos, por sua vez, ao utilizarem habilidades específicas de leitura podem exercitar e desenvolver as seguintes capacidades:

- *acionar conhecimentos para elaborar hipóteses* (antecipação);
- *confirmar ou refutar as hipóteses à medida que avançam na leitura* (checagem);

- *construir novas hipóteses* justificadas com base no sentido já atribuído e em novas pistas textuais;
- *identificar o significado de palavras a partir do contexto* (inferência local) e;
- *identificar as intenções do texto*.

Desse modo, a interação com o texto envolve-se de modo que o leitor possa sentir-se envolvido pelo jogo que ele provoca, ativando os conhecimentos prévios dos leitores para construir expectativas e antecipar o sentido do texto antes e durante a leitura.

Considerando que a prática de leitura se realiza como interação entre textos e leitores, cabe ao professor utilizar-se de tais práticas antes, durante e depois da mesma. Compreender o ato de ler como diálogo (entre leitor, texto, autor e contexto de produção do texto e da leitura) implica, didaticamente, considerar que a prática de leitura começa antes mesmo que o leitor inicie a leitura integral da obra, uma vez que o que ele conhece do assunto, do autor e as expectativas desencadeadas por uma primeira inspeção do material a ser lido estabelecem os parâmetros que irão definir a natureza de sua interação com o texto.

Essa interação com o texto faz com que o leitor se identifique e explore a leitura desde uma simples narrativa até, podemos dizer, textos mais complexos. O leitor, ao realizar uma análise exploratória antes da leitura, permite também a ele antecipar o assunto e a ideia principal do texto com maior ou menor assertividade.

Assim, diante das palavras de Isabel Solé (2009) que retrata como a criança enfrenta o complexo mundo da leitura, a mesma deve ser avaliada como instrumento de aprendizagem, informação e deleite. Desse modo, ao se deparar com esses desafios cabe ao professor entender e, principalmente, oferecer ajuda.

(...) antes da leitura, o professor deveria pensar na complexidade que caracteriza e, simultaneamente, na capacidade que as crianças tem para enfrentar – de seu modo – essa complexidade. Assim, sua atuação tenderá a observá-las e a lhes oferecer as ajudas adequadas para que possam superar os desafios que sempre deveriam envolver a atividade de leitura.

Essas reflexões, “antes” da leitura, podem contribuir para que seu ensino e sua aprendizagem se tornem mais fáceis e produtivos. (SOLÉ, 2009, p.91)

Quanto maior a proficiência do leitor e a intimidade que tiver com o assunto abordado, maiores serão as chances de suas previsões se confirmarem e a compreensão ocorrer sem grandes dificuldades. Para isso, é necessário articular

diferentes situações – oral, coletiva, individual e silenciosa, compartilhada – e encontrar os textos mais adequados para alcançar os objetivos propostos em cada momento.

Ler é um procedimento e o exercício da leitura acontece antes, durante e depois da leitura e que esteja baseada em um conceito das situações de “ensino e aprendizagem como situações conjuntas, destinadas a compartilhar o conhecimento – em que se aprende a utilizar toda uma série de estratégias que deverão fazer parte da bagagem do aluno, para que ele possa utilizá-las de maneira autônoma” (SOLÉ, 2009, p.117)

Se ler, então, é um procedimento, como dito anteriormente, as estratégias de leitura também o são, por isso os professores também devem utilizar com os alunos o foco da atenção nas ideias principais de um texto, de um poema, de uma obra a qual está sendo utilizada, para que se tente efetivar a compreensão, relacionar o conteúdo prévio dos alunos com a nova informação, questionar e dar um retorno quanto ao uso de técnicas e estratégias de estudo apropriadas, treinar os alunos a utilizarem das técnicas, estratégias de maneira mais efetiva, utilizar reforços positivos verbais e de escrita com aqueles que apresentam dificuldades de compreensão (CANTALICE, 2004, p. 105).

Concordamos com o uso de técnicas ou estratégias de leitura, pois favorecem a obtenção de um nível de compreensão mais eficiente, pois exigem participação ativa do leitor, podendo ser utilizadas em qualquer tipo de texto. Assim, Cantalice (2004) e Solé (2009) enfatizam o uso das estratégias de leitura, a qual possibilita novas perspectivas para a potencialização da leitura permitindo aos alunos ultrapassarem dificuldades pessoais e ambientais de forma a obter mais sucesso escolar.

Roxane Rojo (2004), em seu artigo *Letramento e capacidades de leitura para a cidadania*, nos revela que as capacidades de compreensão são também chamadas de estratégias e que se bem utilizadas não deveriam ter tais dificuldades de compreensão. Assim, como Solé (2009), Rojo define algumas estratégias para a compreensão leitora, são elas:

- Ativação de conhecimentos de mundo: O leitor está constantemente colocando o seu conhecimento prévio ou de mundo no ato de ler antes e durante a leitura. Caso falhe esta sincronidade, haverá uma lacuna de compreensão, que será preenchida por outras estratégias, em geral de caráter inferencial.

- **Antecipação ou predição de conteúdos:** Antecipar o que lê, o que o texto nas entrelinhas está querendo mostrar, pois o "leitor não aborda o texto como uma folha em branco" (ROJO, 2004, p.05). A partir da situação de leitura, do suporte do texto, o leitor levanta hipóteses tanto sobre o conteúdo como a forma do texto que está lendo. Ele tenta "adivinhar" sobre o que se propõe o texto em questão.

- **Checagem de hipóteses:** O leitor, ao longo da leitura, estará checando constantemente essas suas hipóteses em relação ao que está lendo, o texto em si. Se assim não fosse, o leitor iria por um caminho e o texto por outro.

- **Localização e/ou cópia de informações:** Em certas práticas de leitura (para estudar, para trabalhar, para buscar informações em enciclopédias, obras de referência, na Internet), o leitor busca constantemente informação relevante para armazená-la e reutilizá-la mais adiante de forma reorganizada. É uma estratégia básica de muitas práticas de leitura (mas não de outras, como a leitura de entretenimento ou de fruição), mas também não opera sozinha, sem a contribuição das outras que estamos comentando.

- **Comparação de informações:** Ao longo da leitura o leitor está constantemente comparando informações de várias ordens, advindas do texto e de outros textos, também traz a tona o seu conhecimento de mundo para tais comparações de maneira a construir o sentido do texto a que está lendo.

- **Generalização:** É a estratégia que mais contribui para a síntese do resultado da leitura, através de repetições, de exemplos, explicações e trechos.

- **Produção de inferência local:** Por meio do contexto imediato do texto e pelo significado anteriormente construído, descobrir o novo significado para este termo até então desconhecido.

- **Produção de inferências globais:** Nem tudo está dito ou posto num texto. O texto tem seus implícitos ou pressupostos que também têm de ser compreendidos numa leitura efetiva. Para fazê-lo, o leitor lança mão, ao mesmo tempo, de certas pistas que o autor deixa no texto, do conjunto da significação já construída e de seus conhecimentos de mundo, inclusive lógicos.

As estratégias de leitura que traz Rojo (2004), Solé (2009) e tantos outros teóricos revelam a relação texto-leitor, por outro lado, o que queremos neste trabalho é mostrar que tais estratégias podem e devem ser utilizadas na sala de aula pelo professor para a formação do aluno leitor, para que ele consiga resultados mais

satisfatórios em seu trabalho no dia a dia. As estratégias de leitura devem fazer parte da bagagem do aluno, para que ele possa utilizá-las de maneira autônoma. O importante é pensar que, por um lado, os alunos podem aprender a ler melhor mediante intervenções do professor, por outro deveriam poder mostrar-se e considerar-se competentes mediante atividades de leitura autônoma.

Reiteramos que a capacidade de compreensão diz respeito às estratégias a que o leitor recorre na abordagem de um texto: as hipóteses que levanta sobre o tema a partir da leitura do título, ou da observação de imagens; a ativação de seu conhecimento prévio; o levantamento e a checagem das hipóteses; localização, comparação e generalização de informações. Somam-se a isso a busca de compreensão a relação de conhecimento de mundo e outros textos.

Para um nível ideal na leitura é necessário que o aluno leitor também estipule metas em relação a ela, pois é o objetivo da leitura que permitirá gostar ou não do texto lido ou desenvolver uma crítica e uma réplica em relação à posição assumida pelo autor. Assim, o trabalho com a leitura, principalmente aquela compartilhada, em que o diálogo esteja presente, proporciona uma prática de compreensão textual onde o texto relaciona-se com outros conhecimentos e o leitor consegue incorporá-los ao seu repertório cultural.

Por isso, o incentivo da leitura, o uso de novas metodologias, técnicas e estratégias de leitura fazem toda a diferença. Os professores devem incentivar e propiciar o uso da metacognição, criando oportunidades para que os alunos possam praticar as estratégias de leitura em textos variados e cada vez mais complexos, independentemente do nível de escolaridade a que pertençam. Com isso, no próximo tópico abordaremos o que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) revelam sobre essas estratégias de leitura e como são utilizados tais procedimentos de leitura na escola.

2.2. Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental II e os procedimentos de leitura na escola.

A lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9394/96) é a legislação que regula todo o sistema educacional (público ou privado) do Brasil (da educação básica ao ensino superior).

A partir de uma prerrogativa dessa lei, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) têm como objetivo propiciar aos sistemas de ensino, particularmente aos professores, subsídios à elaboração e/ou reelaboração do currículo, servindo como eixo norteador à construção do projeto pedagógico, em função da cidadania do aluno.

Os documentos refletem um desejo de fazer chegar à escola pública um conjunto de inovações didáticas que permitam melhorar a qualidade de nosso ensino. Cabe ao professor atender a esse conjunto de propostas, objetivando mudanças no sentido de tornar a educação mais interdisciplinar e adaptada às experiências dos alunos.

De acordo com o Parâmetro Curricular Nacional (PCN, 1997), no ensino da Língua Portuguesa, o domínio da linguagem é o objetivo principal, assim como o exercício para cidadania. Dessa maneira devemos entender o ensino da língua como principal objetivo

O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes lingüísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos. É com essa perspectiva que o documento de Língua Portuguesa está organizado, de modo a servir de referência, de fonte de consulta e de objeto para reflexão e debate. (BRASIL, 1997, p.11)

Desse modo, o PCN (1997) preconiza também o trabalho com a leitura e a formação de leitores. Formar um leitor competente é alguém que compreende o que lê e vai além de decifrar códigos. O leitor proficiente atribui sentido enquanto lê; ele não só associa o assunto ao significado, como também o dissemina empregando os reais sentidos às palavras lidas. Porém, somente após muito treino que interiorizam as estratégias que usam para ler, mesmo que inconscientemente.

A leitura na escola tem sido fundamentalmente um objeto de ensino. Para que possa constituir também objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno. Isto é, a atividade de leitura deve responder do seu ponto de vista, a objetivos de realização imediata. Assim,

(...) Assumir a tarefa de formar leitores impõe à escola a responsabilidade de organizar-se em torno de um projeto educativo comprometido com a intermediação da passagem do leitor de textos facilitados (infantis ou infanto-juvenis) para o leitor de textos de complexidade real, tal como circulam socialmente na literatura e nos jornais; do leitor de adaptações ou de fragmentos para o leitor de textos originais e integrais. (PCN,BRASIL, 1997, p.70)

Sendo assim, o PCN define o leitor competente como alguém capaz de compreender integralmente aquilo que lê. Alguém que possua aptidão para selecionar trechos que atendam a uma necessidade própria e utilize estratégias de leitura de forma a atingir essa exigência.

Portanto, os fundamentos sobre a concepção de leitura no PCN é o interacionista, ancorados também na psicologia cognitiva, na análise do discurso e na psicolinguística. Trata-se de “uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência” (BRASIL, 1997, p.68). O domínio das estratégias de leitura decorre de uma prática viva do ato de ler. De um lado, vivenciando os diferentes modos de ler existentes nas práticas sociais; de outro, respondendo aos diferentes propósitos de quem lê.

Assim, esse documento estabelece algumas expectativas para o sucesso dos alunos como leitores, ao final da educação básica espera-se que o aluno:

- Saiba selecionar textos segundo seu interesse e necessidade.
- Leia, de maneira autônoma, textos de gêneros e temas com os quais tenha construído familiaridade.
- Delimite um problema levantado durante a leitura e localize as fontes de informação pertinentes para resolvê-lo.

Nesse sentido, caberá à escola, enquanto espaço formal de articulação e promoção das práticas leitoras, possibilitar ao educando condições favoráveis para que ele possa exercer o ato de ler de forma plena, sendo capaz de praticá-lo com autonomia e criticidade, no sentido de saber estabelecer múltiplas relações entre texto e contexto de uma forma dinâmica e construtiva.

Pensar em leitura enquanto prática social pressupõe adquirir um caráter dinâmico que se incorpora de uma forma natural às atividades do cotidiano dos indivíduos.

De acordo com Kleiman (1998), ao lermos qualquer texto, colocamos em ação todo nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social

em que se deu nossa socialização primária, isto é, o grupo social em que nascemos e fomos educados. Por isso, podemos afirmar que a leitura enquanto prática social é algo bastante complexo, pois está intimamente ligado às nossas raízes sócio-culturais e conseqüentemente à formação da nossa cidadania.

Desse modo, é importante trazermos algumas definições da palavra cidadania. O termo cidadania tem origem etimológica no latim *civitas*, que significa cidade. Ela também deriva-se da palavra cidadão.

Ser cidadão é ter a garantia de todos os direitos civis, políticos e sociais que asseguram a possibilidade de uma vida plena. Portanto, para o então sociólogo inglês T.H. Marshall, em seu livro *Cidadania, classe social e status* (1967) cidadania é um *status* (posição social de um indivíduo, o lugar que ele ocupa na sociedade), concedido àqueles que são membros integrais de uma comunidade. Todos aqueles que possuem posição social são iguais com respeito aos direitos e obrigações pertinentes a posição social. Assim, a cidadania é construída em um processo de organização, participação e intervenção social de indivíduos ou de grupos sociais.

Sendo assim, a leitura é uma porta aberta na formação do cidadão e conseqüentemente na construção da cidadania, uma vez que por meio da leitura o indivíduo terá a possibilidade de construir novas relações com as informações presentes no espaço global de uma forma dinâmica, crítica e autônoma, tornando-se sujeito construtor de sua própria história e da história coletiva de seu país.

Para tanto, se faz necessário um professor mediador que faça o elo entre o aluno e a leitura literária e é o que abordaremos no próximo tópico.

2.3. O Professor Mediador e a Leitura Literária.

O processo de leitura da literatura contribui para a formação do sujeito não só enquanto leitor, mas, sobretudo, como indivíduo historicamente situado.

Portanto, é na escola que ocorre a mediação entre o livro literário e o aluno. Há contudo, as leituras indicadas pelo professor mediador, para as quais o docente seleciona obras com objetivos variados: incentivar o gosto pela leitura, promover a reflexão do contexto social, propiciar a interdisciplinaridade, entre outros. Desse modo propomos um olhar diferente entre o professor mediador e a leitura literária, a qual faz parte à formação do aluno leitor

Um dos objetivos mais importantes da escola é fazer com que os alunos aprendam a ler corretamente, possam ler textos de forma autônoma e utilizar os recursos ao seu alcance para referir as dificuldades dessa área e principalmente desenvolva o gosto pela leitura. O bom leitor é concebido como um sujeito ativo, que constrói o significado do texto e a metodologia proposta pressupõe o trabalho com ampla diversidade de textos, por meio de uma leitura contrastiva que permita a confrontação entre os textos. Os documentos oficiais de âmbito federal, os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasília: MEC/SEF, 1998), concebem a leitura como:

(...) o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas.
(...) O leitor competente é capaz de ler as entrelinhas (...). (p.69-70)

Nessa condição, o leitor competente tem autonomia perante o texto, utilizando-se de habilidades e estratégias adequadas para abordar os textos escritos. A fim de ler as entrelinhas, ou seja, a partir do explícito chegar ao implícito, posicionando-se criticamente frente ao material escrito. Portanto, segundo os Parâmetros Curriculares (PCNs), quanto à metodologia, o professor deve se preocupar não só com a diversidade tipológica, mas também com a “diversidade das práticas de recepção dos textos” (BRASIL, 2002, p.70), ocupando-se da seleção de procedimentos de leitura em função dos objetivos e interesses dos sujeitos e das características do gênero.

Para a indicação de uma leitura literária, o professor mediador utiliza-se de um esforço mental, às vezes, despercebido que, em certa medida, justifica a indicação. Perpassando pela história da literatura infanto-juvenil, observamos que desde sua origem européia (sec.XVII) até sua chegada ao Brasil (séc. XIX), a mesma não defendia um compromisso indissociável com o ensinamento, o que não garantia um compromisso de coerência interna das narrativas. Entretanto, quando

lançou, em 1920, *A menina do narizinho arrebitado*, Monteiro Lobato mostrou que a produção infanto-juvenil poderia assumir um lado artístico até então não considerado, já que a leitura infantil era pretexto escolar para algum fim não literário. A partir da publicação dessa obra, gradativamente, o caráter moralizante e nacionalista rigidamente fiel à ideologia da classe dominante começou a arrefecer. E, a partir de 1970, momento em que assuntos até então evitados na literatura infantil começaram a proliferar-se, outras formas de tratar o texto ocasionaram um diferencial no livro infanto-juvenil que lhe possibilitou um ingresso por um caminho que o elevaria à categoria de obra de arte.

Pensamos que a mediação do professor para com a obra literária é de grande valia, quando feita à escolha de maneira a observar alguns procedimentos a serem tomados, como, por exemplo: a faixa etária dos alunos, a linguagem da obra entre outras características que norteiam a escolha do livro a ser indicado. Nessa perspectiva, o critério de escolha da obra é baseado num balanço entre o horizonte de expectativa da obra e o do público leitor: a obra precisa ser capaz de romper com o horizonte de expectativa do receptor, proporcionando-lhe uma mudança de horizonte, caracterizada por seu enriquecimento/ampliação, já que novas experiências lhe são proporcionadas.

Encontramos em Zilberman (1982, p. 26), dois requisitos para o professor melhor desenvolver essa mediação. O primeiro é estar apto à escolha de obras adequadas ao jovem leitor; o segundo é ter condições de empregar recursos metodológicos eficazes para o estímulo à leitura, sua compreensão do sentido construído pelos alunos.

Para desenvolver essas habilidades, continua a autora, em sua formação, ao futuro professor precisa ser ofertado o seguinte instrumental proveniente dos campos literário e pedagógico: conhecimento de um acervo literário representativo; domínio de critérios de julgamento estético para selecionar obras de valor; conhecimento do conjunto literário destinado a jovens, considerando origem, evolução histórica, autores atuais, nacionais e estrangeiros mais representativos; manipulação de técnicas e métodos de ensino necessários para incremento e estímulo à leitura, o que significa reconhecer esse ato como atividade de discernimento e posicionamento do leitor perante a realidade, compreendendo o livro como instrumento inquiridor e cognitivo.

A formação do futuro professor precisa ser ofertada com um grande acervo literário; para o aluno também se faz necessário. Existem variedades de acervos literários nas bibliotecas escolares e municipais que garantem a democratização da leitura. Ao se ter acesso a experiências da leitura, em seus diversos registros que contemplam uma multiplicidade de vozes, proporciona-se ao educando a possibilidade de escolha e a aproximação entre leitor-texto.

Ao ter a opção de escolha, permite-se o acesso aos direitos culturais, evoca-se a liberdade do leitor que precisa se sentir motivado para ler, pois a leitura é também uma questão de gosto, de vontade de ler ou de reler um livro que tenha agradado, quando dizem algo de particular ao leitor, ou seja, é “uma oportunidade de encontros singulares com texto”, é vida (PETIT, 2004, p. 184).

Para Iser (1979), o texto apresenta um efeito potencial e texto e leitor interagem a partir de uma construção do mundo e de algumas convenções compartilhadas, isto é, a partir de uma imagem da realidade. Assim, para interessar ao jovem, o texto precisa ter uma significação na sua vida, ele precisa se ver reconhecido na obra em um processo de identificação, por isso também se torna imprescindível o direito à escolha, mesmo de obras de menor valor e de consumo fácil:

Os mesmos best-sellers existentes na biblioteca [...] é claro que são os efeitos da moda. [...] permitem “desenferrujar os olhos” e há mesmo alguns de qualidade que permitem soltar a imaginação, jogar com as palavras. Podem ser também um pretexto para compartilhar, para conversar. Portanto, não sejamos puritanos (PETIT, 2004, p. 175).

A literatura é vista como um exercício de olhares, como atividade estética e de experiência individual. Mesmo, obras consideradas “simples”, sem estar no *rol* da literatura clássica, não quer dizer que não possam contribuir para construção do leitor literário, mesmo porque existem diferentes maneiras de se tornar leitor.

No entanto, não basta apenas que o aluno faça suas escolhas. Leitura literária é prazer, fruição, mas é também esforço, assim, “ao reconhecimento da diversidade não justifica a curvatura da vara para o lado oposto: vetar o centro e ditar, como regra, as construções periféricas [...] Tampouco, vice versa. Mas cabe uma assimetria nessas escolhas” [...], sem privilegiar uma em detrimento da outra,

mas que ambas tenham espaço dentro do contexto escolar (MIRANDA, 2009, p. 145).

Assim, o que se preconiza não é o abandono da leitura dos clássicos ou sua exclusão da escola, mas o direito à escolha dos jovens, com o objetivo de lhe apresentar pontes ou permitir que ele mesmo as construa, para alcançar uma nova etapa.

Por isso, o papel do professor mediador é fundamental nessa relação estabelecida entre obras e leitor, ao qual cabe proporcionar aos jovens acesso a universos culturais mais amplos, sugerir leituras. Enfim dar oportunidade ao jovem fazer descobertas. É nessa direção que acreditamos no trabalho do professor mediador que pode estabelecer relações, pontes entre as escolhas dos jovens e o conhecimento dos clássicos literários, oportunizar ao mesmo a possibilidade de ir avançando no grau de complexidade de leitura, para alcançar uma nova etapa e ao mesmo tempo garantir seu direito de escolha, mesmo porque, por mais subjetivas que sejam, devem beneficiar os alunos, seja na possibilidade de fruição, seja no acesso a qualidade artística da obra literária.

Para tanto, a leitura literária é muito importante e reveladora. O professor deve ter o discernimento de quão importante “ele” se faz na escolha de uma obra literária, sendo o mesmo, conhecedor dessa obra e motive seus alunos a lerem. Configura-se, então, a fundamental atuação cognitiva, social e política do professor enquanto mediador entre literatura e aluno-leitor. O professor mediador em sua trajetória aproxima a obra do leitor e, e em seguida, ajuda-o no desenvolvimento de conhecimentos consciente para uma interação social menos ingênua e passiva.

Portanto, a leitura literária não pode estar amarrada, única e exclusivamente, a um compromisso pedagógico, não tem esse objetivo. O que se defende aqui, é que a leitura funcione como um “diamante” para o aluno e o seduza. E o professor pode (e deve) conduzi-lo a este prazer, a esta descoberta. Desse modo, para que o professor consiga formar alunos leitores é preciso que desenvolva em suas aulas estratégias de leituras bem definidas e elaboradas, para que o aluno possa sentir o verdadeiro prazer e gosto pela leitura.

No próximo capítulo, abordaremos brevemente a relação existente entre poesia e poema e o uso das estratégias de leituras aqui mencionadas, por meio de uma Sequência Didática (SD) utilizando poemas para a formação do aluno leitor.

CAPÍTULO 3 – POEMA E POESIA UMA EXPERIÊNCIA DE LEITURA

No começo era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá onde a
criança diz: *Eu escuto a cor dos passarinhos*.
A criança não sabe que o verbo escutar não
funciona para cor, mas para o som.
Então se a criança muda a função de um
verbo, ele delira.
E pois.
Em poesia que é a voz do poeta, que é a voz
de fazer – nascimentos
O verbo tem que pegar delírio.

(Manoel de Barros)

Neste capítulo trazemos alguns questionamentos para reflexão sobre a relação entre poema e poesia. A princípio abordaremos a sutileza entre poema e poesia, há diferenças? Como são com os alunos utilizados os poemas? De que forma é introduzida a leitura poética na escola? Como os professores vêem o poema na sala de aula? Nosso objetivo não é esclarecer definitivamente essas questões, mas criar um espaço para a reflexão sobre elas e de trazer à discussão a relação do texto poético na sala de aula.

Diante disso, propõe-se uma proposta pedagógica por meio de uma Sequência Didática (SD) que insira, no cotidiano escolar, a diversidade de gêneros principalmente o poema (escolhemos utilizar o poema, foco de nosso trabalho) de forma a tornar ampla e significativa a formação leitora dos alunos.

3.1. Poesia e poema uma relação intrínseca

Ao se trabalhar com a poesia/poemas em sala de aula, muitos professores não oferecem a devida informação a respeito dos mesmos. Afinal poema ou poesia? São semelhantes? Há diferenças? É o que tentaremos esclarecer adiante.

Os próprios alunos perguntam sobre essa diferença. Esses termos são utilizados de forma recorrente, muitos ainda acabam confundindo e achando que se trata de dois elementos sinônimos – concepção essa materializada de forma errônea, equivocada. Etimologicamente, poesia vem do grego *poiesis*, que pode significar a atividade de produção artística ou a de criar ou fazer. Com isso, a poesia

pode estar presente em diferentes formas de expressão, como nas paisagens, nos objetos, na música. A poesia auxilia o ser humano a compreender a sua própria existência através de uma linguagem elaborada, linguagem que fala do homem como ser enigmático, que busca permanentemente decifrar os mistérios da própria vida.

Octávio Paz, afirma “a poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono [...] é um método de libertação interior [...]” (PAZ, 1982, p.15). Compreendendo que o homem busca o conhecimento de si e busca dar sentido a sua própria existência, a poesia pode ser uma forma singular de contribuir para a construção desse sentido. Pensando a poesia nessa perspectiva, sua ausência em sala de aula não deixa de ser uma maneira de privar os alunos dessa forma de conhecimento.

A poesia pode provocar sentimentos, impressões, emoções ou reflexões. Cada palavra na poesia tem seu papel não apenas por seu significado, mas por seu ritmo, pela sua sonoridade, pela forma que se relaciona com as outras palavras, e até mesmo, pelo seu aspecto visual. Essa definição deixa claro que poesia é fazer o leitor sentir algo de forma invisível de ordem sensível. Troca sutil de sons e imagens. A poesia é uma linguagem particular, na qual o poeta, com as palavras procura sem cessar dar um sentido novo ao já conhecido. A linguagem é um universo de unidades significativas, e, como afirma Paz (1982, p.59), a “palavra solta não é propriamente linguagem [...], para que a linguagem se produza é mister que os signos e os sons se associem de tal maneira que impliquem e transmitam um sentido”.

Fernando Paixão, em seu livro *O que é poesia* (1982), aborda questões sobre a poesia e qual sua importância nos dias atuais. Segundo o autor, ao falar da linguagem poética, o leitor consegue perceber as oscilações a que o sujeito (o poeta) está submetido diante dos mistérios das relações humanas. E, para o poeta, a matéria-prima, poder escrever bem, é o sentimento, pois “ele procura arranjar as palavras no poema do modo como o seu sentimento exige, a fim de transmitir toda sua experiência” (PAIXÃO, 1982, p.14). Assim, podemos perceber que o sentimento para o poeta está acima de tudo e o autor continua sua explanação esclarecendo que, ao contrário da linguagem de uso prático, a característica marcante da poesia é a “de recriar o significado das palavras, colocando-as num contexto diferente do normal” (PAIXÃO, 1982, p.14).

Quando se trata da obra, do próprio texto, falamos em poema. O poema, por sua vez, é a composição em que a poesia se realiza na sua plenitude porque possui o mesmo caráter complexo e individual da linguagem. O poema é “uma totalidade encerrada dentro de si mesma – é uma frase ou um conjunto de frases que formam um todo” (PAZ, 1982, p. 65). Já a poesia é a arte, a habilidade de tornar algo poético, assim como observamos em uma pintura, uma música, em um filme, peça de teatro, enfim tudo o que constitui a arte podem ser poéticos.

Em relação à prática de leitura de poemas, constatamos que vários teóricos são unânimes ao dizer que são pouco estudados em sala de aula principalmente no que se refere ao Ensino Fundamental II (do 6º ao 9º ano). A leitura de poema é pouco praticada dentro e fora do espaço escolar, tanto por alunos quanto por professores. Nas palavras de Helder Pinheiro:

De todos os gêneros literários, provavelmente, é a poesia o menos prestigiado no fazer pedagógico da sala de aula. [...] A primeira fase do primeiro grau menor (1ª a 4ª séries) apresenta problemas graves no trato com a poesia – quando existe o contato. Normalmente, as professoras dão prioridade ao trabalho com textos em prosa, deixando sempre a poesia em segundo ou terceiro plano. [...] Quando chegamos ao primeiro grau maior (da quinta a oitava série) os problemas ficam mais dramáticos. Aqui, a poesia praticamente desaparece da sala de aula ou restringe-se a longos (e fatigantes) exercícios de interpretação. [...] De fato, a maioria dos professores de Português e Literatura não procura despertar o senso poético do aluno, não se interessa por uma educação da sensibilidade de seus alunos. Esta questão, para muitos, sequer é colocada. (PINHEIRO, 2007, p. 17-18)

Podemos constatar que o poema quando presente em sala de aula é apenas pretexto para o ensino da gramática normativa. Dessa maneira, os professores teimam em afirmar que o poema é ensinado/trabalhado em todas as suas características.

Outra constatação é sobre a leitura do poema, quando o mesmo é entregue ao aluno para a leitura, o próprio (em uma primeira leitura) não compreende, não consegue entender a mensagem que o poema traz e o professor fica apenas nas atividades de interpretação e, como dito anteriormente, no ensino da gramática normativa. Por isso, o aluno perde o interesse pela leitura de poemas, não gosta do que lê e prefere outros tipos de textos.

Para Helder Pinheiro:

(...) Tendo em vista que a poesia é dos gêneros literários mais distantes da sala de aula, a tentativa de aproximá-la dos alunos deve ser feita de forma planejada. Deve-se pensar que atitude se tomará, que cuidados são indispensáveis e, sobretudo, que condições reais existem para a realização do trabalho. (PINHEIRO, 2007, p.25)

Diante de tal realidade, o que propomos em nossa pesquisa é justamente a formação do aluno leitor de poemas e usando estratégias de leitura para que o mesmo goste do que está lendo, interesse-se pela leitura, entenda o que lê e principalmente interiorize a leitura. Não é uma tarefa fácil, mas com recurso de uma metodologia com estratégias de leituras elencadas por meio de uma SD (sequência didática) acreditamos ser possível. Cabe ao professor inserir tal metodologia em sua prática pedagógica para que obtenha um retorno significativo.

Assim, continuando com Helder Pinheiro:

Para nós que trabalhamos com o poema em sala de aula, a consciência de que a poesia é sempre “comunicação de alguma nova experiência” tem sabor especial. A experiência que o poeta nos comunica, dependendo do modo como é transmitida ou estudada, pode possibilitar (ou não) uma assimilação significativa pelo leitor. O modo como o poeta diz- e o que diz ou comunica – sua experiência, permite um encontro íntimo entre leitor-obra que aguçar as emoções e a sensibilidade do leitor. (PINHEIRO, 2007, p. 22-23).

Para despertar esse encontro entre leitor e obra, concordamos com Helder Pinheiro, ao trazer duas condições indispensáveis para o trabalho com o poema, são elas: o professor leitor e o interesse dos alunos. A primeira condição é que o professor seja realmente um leitor, que tenha uma experiência significativa de leitura, conheça poemas centrais de determinados poetas, conseguindo emocionar e transmitir de forma adequada e eficiente a seus alunos, pois “um professor que não é capaz de se emocionar com uma imagem, com uma descrição, com o ritmo de um determinado poema, dificilmente revelará na prática, que a poesia vale à pena (...) e que aquelas palavras são essenciais em sua vida”. (PINHEIRO, 2007, p. 26).

A segunda condição é que haja interesse nos alunos e acreditamos que para que isso ocorrer o professor também precise de estudo, dedicação e envolva seus

alunos nessa condição, pois o professor é a mola propulsora para tal interesse. Logo, o professor deve fazer uma investigação a respeito dos interesses pessoais de cada aluno, levantar os conhecimentos prévios dos mesmos, organizar atividades de leitura por fruição e pelo deleite, elaborar pesquisas para verificação dos temas que poderão ser estudados em sala de aula.

Segundo Helder Pinheiro (2007), todos esses recursos são muito importantes, principalmente o *recurso da pesquisa*, que se torna indispensável como recolhimento de dados para iniciar o trabalho. O autor também considera como indispensável o *ambiente* em que se vai estudar a poesia. Deve-se criar um ambiente propício para haver interação entre o texto poético e o aluno e sendo assim, o mesmo possa sentir e compreender de forma global a atividade proposta. Além de uma biblioteca agradável, ventilada, espaçosa e com um acervo bem variado para que os estudantes possam escolher livremente na prateleira o livro que quiser. Constatamos que hoje a biblioteca transformou-se em sala de leitura, havendo mudança apenas de nomenclatura, para que os alunos continuem a desenvolver nesse espaço a interação com a leitura.

Portanto, novamente nas palavras de Pinheiro (2007):

(...) Criar um ambiente adequado, sobretudo nos primeiros anos de estudo, favorece o interesse e o gosto pela poesia. Ir ao pátio da escola para ler uma pequena antologia, por uma música de fundo enquanto lê, são procedimentos que ajudam na conquista do leitor. São portanto, condições que, se dispensadas, poderão debilitar uma experiência que poderia ser mais rica, mais significativa (..) (PINHEIRO, 2007, p.28)

Propomos esse ambiente estimulante de leitura ao aplicarmos a Sequência Didática (SD) com os alunos e percebemos que os mesmos demonstraram uma maior participação e colaboração com as atividades propostas de leitura e escrita.

Por isso, o trabalho tanto na SD como na sala de aula deve ser sistemático, pois criar condições de leitura é o mínimo que o professor deve fazer para a formação leitora do mesmo.

A seguir vamos relatar brevemente o que vem a ser uma Sequência Didática (SD) e seus benefícios no ensino aprendizagem da leitura.

3.2. Sequência didática: gerenciadora de produção

Schneuwly e Dolz (2004) desenvolveram uma proposta que engloba aspectos relevantes na construção/ interiorização da escrita processual e exige não um trabalho maçante em volta do texto, mas um conjunto amplo de atividades que visem o texto como unidade de ensino e os gêneros textuais como objetos de ensino:

Uma sequência didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero oral ou escrito. (...) Quando nos comunicamos, adaptamo-nos à situação de comunicação. (...) Os textos escritos ou orais que produzimos diferenciam-se uns dos outros e isso porque são produzidos em condições diferentes. (ROJO e GLAÍS, 2004, p. 97)

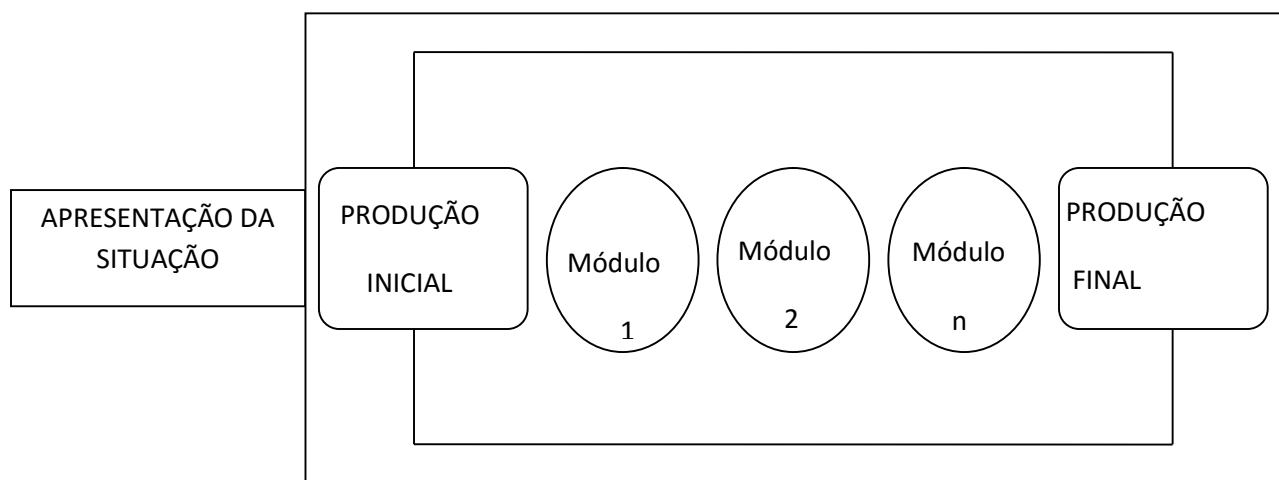
Observamos que a produção textual, como reflexo da formação do agente produtor de textos, é de grande importância e responsabilidade. Para que tal objetivo seja cumprido eficazmente, o professor tem de estar instrumentalizado acerca dos elementos que são realmente necessários para a formação deste agente, fazendo-o consciente da aplicabilidade dos recursos que delimitam o processo, já que não podemos escrever tal qual falamos. Assim, devemos seguir um sequencial norteador da prática.

A utilização da Sequência Didática (SD) tem como função primordial a facilitação do entendimento sobre os gêneros textuais. A organização destes, de forma coerente e adequada ao seu destinatário, é pouco abordada em sala de aula, tendo em vista que os educadores não conseguem abrangê-los em sua totalidade, o que, por conseguinte, leva-os a uma abordagem reduzida dos chamados “tipos textuais”: dissertação, narração e descrição.

Existe grande dificuldade de transmitir para os alunos o conceito e aplicabilidade dos gêneros textuais. Para Schneuwly e Dolz (2011, p.101) “cada gênero de texto necessita um ensino adaptado, pois apresenta características distintas (...)”. Desse modo, o procedimento *sequência didática* é bastante propício, pois ajuda o docente a organizar, coerente e adequadamente, a utilização da língua em sua amplitude.

Observemos o esquema apresentado por ROJO e GLAÍS (2004, p.98):

ESQUEMA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA



Quadro 1 – Esquema da Sequência Didática, elaborado por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p.98)

Obedecendo a essa sequência de etapas, cabe esmiuçá-las. Na apresentação inicial, o professor deve munir o aluno de todas as informações referentes à atividade que se pede. Cabe atentar para o destinatário, de modo a não reduzir a produção textual como destinada somente ao professor. Ele deve simular uma situação real de comunicação em que este gênero irá circular e fazer com que os alunos se posicionem como agentes produtores num contexto concreto. Portanto, nesse momento de apresentação, o professor tem que ser bem claro quanto ao destinatário do texto, a organização geral do gênero (construção composicional, estilo, conteúdo temático) a ser trabalhado, o suporte onde irá circular a produção, o conteúdo e finalidade objetivados.

Logo após essa explanação, por meio da qual o aluno ficará bem ciente de onde está inserido e para quê, pede-se uma produção inicial que não trará em si o trabalho finalizado, muito menos servirá de quantificador/avaliador do aluno. Trata-se, na verdade, de um importante material a que o professor tem acesso tanto para entender o que não ficou claro na apresentação inicial, quanto para saber as dificuldades de expressão, textualização, observáveis na produção do aprendente. Tendo acesso a este rico sinalizador, o professor irá modelar a sequência didática às necessidades encontradas no aluno através dos módulos. Nesses módulos, poderão ser utilizados exercícios específicos relacionados ao problema encontrado. Na última etapa deste trabalho, pede-se a produção final que apresenta o gênero pronto para “circulação e ação”.

Com base nessa sintética exposição, é essencial a atividade de análise textual por parte do professor. Nessa proposta, devem-se priorizar aspectos macrotextuais (contexto comunicativo, situação comunicacional, interlocutor, linguagem adequada, mecanismos de textualização, coesão, coerência etc) a análise deve se pautar criticamente nos textos dos alunos em sua articulação, em seu posicionamento. Como já fora mencionado, a sequência didática requer um envolvimento e comprometimento por parte do professor e dos alunos, pois não se quer trabalhar com o gênero de forma reduzida, mas atingindo sua função e amplitude. Desse modo:

O procedimento sequência didática é um conjunto de atividades pedagógicas organizadas, de maneira sistemática, com base em um gênero textual. Estas têm o objetivo de dar acesso aos alunos a práticas de linguagens tipificadas, ou seja, *de ajudá-los a dominar os diversos gêneros textuais que permeiam nossa vida em sociedade, preparando-os para saberem usar a língua nas mais variadas situações sociais*, oferecendo-lhes instrumentos eficazes para melhorar suas capacidades de ler e escrever (DOLZ, NOVERRAZ&SCHNEUWLY, 2011, p.82, grifos nossos).

Devemos enfatizar que esse processo é regido por um elemento intencional muito bem demarcado: o ensino dos gêneros textuais. Quando um agente produtor é instigado a utilizá-los, tem-se em mente que este agente já tem interiorizados os aspectos gerais de sua produção, a macroestrutura textual está formada. No entanto, surge a problemática da concretização do texto. Em suma:

As sequências e as outras formas de planificação constituem, como mencionados acima, o produto de uma restauração de um conteúdo temático já organizado na memória do agente-produtor na forma de macro-estruturas. Ora, a forma assumida por essa reorganização é claramente motivada pelas representações que esse agente tem das propriedades dos destinatários de seu texto, assim como do efeito que neles deseja produzir. (BRONCKART, 1999, p. 233-234)

Pelo exposto, fica patente que a sequência didática é um processo de essencial importância no ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, uma vez que permite uma interação entre vários elementos: professor – aluno – texto (gênero textual).

Tal interação possibilita uma mudança de práxis docente, bem como um novo olhar do aluno sobre seu papel no mundo. Nada melhor do que utilizar os recursos da sequência didática, uma das vertentes do Interacionismo Sócio-Discursivo que se detém na avaliação da prática do professor em sala de aula e também desenvolve pesquisas e materiais metodológicos, destinados aos docentes, que possam vir a suprir algumas necessidades do ensino de língua materna. Além de apresentar implicitamente — ou por que não explicitamente? — a linguagem como atividade interativa, abrange o letramento, entendido como práticas sociais da escrita ou da fala.

3.2.1. O gênero poético na escola

Segundo Zappone (2007) em pesquisa realizada com professores de várias regiões do Brasil, os textos mais utilizados no Ensino Fundamental são as narrativas. O poema, enquanto gênero textual, pouco aparece em sala de aula para uma compreensão eficaz, ou aparece de forma inadequada nos livros didáticos apenas para ser explorada com a gramática normativa, o maior referencial e suporte pedagógico utilizado pelos professores, como já explicitado nesse trabalho.

Nessa perspectiva, é função da escola formar literariamente o leitor. É no ambiente escolar que se deve propiciar ao aluno o conhecimento das convenções literárias que regem o modo de funcionamento e composição dos textos literários. Assim, como a obra de arte literária faz parte da realidade e merece um preparo especial para ser observado.

Para melhor compreensão desse conceito, Aguiar (2000) afirma que “há um comportamento, portanto, que é próprio desse mundo, e que só a ele pertence. A esse conjunto de expectativas geradas e de gestos que com elas estejam de acordo, chamamos decoro”, ou seja, o decoro da obra literária refere-se ao conjunto de convenções específicas de cada um dos gêneros que pressupõem modos de construção literária específicos.

Hansen, também compartilha dessa idéia quando sugere que:

[...] no caso da ficção literária definida como produto do ato de fingir da leitura, não há evidentemente uma interpretação correta no sentido de interpretação verdadeira e outras falsas, pois a ficção é metáfora. Mas

há evidentemente, [...] interpretações adequadas que refazem os procedimentos técnicos do ato de fingir. (HANSEN, 2005, p. 19)

Portanto, para cada obra literária com que o leitor se depara, existe um sistema de composição que se vai encontrar. Isto é, ao se ler uma comédia deve-se encontrar personagens cômicos, ao se ler poesia tem-se uma expressão dos sentimentos do eu sobre o mundo. Enfim, cada gênero textual apresenta características específicas que lhe são próprias e que precisam ser conhecidas pelo leitor.

Ressaltamos que os poemas são produzidos por pessoas que utilizam a linguagem de forma diferente da usual. O mais importante, nesse caso, é o modo pelo qual o poema é apresentado, a maneira como as palavras são ordenadas por meio de características próprias. É função da escola fazer com que os alunos sejam capazes de perceber essas características, uma vez que essa percepção pode possibilitar maior acesso ao universo letrado.

Sendo assim, como é possível ler literatura sem o conhecimento de leituras estabelecidas na sociedade, tanto por produtores quanto pelas várias instâncias que regulam os sistemas literários (críticos, editores, distribuidores etc.)? São essas convenções que oferecem a chave para a compreensão do texto poético. É nessa direção que Zappone assinala:

[...] sem o conhecimento dessas regras e convenções, entretanto, a leitura literária fica sendo um grande faz de conta, pois os alunos raramente compreendem o texto, raramente produzem para eles sentidos pertinentes e terminam por acatar vozes (do professor, da crítica, do livro didático) que dizem que o texto significa isto ou aquilo, pois lhe faltam as chaves de compreensão. (ZAPPONE, 2007, p. 11)

Candido (1995) defende o ensino do texto literário e poético na escola, considerando o acesso à literatura mais que um dever da escola, é um direito humano, um valor que não pode ser suprimido das oportunidades de formação. Para o crítico,

Através da leitura literária são estimulados o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o

senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do amor (CANDIDO, 1995, p. 249).

O autor considera a literatura indispensável, imprescindível à existência humana. Assim, o universo da poesia, ficção e da literatura é uma necessidade universal.

Sabemos que a literatura é de fundamental importância para a aprendizagem do aluno, pensar nesse ensino da literatura e suas modalidades práticas supõem que se defina a finalidade desse ensino.

Em relação aos textos poéticos, os aspectos que caracterizam (rima, ritmo e sonoridade) precisam ser evidenciados, assim como a interpretação e a interiorização do poema, a fim de que os leitores se sintam motivados a conhecê-los e a admirá-los por suas especificidades.

É preciso promover leitura do poema em sala de aula, com o objetivo de preparar o aluno como um cidadão capaz de refletir sobre os dados do mundo e a questionar sobre as diferentes formas de leitura que modelam a poesia como rima e forma de conhecimento.

Na concepção de Isabel Solé, formar leitores autônomos também significa formar leitores capazes de aprender a partir dos textos. A compreensão leitora depende de um grande número de fatores, muito complexos e interrelacionados.

Conhecer esses fatores permite detectar as fontes das dificuldades de compreensão e, numa perspectiva pedagógica, mediar a interação do leitor com o texto. Muitos dos gêneros utilizados são aprendidos informalmente nas relações sociais, e quanto maior o número de gêneros com que o aluno se depara maior o universo de comunicação e maior a capacidade de exercer a cidadania. A escola é responsável pelo ensino sistematizado dos gêneros literários.

Consideram-se como literários os textos produzidos para o entretenimento e o deleite dos leitores e que se construam por parâmetros estéticos e ficcionais, produzidos por artistas – os poetas, os literatos.

A seguir abordaremos o poema sendo o articulador para a formação do aluno leitor.

3.2.2. O poema como articulador na formação do aluno leitor

Acreditamos que o poema pode ser inserido no cotidiano da sala de aula e ser um poderoso articulador na formação do aluno leitor, mesmo diante de tanta dificuldade existente no âmbito escolar. Ler e escrever são duas aprendizagens essenciais de todo o sistema da instrução pública. Um cidadão que não tenha essas duas habilidades está condenado ao fracasso escolar e a uma possível exclusão social.

Por isso, o desenvolvimento da leitura e da escrita é a preocupação maior de todos os professores e um dos aspectos importantes sobre a questão da leitura de poemas como objeto de ensino diz respeito à preparação do professor para trabalhar com a diversidade textual.

Diversidade textual esta que os professores devem promover oportunidades para um aprendizado igualitário com vistas a vários letramentos, que levam os aprendizes a compreensão de como funcionam os textos nas sociedades. Defende-se aqui que letramento não apenas envolve compreensão do material que circula socialmente na comunidade brasileira como também implica o entendimento das maneiras de apropriação do sistema de escrita.

Sendo assim, podemos dizer que utilizar o poema na sala de aula pode também representar uma poderosa estratégia para desenvolver a sensibilidade, a criatividade, a autonomia e a autoestima. O trabalho com o texto poético *-ler, interpretar, criar, recriar-* abre espaço para que o aluno se expresse com maior liberdade (liberto de certas estruturas, regras e convenções a que os textos não-literários o amarram) contribuindo, de modo significativo para melhorar-se enquanto leitor, enquanto escritor (no sentido de *pessoa que escreve*) e enquanto ser humano. Acreditamos ainda que a utilização de texto poético seja um importante instrumento na formação leitora do aluno e que o mesmo possa articular de forma prazerosa as outras áreas do conhecimento.

Além disso, a leitura de poema, graças ao seu caráter “aberto”, abre espaço para a expressão da subjetividade, para possibilidades de significação durante o processo interpretativo, favorecendo uma prática interativa e colaborativa, estimulante e motivadora na construção do sentido, assim, como o poema de José Paulo Paes:

Convite

Poesia
é brincar com palavras
como se brinca
com bola, papagaio, pião.
Só que
bola, papagaio, pião
de tanto brincar
se gastam.

As palavras não:
quanto mais se brinca
com elas
mais novas ficam.

Como a água do rio
que é água sempre nova.

Como cada dia
que é sempre um novo dia.

Vamos brincar de poesia?
José Paulo Paes. Poemas para brincar.
2ª ed. São Paulo: Ática, 1991.

Assim, de acordo com o caderno do professor “Poetas da escola” (2010) da Olimpíada de Língua Portuguesa – escrevendo o futuro - o poema é criado como se fosse um jogo de palavras. Ele motiva o leitor a descobrir não apenas a leitura corrente, mas também a buscar outras leituras possíveis.

Paulo Paes (1991), busca mostrar o mundo de um jeito novo, com a intenção de sensibilizar, convencer, fazer pensar ou divertir os leitores. Sugere associações entre palavras, seja pela posição que ocupam no poema, seja pela sonoridade, seja por meio de outros recursos. O poema permite que se lancem sobre ele múltiplas leituras, variadas atribuições significativas, pois não é um texto de compreensão e significação estanques, únicas.

No texto poético, a leitura transcende a realidade, cada indivíduo se reconhece no texto lido de acordo com a sua relação com o mundo. Logo, promover um exercício prevendo uma única resposta *correta* interfere na autonomia interpretativa do leitor, na possibilidade de que ele também seja autor daquele texto.

No final do poema acima citado vem o convite, em forma de pergunta: Vamos brincar de poesia? O poeta ao estabelecer esse diálogo, motiva o leitor a se

interessar pela leitura de outros poemas, outros jogos de palavras marcados pelo ritmo das repetições e pela originalidade. Por isso, para que ocorra a compreensão de um texto, de um poema é preciso mais do que apreender os significados presentes nele.

Cavalcante (2013) nos esclarece “a prática de leitura e compreensão, por sua vez, também requerem a consideração de uma gama de conhecimentos advindos da leitura de outros textos”.

Portanto, nenhum texto pode ser tomado isoladamente, desvinculado de qualquer outro, mas, sim, em sua intrínseca relação com outros exemplares textuais. Interpretar e compreender um texto parte da intenção de aprender o significado do mesmo. Ele oferece uma visão referencial, contextual e situacional, colocando em cena valores extralinguísticos como a identidade dos falantes, sua relação social, comunicação e outros.

No entanto, o poeta é o artista que usa as palavras para fazer uma obra de arte – o poema. Ele sabe como combinar as palavras, como dar ritmo a essa combinação, como fazer com que elas conquistem e surpreendam o leitor, ou seja, o poema bem trabalhado em uma sequência didática dinamiza o aprendizado do aluno e principalmente articula-o nessa formação leitora.

Vale a pena ressaltar que foram utilizadas as estratégias de leituras nas oficinas vivenciadas pelos alunos, com as quais o que importa aqui é a leitura, a compreensão e a interiorização desses poemas e receptividade dos alunos quanto ao poema em questão.

4. METODOLOGIA ADOTADA

Neste capítulo, apresentaremos um panorama da metodologia utilizada no desenvolvimento desta pesquisa, passando em seguida à caracterização de alguns aspectos que a envolvem.

4.1. A natureza da pesquisa

Para o encaminhamento metodológico adotado na realização do presente trabalho, optamos pela pesquisa quanti-qualitativa, buscando alcançar uma coerência com o objetivo de promover e desenvolver atividades de leitura com poemas para conhecer melhor o gênero e exercitar procedimentos de leitura que colaboram para o desenvolvimento da compreensão leitora. Aprimorar as capacidades de execução como praticar estratégias de leitura que desenvolvam capacidades de compreensão e de envolvimento com as leituras escolhidas, de modo que os alunos avaliem e aprimorem suas competências como leitores.

Para tanto, consideramos importante proporcionar ao aluno os benefícios das estratégias de leitura para a formação do aluno leitor e que este compreenda a finalidade de se trabalhar com o poema na sala de aula na formação de leitores, para que estes aprendam estratégias para ler com prazer e compreensão. Dessa forma, a prática de leitura de poemas passa a ter um papel de formação e transformação do aluno leitor.

A importância desse tipo de investigação é que o mesmo delimita para o pesquisador uma série de procedimentos metodológicos, o qual nos baseamos para a aplicação em sala de aula, tais como:

- Levantamento para se verificar o repertório dos alunos no que diz respeito ao texto poético.
- Leitura de coletâneas de poemas considerados adequados para o Ensino Fundamental.
- Apresentação gradativa desta coletânea aos alunos.

- Elaboração de uma Sequência Didática, com a qual se desenvolveu estratégias de leitura na formação do aluno leitor com o gênero poético, num período já determinado pela SD.
- Registro das reações dos alunos (gostou, não gostou, conseguiu aproveitamento razoável da sequência etc.).
- Verificação de conteúdo por meio de reflexões orais.
- Formulação de uma coletânea própria.

4.1.1. A Escola

A pesquisa foi realizada em uma escola estadual do Município de Magda, que se encontra localizada na região Noroeste do interior do Estado de São Paulo. Iniciado seus trabalhos em 1969 contempla até hoje o Ensino Fundamental (do 6º ao 9º ano) e o Ensino Médio (1º ao 3º ano).

A partir da Resolução SE nº 89 de dezembro de 2005, ficou instituído o Projeto Escola de Tempo Integral (ETI) com o objetivo de prolongar a permanência dos alunos do Ensino Fundamental na Escola Pública Estadual, de modo a ampliar as possibilidades de aprendizagem, com o enriquecimento do currículo básico, a exploração de Temas Transversais e a vivência de situações que favoreçam o aprimoramento pessoal, social e cultural.

A concepção da Escola de Tempo Integral, como princípio organizador do currículo escolar, enfatiza a integração dos conhecimentos em diferentes abordagens, considerando que a dinâmica da socialização e os processos educacionais ocorrem em diferentes lugares de modos variados, reconhece que não há um só modo de ensinar, nem único processo de transmissão de conhecimentos, mas uma integração de experiências e conhecimentos que podem se articular no processo educativo, visando a contemplar o conhecimento de maneira mais abrangente, global e, portanto, integral, objetivando uma escola participativa, inclusiva e democrática.

Apresenta uma boa estrutura física, contando com nove (9) salas de aula, um espaço para a Sala de Leitura (antiga biblioteca escolar) com bom acervo de livros. Há também espaço ao ar livre dedicado a leitura chamado “Cantinho da

Leitura”, com mesas e bancos de alvenaria, um pequeno laboratório de ciências, um pequeno pátio coberto, sanitários e dependências administrativas. No espaço físico da escola existe quadra desportiva coberta e laboratório de informática com acesso à internet.

A escola oferece apoio pedagógico de aprendizagem, orientação escolar e supervisão. Há um projeto político-pedagógico embasado no ensino-aprendizagem dos alunos. Contava ao todo no momento da pesquisa com aproximadamente vinte e sete (27) professores que participam de reuniões pedagógicas semanalmente e cerca de duzentos e setenta e cinco (275) alunos.

A escolha da escola deu-se por ser o local onde atuamos efetivamente como professora, também por ser uma escola flexível quanto ao desenvolvimento da pesquisa e por dispor de duas turmas de 9º ano do Ensino Fundamental.

4.1.2. O perfil dos alunos envolvidos na pesquisa

Os participantes do grupo pertencem à classe média/baixa, tendo como trabalho principal de seus pais a lavoura e as usinas de cana de açúcar.

A escolarização dos pais apresenta heterogeneidade ao grau de ensino escolar, uma grande parcela cursou apenas o Ensino Fundamental completo, alguns conseguiram completar o Ensino Médio e outros poucos completaram o Ensino Superior. Profissionalmente, pais e mães apresentam várias profissões como: costureiras, pedreiros, ajudantes gerais e funcionários públicos.

A turma com a qual desenvolvemos a pesquisa cursa o 9º ano do Ensino Fundamental e é formada por 17 alunos, com idade entre 13 e 14 anos. A maioria dos participantes do grupo sempre estudou na mesma escola.

De maneira geral, consideramos um bom grupo de trabalho, quase sempre demonstravam atitudes de interesses por responderem, primeiramente ao questionário, quanto pela aplicação da (SD) Sequência Didática.

O relacionamento professor/aluno foi marcado pela interatividade e diálogo de ambas as partes e principalmente o interesse que os próprios alunos demonstraram por toda atividade de leitura e entendimento dos poemas selecionados na Sequência Didática.

4.1.3. A escolha da Antologia Poética

Para a produção da Sequência Didática: Chaves da Leitura “Descobrimos o prazer de Ler e Compreender poemas”, realizamos uma antologia poética coletando os poemas que seriam estudados em cada oficina durante a realização do projeto.

A seleção foi composta por diversos poemas modernos, sendo suas temáticas próprias da vivência do aluno, foi levado em consideração também sua qualidade de produção, a composição poética de cada um, propondo o conhecimento de alguns dos principais autores clássicos da Literatura levando os alunos a participarem, propiciando o despertar do gosto pela leitura de textos poéticos.

Para a realização das oficinas, optamos por chamá-las de: Aula de Oficina e foram nomeadas uma a uma.

Começamos pela oficina um (1): “Reconhecendo os poemas”, com o poema *Recomeçar*, de Carlos Drummond de Andrade (2002); Na oficina dois (2), “Vamos ler poemas?” o poema lido foi *Certezas*, de Mario Quintana (2005); Na aula de oficina três (3) realizaram-se apresentações da biografia dos poetas relacionados; Aula de oficina quatro (4), “A chave da leitura” o poema lido nesta oficina foi *No meio do caminho* de Carlos Drummond de Andrade (2002); Oficina cinco (5), “O amor como forma de expressão”, as atividades desenvolvidas foram com o poema *As sem-razões do Amor*, de Carlos Drummond de Andrade (2002); A oficina seis (6), “A construção poética de imagens”, outro poema de Drummond (2002), *Quadrilha*, utilizado nas atividades realizadas; Na oficina sete (7), “Hora do desafio!”, optamos por trabalhar com os poemas *Trem de ferro*, *Porquinho-da-Índia*, *O bicho*, *A estrela*, *Poema tirado de uma notícia de jornal*, *A onda*, *Irene no céu* e *Profundamente* pela diversidade temática existente do poeta Manuel Bandeira (2008); Na oficina oito (8), “O poema e a música um par perfeito!”, realizou-se atividade com a música: *Garotos*, interpretado pelo cantor Leoni (1993); Na oficina nove (9), “A música e as relações intertextuais”, continuamos a utilizar letra de música na oficina com Chico Buarque de Holanda e Nara Leão, música João e Maria (1977); Finalmente, na oficina dez (10) “Meus poemas favoritos...”, houve a leitura de vários poemas e principalmente a escolha dos mesmos para a formação da coletânea feita pelos próprios alunos.

4.1.4. Os recursos para coleta de dados

Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram o questionário inicial, o relatório da professora de cada oficina, o questionário final, a apreciação dos alunos sobre as oficinas desenvolvidas e a escolha dos poemas para a antologia poética.

A seguir, analisaremos as atividades desenvolvidas iniciando-se pelo questionário proposto.

5. ANÁLISE DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

5.1. Análise do Questionário Inicial

A prática de leitura de poemas não acontece de forma sistemática na sala de aula. Ou seja, o poema é pouco estudado, lido ou principalmente, compreendido pelos alunos. Dessa forma se o professor não tiver o hábito de ler poemas e não se sensibilizar ao ler uma poesia, dificilmente conseguirá despertar esse interesse em seus alunos, como afirma Cunha (1986, p.95).

Para tanto, é preciso descobrir formas de familiarizar e de aproximar os jovens a leitura de poemas, despertando assim o gosto pela leitura dos mesmos. E essa forma de familiarização e aproximação deve ser feita com parcimônia e por meio de um planejamento para evitar as várias afirmações de que os poemas são de difíceis interpretações e entendimento.

Pinheiro (2002, p.23) afirma que “a leitura do texto poético tem peculiaridades e carece, portanto, de mais cuidados do que o texto em prosa”. Dessa forma, a leitura do poema não é de difícil interpretação, apenas necessita de mais cuidado e atenção para que ocorra o entendimento.

Diante desse cenário, o questionário inicial foi composto por dez questões relacionadas ao gosto pela leitura de poemas. Inicialmente, observou-se qual a importância da leitura na vida desses alunos, mesclando questões dissertativas e objetivas, aplicado a um grupo de 17 alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental, como forma de investigação sobre os conhecimentos prévios dos mesmos.

A análise do questionário foi feita a partir da tabulação das respostas e posteriormente foi elaborado um gráfico para cada questão para que possamos verificar de fato o que os alunos conhecem/sabem sobre leitura e poemas.

Percebemos que o questionário foi bem recebido pelos alunos que se mostraram bastante receptivos quanto à realização da atividade e ansiosos para começar o projeto. Buscamos nesse projeto o envolvimento dos alunos e o comprometimento por meio de uma parceria significativa.

A seguir podemos observar a primeira questão e análise do gráfico:

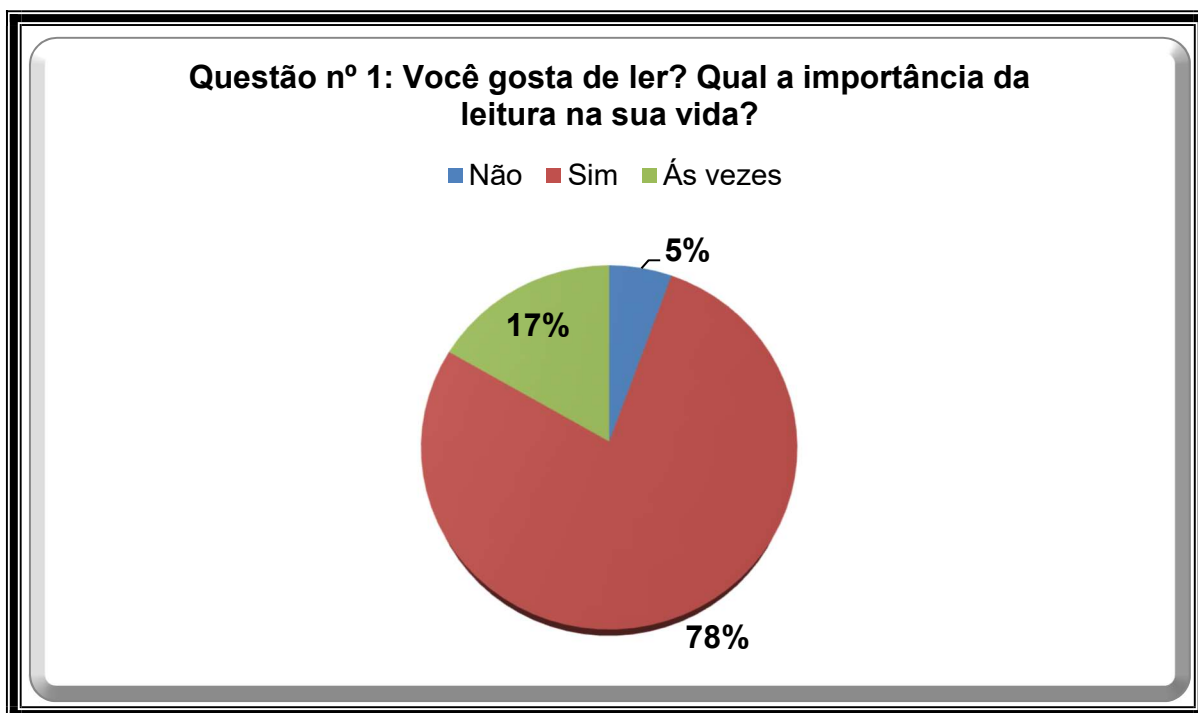


Gráfico 1- Resultado da questão 1

Fonte: acervo pessoal

Observamos que 78% dos alunos gostam de ler e que a leitura é importante para a vida, 17% responderam que gostam de ler às vezes e 5% responderam não gostarem de ler. Desses 78% dos alunos que gostam de ler, algumas respostas foram justificadas de maneira poética, como: “sim, a leitura é a chave do conhecimento, sem a leitura não existe aprendizado”; “sim, a leitura é a porta de entrada para o conhecimento”; “sim, a leitura faz viajar pelo mundo da imaginação”; “sim, a importância da leitura me faz compreender melhor o mundo”. Já outras justificativas foram de maneira objetiva, como: “sim, a leitura é de total importância para nosso conhecimento, através dela melhoramos nossa escrita, desenvolvemos melhor nossas opiniões, aprimoramos nossa dicção, enfim ela é fundamental para quem busca um futuro melhor”; “sim, pois com a leitura, desenvolvemos um bom diálogo e expressamos melhor nossa opinião”; “sim, a leitura transforma e melhora nosso vocabulário”; “sim, a leitura é importante para o meu futuro e faz ficar informado o que acontece no mundo a minha volta”; “sim, porque me sinto muito melhor quando leio”; “sim, porque é interessante está dentro da vida real” (respostas dos alunos, 9ºano Ensino Fundamental, 2015).

Observamos nessas justificativas certa coerência em relação à importância da leitura na vida de cada um e que eles podem vivenciar a leitura de forma

prazerosa. Mas, ressaltamos, mesmo eles sabendo da importância da leitura em suas vidas, ainda assim, muitos não acreditam, levando-os ao desânimo e a falta de interesse pela leitura. Isso, somente, aumenta o nosso desafio na sala de aula.

Em relação à segunda questão temos:

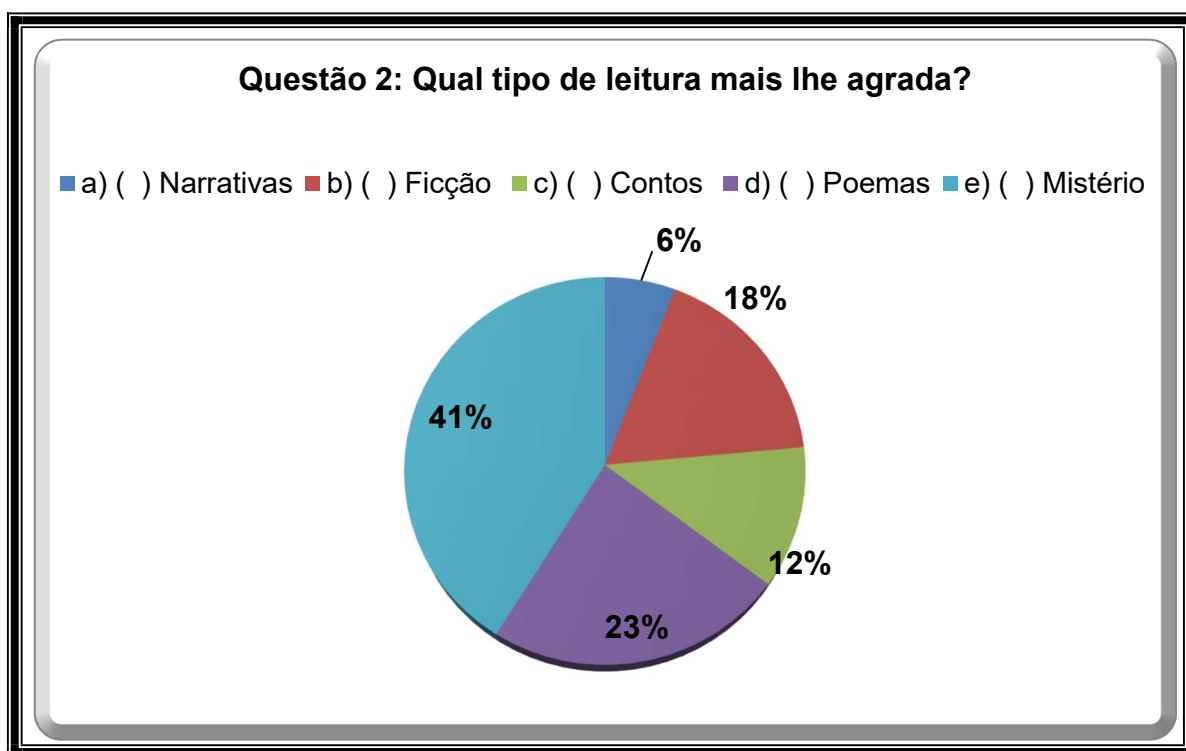


Gráfico 2- Resultado da questão 2

Fonte: acervo pessoal

O gráfico mostra o tipo de leitura que mais agrada os alunos. Neste caso, 41% optaram por mistério, pois acreditam ser o que mais chama a atenção na hora da leitura devido a tentarem desvendar o “mistério” que ocorre em determinada trama, 23% optaram por poemas que falam de amor e por se identificarem com os mesmos, 18% gostam de ficção, muitos devido aos jogos de vídeo game ser uma grande influência nessa escolha, 12% escolheram contos, por serem narrativas mais curtas para leitura e 6% narrativas de aventura.

Diante dos dados coletados, o que nos chamou bastante atenção foi os 23% dos alunos pesquisados gostarem de ler poemas, pois diante do que propomos nessa pesquisa, vale à pena ressaltar tais escolhas. Após investigarmos sobre a importância da leitura e os gostos de cada um, partimos para nos aprofundarmos na

investigação sobre os poemas, o que sabem sobre os escritores, se compreendem o que lêem.

Sendo assim, a terceira questão mostra que:



Gráfico 3- Resultado da questão 3

Fonte: acervo pessoal

A questão investigada mostra que 96% dos alunos já leram poemas variados e alguns se lembram do título do poema lido. Muitos mencionaram terem feito leituras obrigatórias ou a decorar o poema em questão.

Houve uma investigação também sobre o motivo pelo qual os alunos tiveram que decorar os poemas sem nenhum tipo de compreensão ou estudo. Os alunos disseram que decoravam os poemas para apresentação no Sarau Literário (uma festividade que acontece no mês de Outubro de cada ano).

Alguns alunos disseram ter lido poemas apenas na avaliação dada em sala de aula e outros disseram terem lido poemas por prazer, por sentirem vontade. Apenas 4% disseram nunca terem lido poemas.

Percebemos com as respostas dos alunos que os próprios professores não se importam com a compreensão do poema escolhido para a leitura ou a declamação no Sarau Literário, perdendo-se a grande chance de fazer com que esse mesmo aluno se interesse e tenha um melhor desempenho.

Investigamos, então, o que sabiam sobre os escritores dos poemas lidos, o nome do escritor ou algo sobre a vida dele.

A questão quatro revelou que:

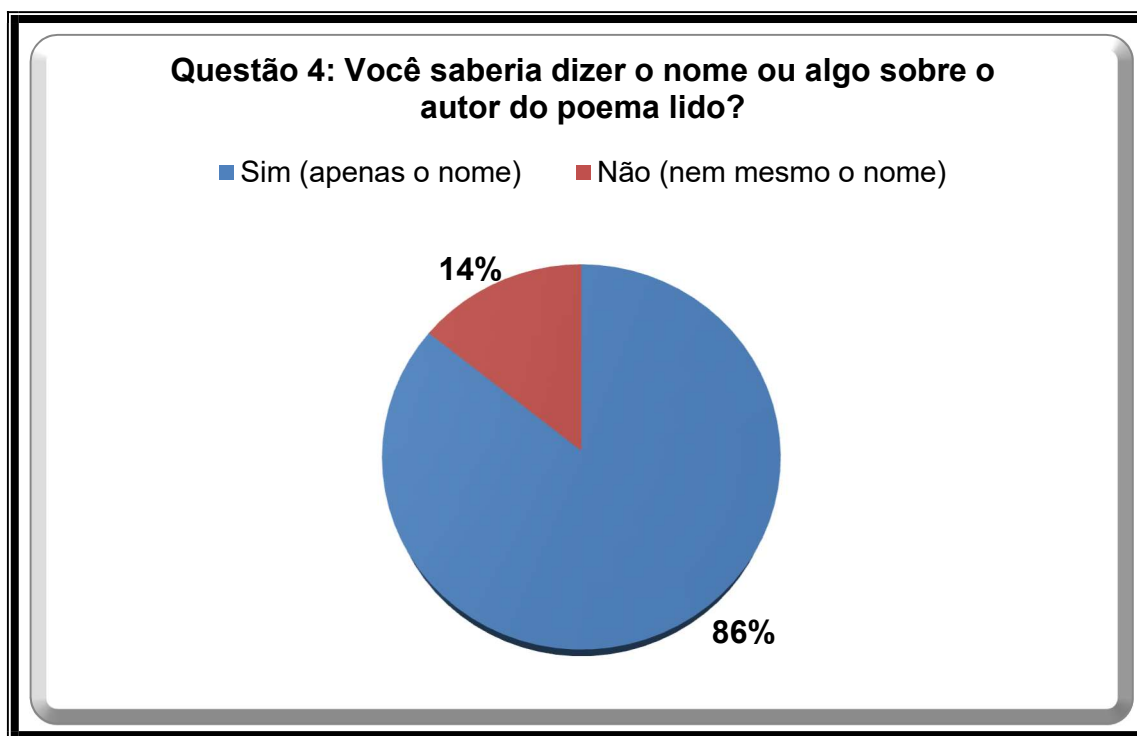


Gráfico 4- Resultado da questão 4

Fonte: acervo pessoal

Ao investigarmos se saberiam dizer o nome de algum escritor (poeta), 86% disseram que sim e o nome mais citado foi Carlos Drummond de Andrade, com 35%. Em seguida, Fernando Pessoa, com 23%; Manuel Bandeira, com 18%; Cecília Meireles, 12%; Vinícius de Moraes e Pablo Neruda, com 6%. Em relação a dizer algo sobre o autor, sobre vida e obra, em nenhum dos casos foi apresentada alguma resposta, ou seja, 100% dos alunos nada sabem sobre o escritor, sua vida, a obra que escreveu, onde viveu, apenas conhecem o nome do poema e quem o escreveu sem maiores informações.

Diante do que foi revelado nessa questão, podemos afirmar o quanto os professores, nesse caso específico, precisam melhorar suas aulas ao trabalhar com poemas e, principalmente, situar os alunos sobre determinado escritor, investigando quem foi o que fez, qual sua contribuição na sociedade. Dessa maneira, acreditamos que os alunos ao chegarem ao Ensino Médio conseguiriam identificar melhor os grandes poetas.

Na questão seguinte, investigamos se realmente os alunos, ao lerem poemas, conseguem compreender a mensagem que é passada, interiorizam o que o autor quer revelar, ou apenas lêem e não compreendem.

Desse modo a quinta questão, nos mostra:

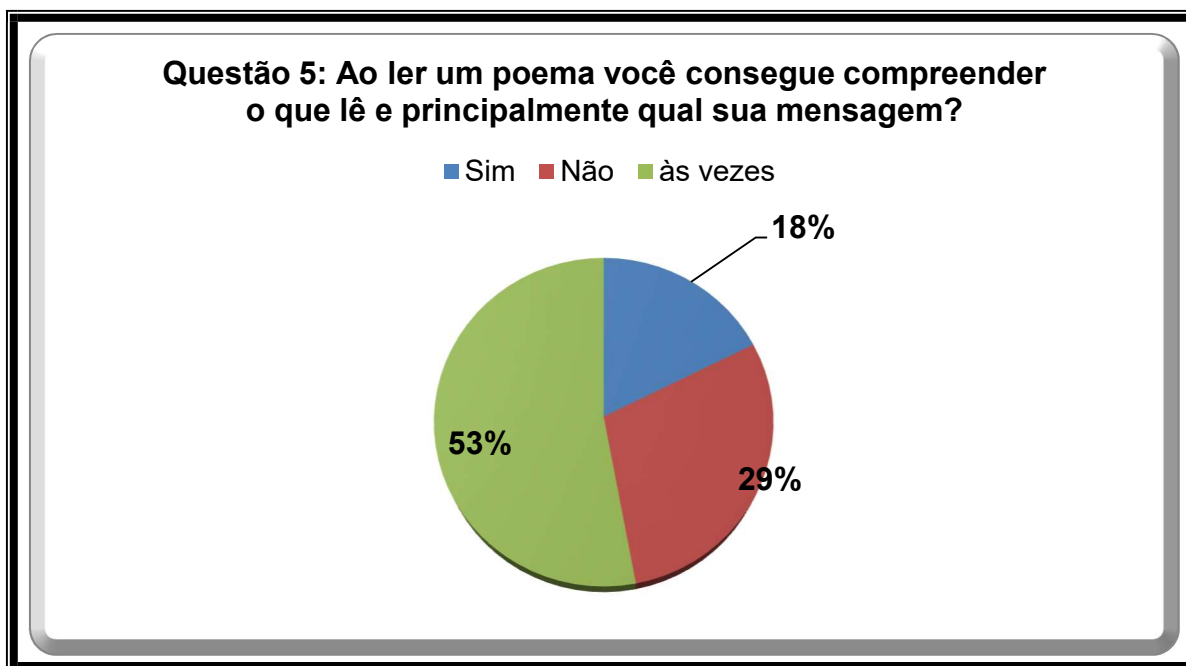


Gráfico 5- Resultado da questão 5

Fonte: acervo pessoal

O gráfico revela que apenas 18% “compreendem” quando lêem um poema e interpretam a mensagem do mesmo, 29% disseram “não” compreenderem e não identificam a mensagem do poema, ou seja, não entendem na primeira leitura o que o poema quer transmitir para o leitor. Já 53% disseram que “às vezes” conseguem compreender a leitura de poemas e decifrar a mensagem escrita. Algumas respostas foram ao encontro com o que pensávamos sobre a “compreensão” do poema, o aluno em uma leitura individual tem muita dificuldade de compreensão. As respostas foram: “Existem poemas, que na primeira leitura, nem sempre é compreendido, mas após outras leituras tudo se esclarece com a ajuda do professor”; “É necessário ler e reler o poema para que tenha compreensão”; “Nunca consigo compreender um poema na primeira leitura, principalmente lendo sozinho”; “Acho bem difícil ler poema, pois quase não entendo a leitura, compreendo poucas coisas e daí não quero mais ler nenhum”; “Na primeira leitura é um pouco complicado entender,

compreender o que o poema quer transmitir, mas a partir de outras leituras com bastante atenção começa a clarear melhor” (respostas dos alunos – 2015).

Para que a leitura de poemas obtenha êxito devem usar estratégias de leitura bem elaboradas, como, por exemplo, a leitura mediada pelo professor e a leitura compartilhada, pois o professor é o elo principal para o aluno poder compreender aquilo que lê, sendo o mediador entre o texto e o leitor.

Para que haja uma compreensão e principalmente que o aluno interiorize o poema, é preciso utilizar as estratégias de leitura deixando fruir a compreensão e a vivência do aluno com o texto.

Verificamos na prática que os pressupostos de Isabel Solé (2009, pg.118), estabelecem as estratégias responsáveis pela compreensão durante a leitura podendo ser incentivadas em atividades de leitura compartilhada como:

- ✓ Formular previsões sobre o texto a ser lido.
- ✓ Formular perguntas sobre o que foi lido.
- ✓ Esclarecer possíveis dúvidas sobre o texto.
- ✓ Resumir as ideias do texto.

Trata-se de que o leitor possa estabelecer previsões coerentes sobre o que está lendo, que as verifique e se envolva em um processo ativo de controle da compreensão. Por isso, é importante usar tal estratégia na sala de aula, para a compreensão leitora dos alunos.

Além disso, a função da leitura nas aulas de Língua Portuguesa é enriquecer o diálogo e em nenhuma circunstância o professor, em sua prática pedagógica, deve utilizar o texto literário, ou mesmo o poema para explorar palavras e frases isoladas, para desafiar a compreensão de outros textos, ou, ainda, estudar isoladamente suas estruturas gramaticais ou seu vocabulário, retirado do texto e discutido fora de contexto, especialmente para análise e classificação.

É necessário que o professor ouse, crie, sonhe e transforme a sala de aula junto com seus alunos em um espaço de prazer, diversão e criação. Observa-se que o poema além de ser prazeroso, pode ser útil, pois propicia à formação do homem.

Para tanto, em relação à sexta questão, procuramos descobrir o envolvimento dos alunos com o poema, perguntando se o mesmo consegue exprimir

sentimentos, ou seja, consegue mexer com as emoções, com o gosto, com a vontade da leitura.

A questão nos revelou:

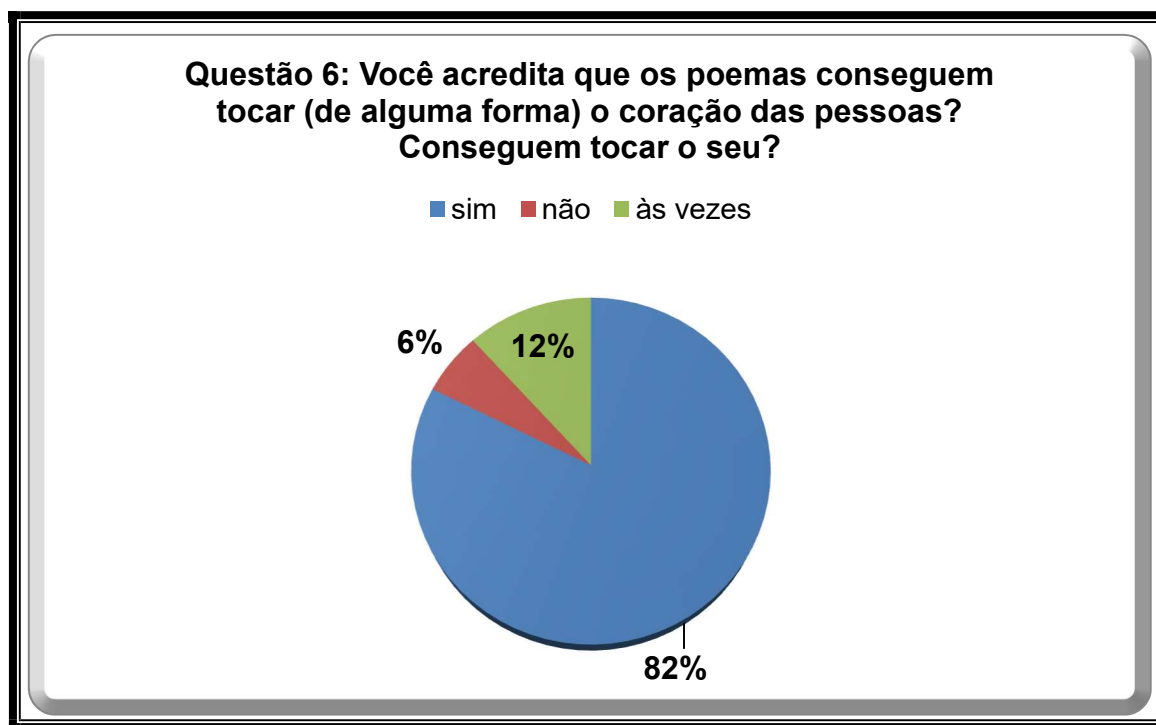


Gráfico 6- Resultado da questão 6

Fonte: acervo pessoal

O gráfico mostra que 82% dos alunos acreditam que os poemas conseguem exprimir sentimentos, ou seja, “tocar” o coração das pessoas, 12% acreditam que nem sempre, 6% não acreditam que o poema consegue transmitir algum tipo de sentimento.

Ao analisarmos essa questão pudemos observar que grande parte dos alunos acreditam que o poema pode exprimir sentimentos, fluir emoções, mas ainda existe algum certo distanciamento em relação aos poemas, ou não gostam de lê-los, ou não compreendem o que leram. Possivelmente, isso acontece por vários motivos que os levam a esse distanciamento, como, por exemplo, o professor pouco explorar o texto, e quando o faz, deixa de lado a leitura prazerosa, a compreensão e tampouco a interiorização desse poema.

Desse modo, acreditamos o quanto se faz necessário mudar a forma de inserir o poema na sala de aula, objetivo dessa pesquisa, para que os alunos possam quebrar paradigmas do tipo “a leitura de um poema serve apenas para

decorá-lo e declamá-lo (obrigatoriamente) em saraus literários da escola” (opinião de alguns alunos do 9º ano Ensino Fundamental, 2015).

Solé (2009) nos mostra que,

O processo de leitura deve garantir que o leitor compreenda os diversos textos que se propõe a ler. É um processo interno, porém deve ser ensinado [...]. [...] o importante é pensar que, por um lado, os alunos e alunas *sempre* podem aprender a ler melhor mediante as intervenções do seu professor e, por outro, que *sempre*, no nível adequado, deveriam poder mostrar-se e considerar-se competentes mediante atividades de leitura autônoma. (SOLÉ, 2009, pg.116-117, grifos da autora).

Nesse contexto, as tarefas de leitura compartilhada devem ser consideradas a melhor opção para os alunos compreenderem e usarem as estratégias úteis para o entendimento do texto. No caso, os poemas para que ele possa compreender e desenvolver uma leitura mais autônoma.

Portanto, diante de tal realidade, desenvolvemos essas estratégias no decorrer da aplicação de nossa Sequência Didática (SD), a qual será melhor descrita mais adiante.

A sétima questão procurou investigar a relação entre a música e o poema. O que eles achavam de incomum entre ambos. A questão revelou:

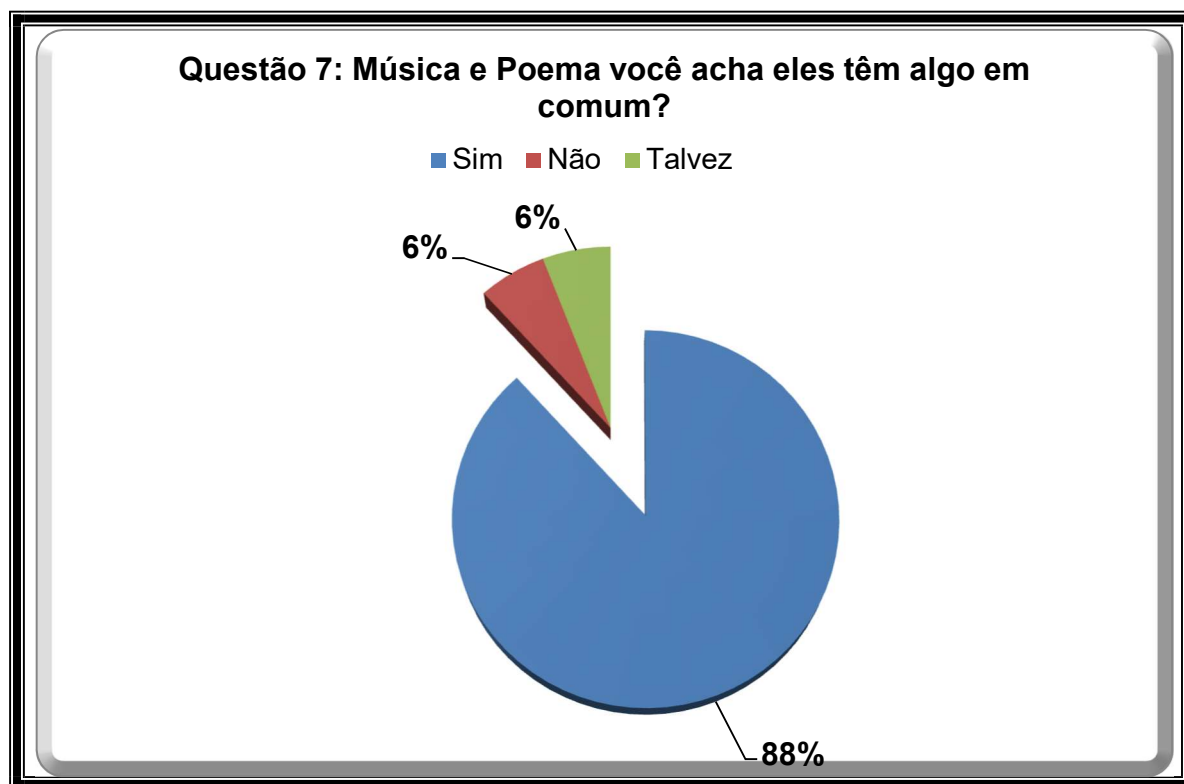


Gráfico 7- Resultado da questão 7

Fonte: acervo pessoal

Observamos que 88% dos alunos acham que a música pode ser considerada um poema e algumas respostas indicaram certo conhecimento a respeito da estrutura dos textos em questão, como a rima e a musicalidade. Na opinião dos alunos temos: “Sim, em minha opinião a música e o poema contêm as mesmas características, rimas, versos, mas a diferença é que a música tem melodia que a acompanha”; “Sim, pode ser considerado as mesmas características, versos, rimas e transmitem mensagens muitas vezes de amor”; “Sim, na minha opinião toda letra de uma música é um poema”; “Sim, porque tanto o poema quanto a música nos *transmite* algo para poder refletir ou apenas curtir”; “Sim, toda música antes de colocar a melodia, possui todas as características que um poema tem” (Respostas dos alunos, 9º ano Ensino Fundamental – 2015).

Apenas 6% disseram que às vezes um poema pode ser considerado música, não sabendo ao certo explicar tal opinião e os outros 6% disseram que *não*, a música não pode ser considerada um poema por não terem nenhuma semelhança.

A oitava questão investiga de que forma o poema foi proposto aos alunos em sala de aula:

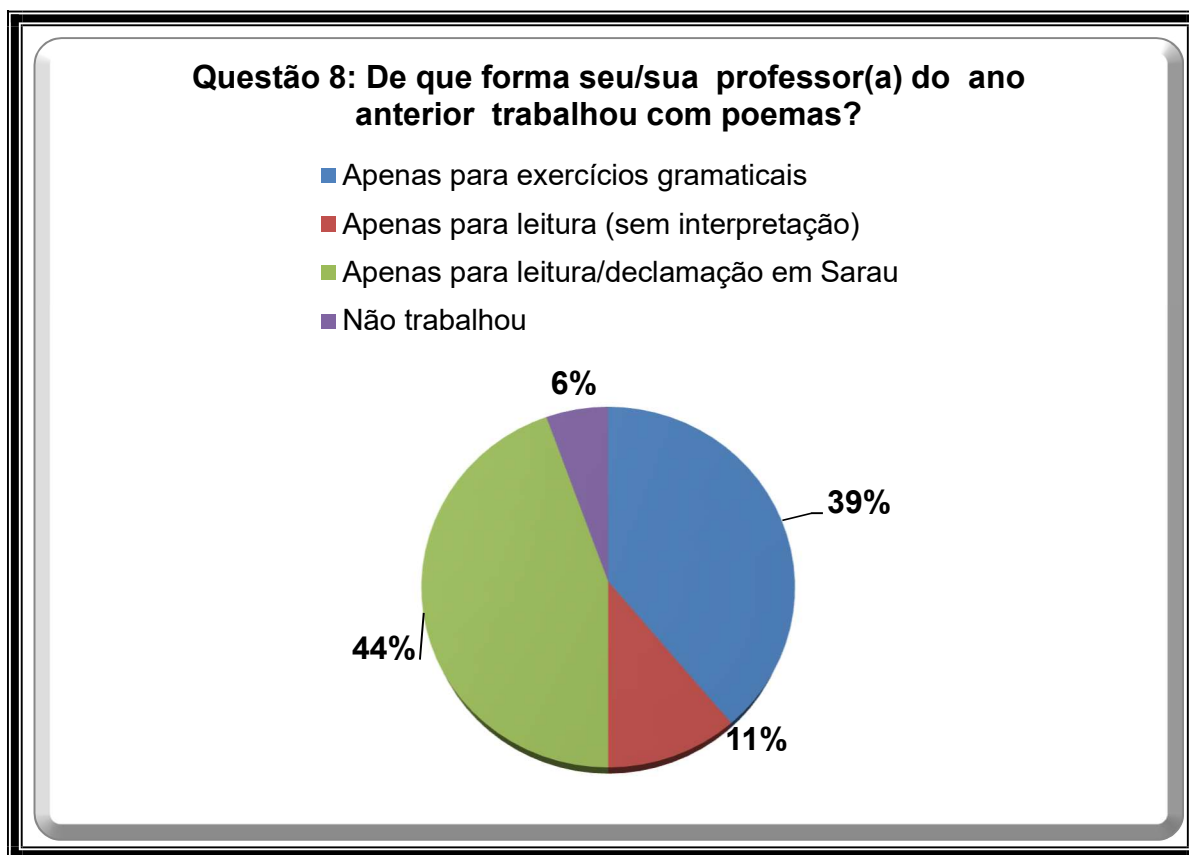


Gráfico 8- Resultado da questão 8

Fonte: acervo pessoal

A questão revela a forma com a qual foi estudado o poema no ano anterior, 44% disseram ter lido poemas apenas para declamarem em Sarau Literário, 39% apontaram que o poema foi utilizado para fins gramaticais, 11% disseram ter apenas lido poemas sem nenhum tipo de interpretação e apenas 6% constataram que não foi estudado nenhum poema no ano anterior.

Percebemos como o poema é pouco explorado em sala de aula e o professor quando o faz tende a organizar exercícios gramaticais, supondo que está trabalhando de forma correta em relação ao texto poético, ou apenas direcionam os alunos para apresentação no Sarau Literário da escola.

Acreditamos ser uma proposta muito boa o Sarau Literário, porém, deve-se melhorar os estudos com os poemas, mudar as estratégias e (re)novar metodologias, melhorando ainda mais o gosto pela leitura.

A nona questão compreende o local da escola utilizado para leitura de poemas:



Gráfico 9- Resultado da questão 9

Fonte: acervo pessoal

Como podemos observar no gráfico, 100% dos alunos utilizam a Sala de Leitura da escola para a leitura, um espaço de fundamental importância para o desenvolvimento das competências leitora e escritora, frequentemente visitada para leitura de gêneros diversos.

Os alunos da pesquisa em questão intensificam a procura por poemas apenas quando está perto da época do “Sarau Literário”. Ou seja, fazem leituras apenas para a escolha, depois decoram e posteriormente declamam os mesmos nessa festividade. Observamos nesse caso que, muitas vezes, o poema não é interiorizado, compreendido pelos alunos e os mesmos não conseguem enxergar a beleza que há em um texto poético.

Cabe aqui salientar algumas informações sobre o significado do Sarau Literário na escola pesquisada. Começamos por dizer que o Sarau foi um evento bastante comum no século XIX e vem sendo redescoberto por seu caráter de inovação, descontração e satisfação. Consiste em uma reunião festiva apresentando concertos musicais, serestas, cantos e declamações de poemas, com o objetivo de incentivar a participação dos alunos nos eventos que envolvem o fazer poético individual ou colaborativo; contribuir para a ampliação do direito de ler, promover condições de acesso a prática de leitura, sendo capaz de levá-la para sua vivência diária. Sabemos o quanto é válido toda e qualquer ação para o desenvolvimento do gosto pela leitura, sejam de poemas ou outros gêneros textuais, mas salientamos que uma boa estratégia de leitura e a compreensão da mesma fazem toda a diferença, o que objetivamos em nossa prática.

A décima questão retoma a importância da leitura literária:

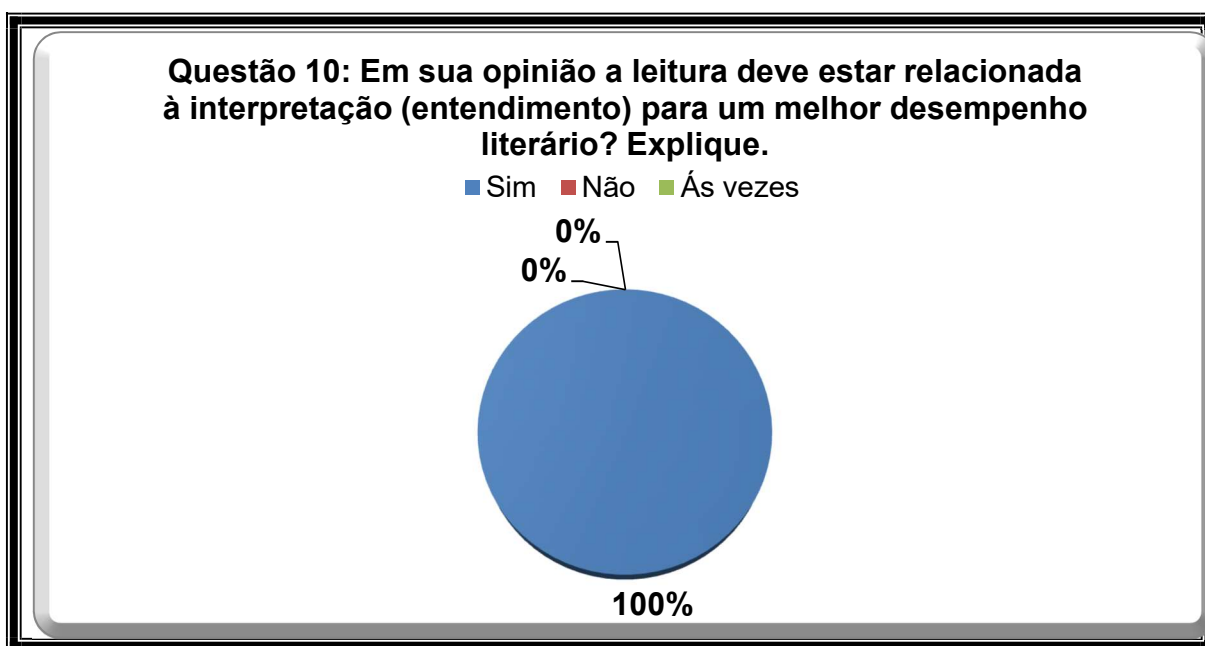


Gráfico 10- Resultado da questão 10

Fonte: acervo pessoal

O gráfico mostra que 100% dos alunos acreditam que a leitura deve estar relacionada ao entendimento e a compreensão para melhorar o desempenho pelo gosto literário. Dessa maneira, Foucambert enfatiza o significado da leitura:

[...] ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é.

Um poema ou uma receita, um jornal ou um romance, provocam questionamentos, exploração do texto e respostas de natureza diferente; mas o ato de ler, em qualquer caso, é o meio de interrogar a escrita e não tolera a amputação de nenhum de seus aspectos (FOUCAMBERT, 1994, p.5).

Sabemos que o hábito de leitura depende de outros elos no processo da educação. Por meio da leitura o ser humano consegue se transportar para o desconhecido, explorá-lo, decifrar os sentimentos e emoções que o cercam e acrescentar vida ao sabor da existência. Pode, então, vivenciar experiências que propiciem e solidifiquem os conhecimentos significativos de seu processo de aprendizagem. Neste sentido, o aluno deve perceber que a leitura é o instrumento chave para alcançar as competências necessárias para uma vida de qualidade, produtiva e com realização.

Para tanto, a Sequência Didática (SD) propõe o gosto pela leitura de poemas prazerosos, aguçando, assim, o potencial cognitivo, por meio de estratégias bem definidas, possibilitando o alargamento dos horizontes pessoais e culturais, garantindo a formação crítica e emancipadora dos alunos.

A seguir faremos a análise da Sequência Didática (SD) vivenciada em sala de aula pelos alunos em oficinas de leitura, a fim de termos um diagnóstico acerca da leitura de poemas.

5.2. Análise da Sequência Didática (SD)

Com o intuito de promover atividades de leitura que favoreçam o desenvolvimento cognitivo do aluno, embasamos as oficinas “Chaves da Leitura descobrindo o prazer de Ler e Compreender Poemas” nas estratégias de leitura propostas por Isabel Solé (2009) e Roxane Rojo (2011) que apresentam alternativas metodológicas para um melhor desenvolvimento da leitura.

De maneira específica utilizamos estas estratégias que possibilitaram uma sequência de ações que contribuíram e auxiliaram a compreensão leitora. Foi proposta para essa sequência uma modalidade de leitura compartilhada professor/alunos, combinando a leitura silenciosa com a leitura em voz alta e outras estratégias.

As atividades foram desenvolvidas em dez (10) oficinas que compõem a Sequência Didática (SD) como veremos a seguir:

1ª Oficina

A primeira oficina, intitulada “Reconhecendo poemas”, teve como objetivo apresentar a Sequência Didática (SD) aos alunos; levantar o conhecimento prévio dos mesmos sobre poemas. Para esta aula, o poema foi “Recomeçar”, de Carlos Drummond de Andrade.

O primeiro momento *antes da leitura* foi abordar o conhecimento e experiências prévias, formularam-se questões a partir do título, perguntas a respeito do escritor o que sabiam ou não sobre o mesmo. Os alunos, a princípio, informaram que ouviram falar do poeta em questão, alguns já tinham lido alguns poemas do autor, porém a maioria disse não compreender o que lia.

Após esse primeiro momento, com o uso de alguns recursos tecnológicos como o projetor, apresentamos o poema em vídeo e falamos um pouco da trajetória do autor, para que os alunos entrassem em contato com o poeta e o poema em questão. Em seguida, foi entregue a folha com o poema, para que fizessem a leitura e acompanhassem o vídeo. Neste momento, os alunos começaram a demonstrar interesse pelo poema e rapidamente todos queriam participar da leitura.

O momento *durante a leitura* foi o de antecipar as propriedades do texto. Esta estratégia opera durante toda a leitura, pois incita os alunos a antecipar conteúdos do poema e é também responsável pela velocidade maior de leitura. A partir do título, fizemos várias perguntas aos alunos a respeito do mesmo, o que pensavam, o que sabiam, qual sua vivência e solicitamos que escrevesse numa folha de papel a parte o que para eles representava a palavra “recomeçar”. Todos então, prazerosamente, escreveram o que foi solicitado. A seguir transcrevemos algumas respostas dos alunos diante da palavra “recomeçar”:

Aluno1- “Recomeçar” é vencer todas as dificuldades, passar por cima de todos os problemas, sempre sorrir, sempre ver o lado bom de um problema, ter uma luz no fim do túnel.

Aluno 2 - “Recomeçar” para mim é apagar tudo de ruim que já aconteceu em sua vida e começar uma vida nova com coisas novas, sonhos bons, renovar e ter esperança. Recomeçar é ter um novo propósito para sua vida, é acreditar em si mesmo, no seu potencial, é acreditar que você é capaz de correr atrás dos seus sonhos, de realizá-los.

Aluno 3 – Recomeçar é ter novas esperanças e saber sonhar novamente dando uma oportunidade para si mesmo. Recomeçar é incentivar, juntar seus pedacinhos para tentar novamente, pois tudo tem um propósito nas nossas vidas e isso te faz acreditar que podemos ser feliz, realizar, sonhar, acreditar e o mais importante “recomeçar”.

Aluno 4 – A palavra recomeçar para mim tem um significado muito forte, pois o recomeço é ter uma nova chance e saber que nem tudo está perdido.

Aluno 5- Recomeçar é sempre dar uma nova chance a si mesmo, o que importa é o momento, o que você fez no passado servirá de lição para seu futuro (alunos do 9º ano Ensino Fundamental-2015).

A princípio, a leitura do poema foi realizada em três etapas: leitura individual, compartilhada e com expressividade feita pela professora. Ainda durante a leitura do poema fizemos a checagem de hipóteses levantadas e verificamos se elas foram ou não confirmadas. Neste caso, atrelou-se a teoria à prática. Dessa maneira os pressupostos de Solé (2009) nos proporcionaram essa aplicabilidade em sala de aula, obtendo-se resultados satisfatórios. Nas palavras da autora:

Nesta proposta, pretende-se que, para cada trecho de leitura se recapitule, se verifiquem hipóteses, se estabeleçam previsões e se formulem perguntas, sem que isso signifique que seja preciso fazer tudo isso cada vez; talvez a recapitulação substitua a verificação de hipóteses e que, na formulação de perguntas se antecipe implicitamente (SOLÉ, 2009, p. 186).

Observamos *durante* a leitura que os alunos ficaram muito interessados no poema e o mesmo levou-os a *reflexões* de suas próprias vivências. Ao final da oficina, foi proposta a escrita de suas impressões sobre a leitura do poema em questão. Algumas respostas foram:

Aluno 1 – A leitura do poema feita dessa maneira em três etapas fez com que eu conseguisse um melhor entendimento. O poema em si é uma lição de vida para quem acha que sua vida não tem mais solução, não tem mais sentido, para que possa pensar sempre positivo, pois sempre existe uma saída. Gostei bastante.

Aluno 2- A leitura compartilhada deu mais entendimento ao poema. Gostei bastante.

Aluno 3 - A leitura compartilhada fez com que a interpretação (entendimento) do poema ficasse mais claro, porque deu para perceber o entusiasmo com a leitura de cada um de nós.

Aluno 4 –Eu gostei bastante desse poema, principalmente do jeito que foi lido, deu para mim entender melhor. Esse poema tocou meu coração de uma forma tão especial, pois quantas vezes já pensei em desistir de tudo e jogar tudo para o alto... ele me fez acreditar que tudo é possível e principalmente recomeçar é possível.

Aluno 5- A leitura compartilhada foi muito boa, pois nos ajudou a entender melhor o objetivo que o poema quis passar para nós. E agora que eu entendi quero ler mais poemas (respostas dos alunos do Ensino Fundamental- 2015)

No final da oficina os alunos responderam algumas questões as quais foram tabuladas:

Resultado

Você gostou de ler o poema “Recomeçar” de Carlos Drummond de Andrade?		
Sim	Não	Mais ou menos
100 %	-	-

Tabela 1- Resultado da questão 1

Fonte: acervo pessoal

Em relação à oficina,

Resultado

A oficina ajudou a melhorar sua compreensão na leitura do poema?		
Sim	Não	Mais ou menos
100 %	-	-

Tabela 2- Resultado da questão 1

Fonte: acervo pessoal

Nesta primeira Oficina, verificamos que os alunos obtiveram êxito na compreensão e conseguiram interiorizar o poema. Dessa maneira, evidenciaram a leitura como a maior responsável, interessando-os á continuarem a ler e conhecer mais outros poemas. Observamos que o objetivo da oficina foi alcançado com êxito em relação ao entendimento da leitura de poema.

2ª Oficina

A segunda Oficina, “Vamos Ler poemas?”, teve como objetivo principal o incentivo a leitura, proporcionando momentos de leitura, interação e ampliação do repertório. Para esta oficina, trabalhamos com o poeta Mário Quintana e seu poema “Certezas”.

Primeiramente, falamos da vida e obra do poeta Mário Quintana e entregamos o poema para que fizessem a leitura. Com o uso do projetor apresentamos o poema em vídeo aos alunos. Após assistirem o vídeo do poema foi aberta uma roda de leitura, para que pudessem ler e compreender o poema.

Os alunos foram convidados a irem à Sala de Leitura da escola, onde pudessem pesquisar outros poemas e escolhessem o que mais lhes agradassem (fazendo uma leitura posterior). Cada aluno leu o poema escolhido para toda a classe em voz alta.

No final da oficina, os alunos tiveram que escolher apenas um poema dentre todos para ser lido pela professora com bastante expressividade e também foram convidados a escreverem suas impressões quanto à leitura do poema “Certezas”, de Mário Quintana. Algumas respostas dos alunos foram:

Aluno 1- O poema fala muito sobre o amor, mais a coisa mais importante é aprender a amar e ter esperança que esse amor vai durar. Eu gostei muito do poema apesar de ser difícil compreender, mais com dedicação e uma boa atenção tudo melhora.

Aluno 2- Eu gostei muito deste poema, apesar de ser mais difícil de ser interpretado. Mas, depois de usar as estratégias de leitura nas nossas aulas tudo se torna mais fácil.

Aluno 3- É um poema romântico, mas complexo e há nele alguma certa dificuldade para entender. Mas com as várias leituras conseguimos entender.

Aluno 4- O poema fala de amor, ele passa uma mensagem de reflexão sobre a vida, sobre nossos sentimentos, que não preciso de alguém que morra de amor por mim, que apenas preciso de alguém que cuide de mim. A leitura compartilhada do poema ajudou na reflexão na compreensão, apesar de conter algumas palavras difíceis para se entender, com ajuda da professora a compreensão foi mais concreta (Respostas dos alunos do Ensino Fundamental, 2015).

Observamos em relação à leitura desse poema e a compreensão que os alunos encontraram maior dificuldade em entender algumas palavras, comprometendo a leitura e a compreensão geral. Mesmo assim não desistiram e procuraram a compreensão por meio das estratégias de leitura.

Ao finalizar a oficina levantamos a seguinte questão:

Resultado

Você gostou de ler o poema “Certezas” de Mario Quintana?		
Sim	Não	Mais ou menos
90%	-	10%

Tabela 3- Resultado da questão 2

Fonte: acervo pessoal

Em relação à oficina,

Resultado

A oficina ajudou a melhorar sua compreensão na leitura do poema?		
Sim	Não	Mais ou menos
100 %	-	-

Tabela 4- Resultado da questão 2

Fonte: acervo pessoal

Nessa Oficina, percebemos o quanto foi importante a interação entre os alunos para a realização da leitura do poema e os mesmos relataram que houve um maior entendimento ao ler o poema, devido às estratégias de leitura utilizadas na oficina e a forma como foi conduzida essa oficina e essa leitura.

Acreditamos nessa mudança e no entendimento da leitura dos alunos, nessa mudança de comportamento. Observou-se um maior interesse pelo próprio poema estudado em sala e também pela leitura de outros poemas.

3ª Oficina

A terceira oficina, “O mundo dos poetas”, seguiu a sequência da oficina anterior e teve como objetivo a fruição e também conhecer e reconhecer alguns dos muitos poetas consagrados da literatura brasileira. Descobriram a importância de ouvir e ler poemas.

Foram apresentados vídeos da vida e obra de poetas como: Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e Mário Quintana. Logo após, alguns livros de antologias poéticas foram distribuídos para que os alunos lessem poemas

diversos. Percebemos o interesse dos alunos pelos poetas e pelos poemas em questão, levando-os a reflexões e debates sobre o próprio entendimento.

No final da oficina a questão proposta:

Resultado

As estratégias de leitura utilizadas nas oficinas estão lhe proporcionando um melhor entendimento na leitura de poemas?		
Sim	Não	Mais ou menos
100 %	-	-

Tabela 5- Resultado da questão 3

Fonte: acervo pessoal

Observamos que 100% dos alunos acreditam nas estratégias de leitura utilizadas nas oficinas como sendo as responsáveis para um melhor desempenho na leitura e na compreensão dos poemas estudados em sala.

4ª Oficina

A quarta oficina, “A chave da leitura”, teve como objetivo principal formular previsões sobre o poema lido e levantamento de hipóteses. O poema lido nessa oficina foi “No meio do caminho”, de Carlos Drummond de Andrade.

Inicialmente foi escrito na lousa a frase “No meio do caminho” para os alunos falarem o que viesse a cabeça sobre a frase escrita, formulando assim previsões sobre o título. Na sequência, foram distribuídas cópias do poema. Os alunos fizeram leitura silenciosa e uma atividade interpretativa. A princípio, não conseguiram entender o poema, acharam não ter muito sentido, não absorveram a mensagem do mesmo. Mas com o uso das *estratégias de leitura* e a intervenção da professora, os alunos obtiveram o entendimento e se identificaram com o poema.

Com auxílio do projetor foi exibido o vídeo do poema e os alunos puderam perceber a entonação da leitura e adquirir o hábito de escutar o “outro” lendo para uma melhor compreensão/reflexão. Ao final da oficina, os alunos responderam a seguinte pergunta - *E para você já houve pedras no caminho?* – todos responderam de forma reflexiva e houve uma grande participação e envolvimento da sala inteira, superando nossas expectativas.

5ª Oficina:

A quinta oficina, “O amor como forma de expressão”, teve como objetivo principal aprimorar as *estratégias de leitura*, formular previsões, levantar hipóteses sobre o poema e estimular a percepção dos alunos.

Inicialmente, em uma roda de conversa, foi proposto debate e reflexão sobre o tema “amor” e se, na opinião deles, poderia haver ou não vários “tipos de amor”. Os alunos interagiram e gostaram muito do tema proposto.

Para essa oficina de leitura, o poema escolhido foi “As sem-razões do amor”, de Carlos Drummond de Andrade. Foram entregues cópias aos alunos, os quais levantaram hipóteses de leitura, como por exemplo: Quais seriam as “sem” razões do amor? O *amor* tem razão? Razão e amor combinam? Houve leitura compartilhada e expressiva, extraindo seus mais profundos sentimentos.

Os alunos, então, dirigiram-se a Sala de Informática e desenvolveram uma atividade bastante lúdica referente ao poema e ao tema em questão. Com o auxílio do “Power Point”, eles interpretaram o poema por meio de imagens capturadas da internet e elaboraram suas apresentações.

Ao término da oficina com o uso do projetor apresentamos o vídeo do poema sendo declamado e os alunos leram o poema em voz alta e compartilhada.

6ª Oficina

A sexta oficina de leitura de poemas intitulada “A construção poética de imagens” teve como objetivo possibilitar um novo olhar sobre as imagens e o poema em questão, pôde-se resgatar novamente observações e conhecimentos prévios dos alunos.

Primeiramente, em uma roda de conversa perguntou-se aos alunos se gostavam das festas de São João realizadas no mês de Junho e se também gostavam de dançar “quadrilha” – dança típica das festas juninas. Houve certo burburinho, todos falando ao mesmo tempo e o quanto gostavam da festa e também da dança.

Dessa maneira, investigou-se, ainda, se os alunos sabiam que havia um poema justamente chamado “Quadrilha” inspirado na dança de quadrilha para falar de amor, os alunos disseram desconhecer.

Desse modo, foi apresentado aos alunos (com cópias para todos) o poema de Carlos Drummond de Andrade, “Quadrilha”, para que fizessem a leitura individual e compartilhada usando as *estratégias* estudadas.

Com o auxílio do projetor foram mostradas algumas imagens da dança “quadrilha” e questionamento sobre semelhanças e diferenças entre a dança e o poema.

Para finalizar, a oficina, os alunos declamaram coletivamente o poema, organizados em pares, valorizando o movimento alternado de desmanchar um par e formar outro, assim como uma quadrilha, pois a imagem da dança, mais especificamente o movimento da troca dos pares, é poeticamente imitada pelo modo como os primeiros versos se organizam: alguém ama alguém *que* ama alguém que ama... É como se nesses versos o pronome “*que*” funcionasse como o enlace de braços, no momento em que os dançarinos trocam de par. É uma bela imagem para os desencontros do amor.

7ª Oficina

A sétima oficina, “Hora do desafio!”, tornou sistemática a vivência de práticas de leitura para fruição. Desenvolveram e exercitaram as capacidades de leitura, localização e comparação de informações.

Para essa oficina trabalhou-se com uma antologia poética de Manuel Bandeira, com o objetivo de analisar e identificar os vários temas que um poeta pode abordar e também o desafio da escrita.

Ao propor tais leituras, observamos a interação e a disposição para interagir e pelo desenvolvimento de habilidades para leitura.

Em grupos de trabalho, distribuíram-se cópias com os oito poemas de Manuel Bandeira: Trem de ferro, Porquinho da Índia, O bicho, A estrela, Poema tirado de uma notícia de jornal, A onda, Irene no céu e Profundamente.

Nesse momento, cada grupo escolheu um poema para leitura em voz alta, para que todos os alunos compreendessem o poema em questão, abrindo-se assim para discussões sobre a variedade temática presente.

Os alunos preencheram um quadro em relação ao tema e ao sentimento ou emoção que cada poema transmitiu para cada aluno.

Vejamos o quadro a seguir:

Título do poema	Tema/Assunto	Sentimento/emoção
Trem de ferro		
Porquinho-da-Índia		
O Bicho		
A estrela		
Poema tirado de uma notícia de jornal		
A onda		
Irene no céu		
Profundamente		

Quadro 2: Coletânea de Poemas Manoel Bandeira

Concluído o quadro, foi explicado aos alunos que Manuel Bandeira escreveu um poema feito com pedaços de outros poemas que ele já havia publicado chamado “Antologia” e foi proposto aos alunos que escrevessem e fizessem (oralmente) o mesmo com os poemas em questão.

Observamos que os alunos gostaram de trabalhar com os vários poemas de um mesmo autor e observaram que a cada poema lido existia uma temática, os quais fizeram vários comentários e reflexões diferentes.

Com ajuda de um rádio gravador, os alunos puderam escutar a declamação dos poemas. A cada audição dos poemas gravados, houve leituras de vários tipos – silenciosa, em voz alta, dramatizada, em grupo, em duplas – insistindo sempre na expressividade da leitura. Foi feita a leitura várias vezes dos poemas, ou seja, a releitura dos mesmos obtendo-se troca de impressões, exercitando-os na observação temática.

Nas palavras de Pinheiro (2007), “[...] nos intervalos dessas releituras podemos aprender mais a respeito de um poema do que imaginamos”.

Vale lembrar que uma das características do poema é a plurissignificação. Assim, cada aluno teve a liberdade para sentir, falar ou escrever sobre a leitura dos poemas, realizada a partir de sua própria experiência (como indivíduo e como leitor), de seu conhecimento de mundo.

8ª Oficina

A oitava oficina, “O poema e a música um par perfeito!”, teve como objetivo principal a leitura por fruição, tanto de poemas quanto de letras de música. Inicialmente pretendeu-se colher, em uma roda de conversa, os gostos musicais dos alunos. O resultado desse levantamento sobre o gosto musical teve um importante significado em relação à melodia e a letra de música.

Depois do levantamento inicial, percebeu-se que alguns alunos têm o gosto voltado para melodia e poucos para a letra da música. Para tanto, foi oferecido aos alunos uma letra de música intitulada “Garotos”, do cantor Leoni, para leitura e compreensão da mesma.

Para a compreensão coletiva foi preciso trabalhar com todas as estratégias de leitura e fazer intervenções para os alunos entenderem a letra da música. Assim, que obtiveram a compreensão, com ajuda do projetor, os alunos puderam escutar e assistir ao clipe musical.

No final da oficina, os alunos expressaram e escreveram sobre a mensagem que a letra da música produz, como: garotos que ficam nas mãos das meninas, o amor quando chega e transforma a vida dos homens, virando apenas um menino, o poder e a sedução das mulheres. Os alunos perceberam a música e o poema como realmente um par perfeito.

9ª Oficina

A nona oficina, “A música e as relações intertextuais”, teve por objetivo a leitura por fruição, sendo uma continuidade da oficina anterior. Na qual se pode encontrar uma relação intertextual, entre música e contos, por exemplo.

A oficina iniciou-se com a exibição do conto de João e Maria. Os alunos gostaram de assistir e foi perguntado a eles se havia alguma música com o mesmo nome do conto, os alunos disseram que desconheciam.

Desse modo, foram entregues cópias da letra da música “João e Maria”, de Chico Buarque de Holanda, e uma breve biografia do mesmo autor. O uso das estratégias de leitura foi utilizado para uma boa compreensão. Houve uma retomada sobre intertextualidade e leitura de imagens.

Para finalizar a oficina, apresentou-se o vídeo da música “João e Maria”, interpretada por Chico Buarque e Nara Leão. Os alunos acompanharam a letra da música cantando junto e observaram a existência da intertextualidade na música.

10ª Oficina

A décima oficina “Meus poemas favoritos...”, teve o objetivo da escolha dos poemas pelos alunos para elaboração de uma coletânea. Ao longo de todas as oficinas, foram realizadas muitas leituras para compreensão e o gosto pela leitura de poemas.

Após passarem por todas as oficinas de leitura e compreensão de poemas, os alunos realizaram escolhas diversas para uma coletânea da própria sala, finalizando assim o trabalho com a Sequência Didática (SD). Cada aluno teve a liberdade de escolher o seu próprio poema para a coletânea, todos se empenharam e finalizaram a sequência com a sensação de querer mais.

5.3. Análise do Questionário Final

Ao finalizarmos as oficinas, distribuímos aos alunos um pequeno questionário para que eles respondessem sobre todo o trabalho desenvolvido em sala de aula. Composto por cinco perguntas, levantamento sobre o desenvolvimento das oficinas de leitura de poemas e se eles gostaram ou não, se identificaram ou não com nossos encontros poéticos. As questões propostas:

- 1- As oficinas ajudaram a melhorar sua compreensão na leitura dos poemas?
- 2- As estratégias de leitura utilizadas nas oficinas proporcionaram maior envolvimento com os poemas?
- 3- Após a Sequência Didática (SD) houve um maior interesse na leitura de poemas?
- 4- A metodologia utilizada na Sequência Didática (SD) propiciou o entendimento e o gosto de ler poemas?
- 5- A maneira como foi realizada a leitura de poemas na Sequência Didática (SD) mudou a sua opinião sobre como ler poemas? Justifique sua resposta.

O questionário foi tomado como forma de investigação: se obtivemos êxito ou não com a experiência da Sequência Didática (SD).

Foi importante fazermos esse levantamento e verificarmos qual a opinião dos alunos envolvidos nesse projeto e se esse método “alcançou” de forma

satisfatória os objetivos pretendidos. As questões foram tabuladas de acordo com as respostas dos dezessete alunos participantes.

Abaixo verificaremos os gráficos com as questões:

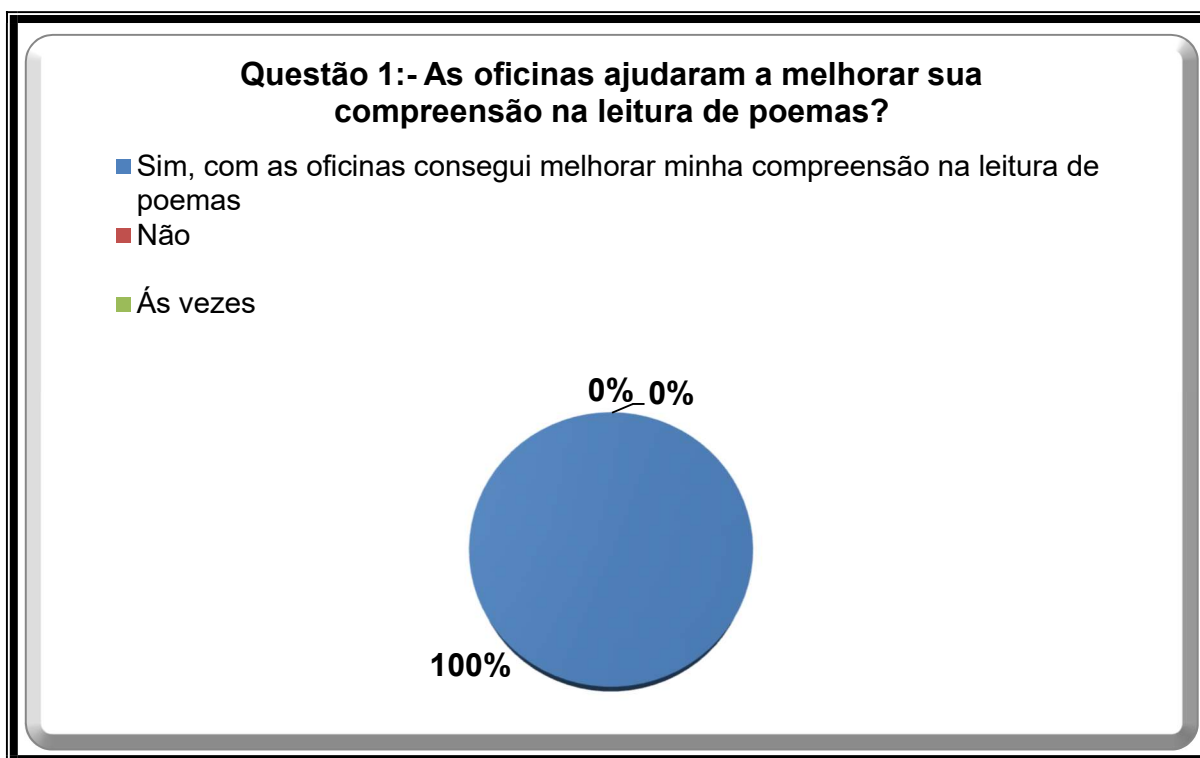


Gráfico 1- Resultado da questão 1

Fonte: acervo pessoal

Podemos observar que todos os alunos gostaram das oficinas de leitura de poemas e que a compreensão atual melhorou.

Desse modo, Solé (2009) completa “a partir da leitura podem ser realizadas numerosas tarefas, cujo interesse depende do projeto global de trabalho de cada professor”.

Podemos entender que o trabalho dos professores podem ser repensado e aprimorado suas práticas a partir da realidade em sala de aula. É função do professor promover atividades significativas de leitura, bem como refletir, planejar e avaliar a própria prática em torno da leitura

A próxima questão investiga sobre as estratégias de leitura utilizadas nas oficinas poéticas:

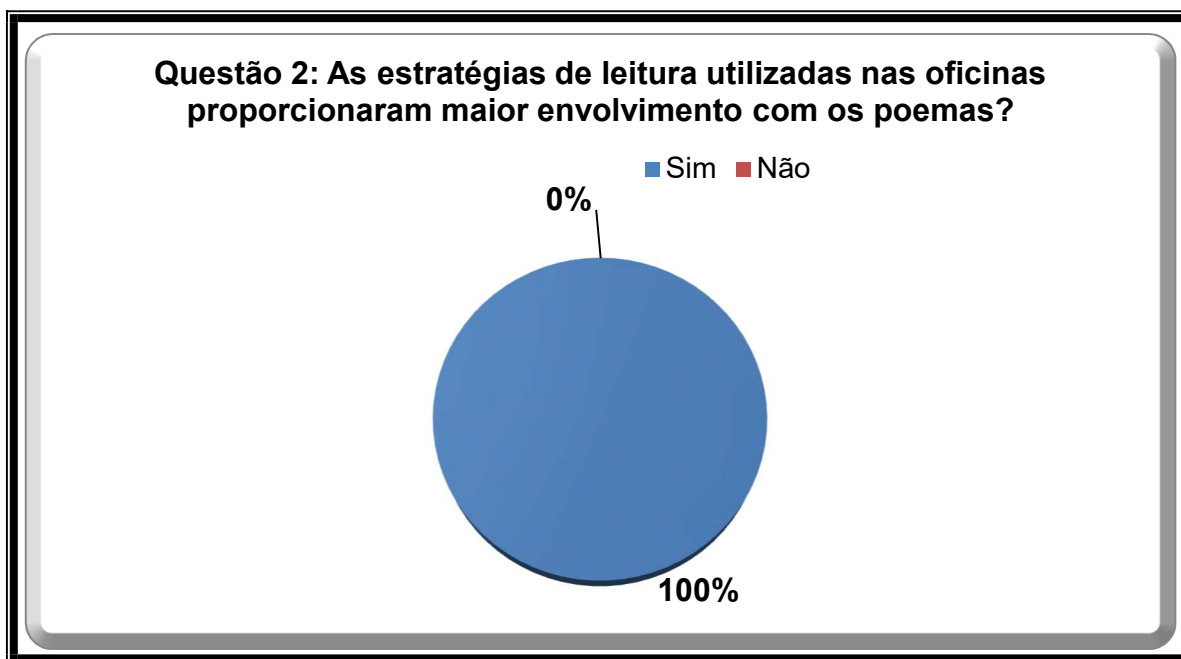


Gráfico 2- Resultado da questão 2

Fonte: acervo pessoal

Notamos que as estratégias de leitura aplicadas nas oficinas foram bem aceitas na sala de aula e os próprios alunos sugeriram para que em outras disciplinas também utilizassem tais estratégias. Desse modo, Solé (2009) completa:

Parece-me evidente que, no âmbito de sua classe, cada professor pode planejar e concretizar uma prática baseada na reflexão, *inovadora e eficaz*. Também me parece óbvio que o esforço desse professor não será tão desgastante se o mesmo integrar em uma dinâmica na qual pode discutir seus projetos, compartilhar suas ideias e suas dúvidas com as dos companheiros de equipe. (SOLÉ, 2009, p.175).

Observamos que 100% dos alunos acreditaram nessas estratégias utilizadas como sendo as responsáveis para um melhor desempenho na leitura e na compreensão dos poemas utilizados em sala de aula.

Dessa maneira, estas estratégias devem permitir que o aluno planeje a tarefa geral de leitura e sua própria localização – motivação, disponibilidade - diante dela; se houve um facilitador uma comprovação, uma revisão, um controle do que se leu e a tomada de decisões adequada em função dos objetivos perseguidos.

A questão a seguir investiga se os alunos obtiveram um progresso na leitura de poemas após a Sequência Didática (SD):

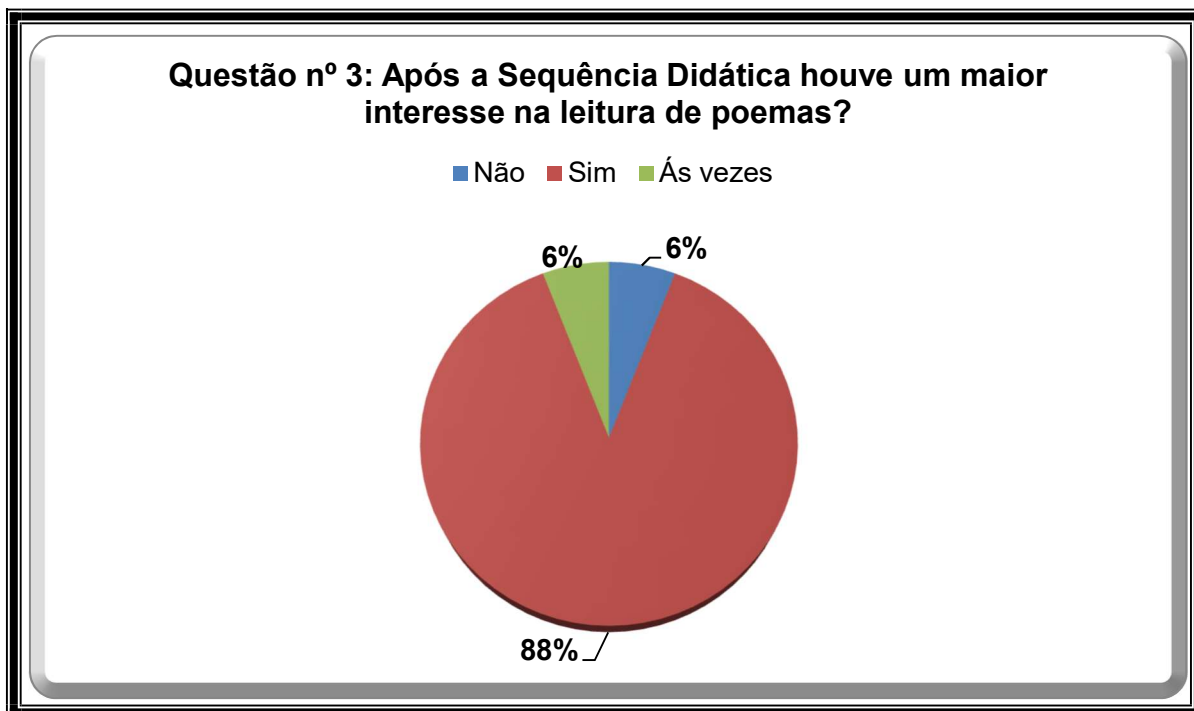


Gráfico 3- Resultado da questão 3

Fonte: acervo pessoal

Podemos observar que 88% dos alunos investigados disseram ter um maior interesse na leitura de poemas após o trabalho com a Sequência Didática, pois conseguiram entender a mensagem e interiorizaram o poema. Em outras palavras, compreenderam a leitura, pois ler um poema é buscar sentidos, o que equivale a dizer que cada leitura comporta a possibilidade de participação nos textos do outro.

Apenas 6% dos alunos disseram que “não” tiveram interesse em ler poema, mesmo após a Sequência Didática (SD). São alunos que inicialmente também não tinham interesse nenhum por leitura ou qualquer outro gênero proposto.

Os outros 6% optaram em dizer que “às vezes” sentem algum interesse na leitura de poemas, coincidindo com a investigação inicial. Isso nos leva a pensar o porquê de não haver tanto interesse pela leitura de poemas e chegamos à conclusão que alguns alunos não conseguem extrair a mensagem e a emoção suficiente do poema que pudessem ser tocados de alguma forma.

A próxima questão investiga a metodologia utilizada na Sequência Didática (SD), se para os alunos houve um melhor entendimento na leitura de poemas:

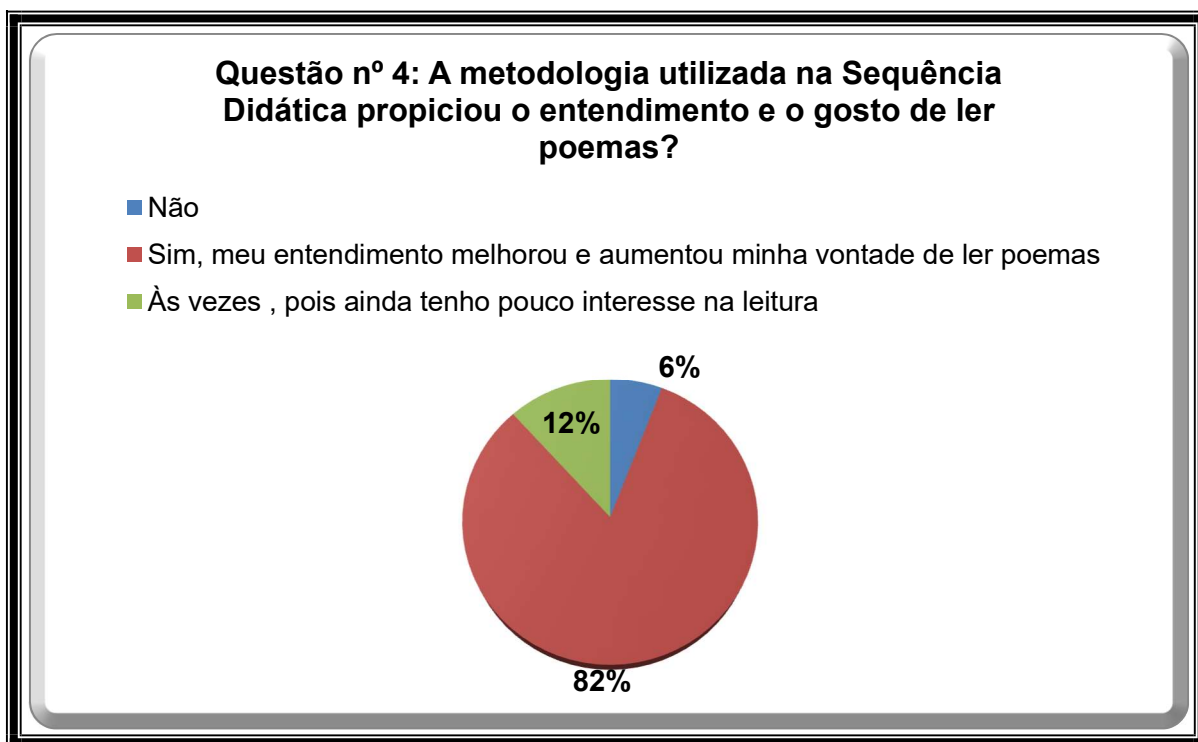


Gráfico 4- Resultado da questão 4

Fonte: acervo pessoal

Observamos que 82% dos alunos disseram ter melhorado e aumentado a vontade de ler poemas após a metodologia utilizada na Sequência Didática (SD). Isso nos mostra que a prática em sala de aula faz a diferença e que o professor precisa reciclar sua metodologia para que o aluno tenha uma melhor compreensão daquilo que lhe é proposto. Apenas 12% disseram “às vezes”, pois mesmo com uma metodologia diferenciada ainda continuam com pouco interesse na leitura e somente 6% responderam “não” sobre a metodologia utilizada por não gostar de poemas.

Podemos dizer que houve um aumento significativo do gosto pela leitura de poemas, pois desses 6% que disseram “não” correspondem apenas a um aluno, nos deixando bastante confiantes, certos de que estamos no caminho certo.

A maioria dos alunos relatou terem gostado de participar das oficinas de leitura poética, muitos disseram que a cada encontro algo “novo” acontecia e a aula tornava-se cada vez mais diversificada motivando os alunos a participarem cada vez mais nas atividades propostas.

Concluimos que as estratégias de leitura utilizada na Sequência Didática (SD) mostra como são válidas aulas planejadas e bem preparadas por meio de práticas de ensino centradas no aluno e em seu protagonismo.

Por fim, foi questionado o que eles acharam da maneira como foi realizada a leitura desses poemas estudados na Sequência Didática (SD), considerando primeiro a leitura individual, seguida da oportunidade de cada um se expressar, individual e coletivamente, compartilhando seus pontos de vista, suas impressões, sua subjetividade e se tudo isso mudou a opinião deles sobre como ler poemas. As respostas foram:

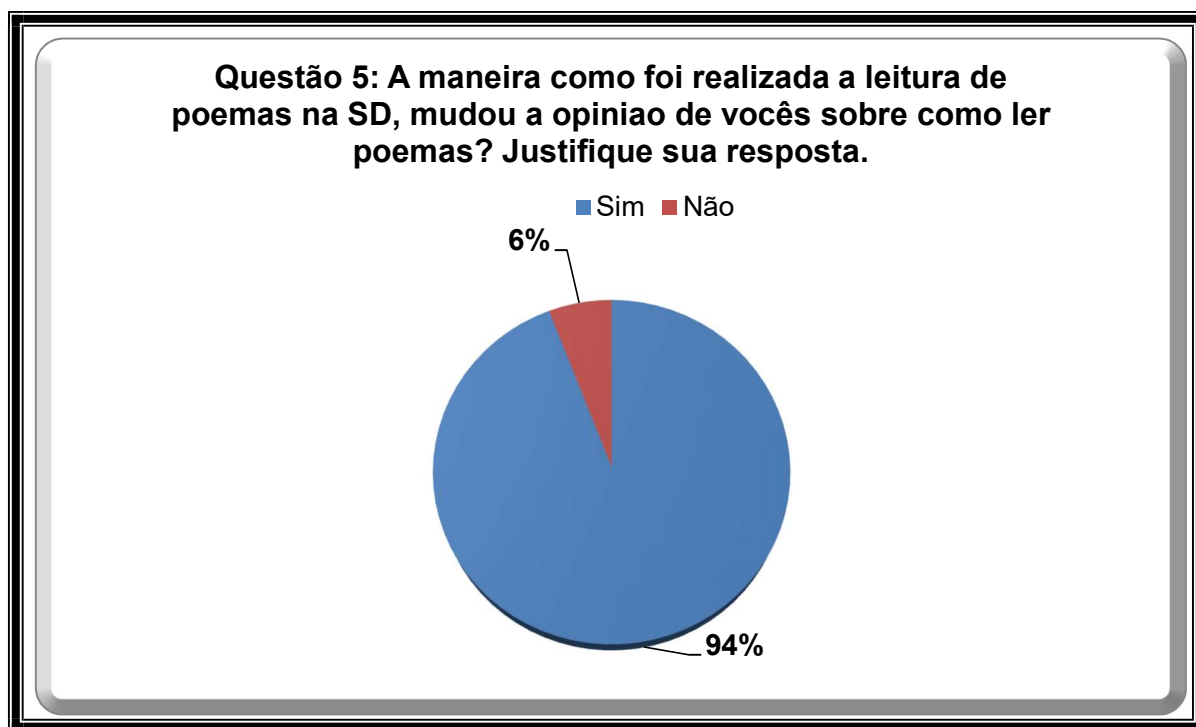


Gráfico 5- Resultado da questão 5

Fonte: acervo pessoal

De acordo com os dados, 94% dos alunos consideraram a realização das atividades de leitura como uma mudança na maneira de ler poemas. Já o 6% restante representa apenas um aluno que respondeu “não” e não soube explicar.

Desses 94% dos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, ter suas expectativas, suas experiências, sua subjetividade valorizadas, suas vozes ouvidas tanto pelo professor quanto pelos demais integrantes da sala, opinando, debatendo, confirmando ou refutando hipóteses, realizando a leitura oral dos textos, tanto individual quanto coletivamente e interpretando-os, mostrou-se como uma forma positiva, uma vez que mudaram de opinião sobre como ler poemas; eis algumas justificativas: “Antes eu achava que poema era muito chato [...] agora acho mais interessante [...]”, “Porque podemos ler de um jeito melhor [...]”, “Porque antes não

entendia direito”, “[...] quando lemos todos juntos vamos entendendo mais sobre poemas”, “Porque todas as atividades me mostrou que ler poemas pode ser bem interessante e não mais chato como achava”, “Você aprende a ver muitas coisas, se você ler de novo você aprimora o seu jeito de ler”, “Porque antes eu só lia por ler e agora eu leio sabendo o que está se passando no poema”, “Porque antes eu só lia poemas pela rima, agora eu leio e entendo o que o autor estava tentando passar”, “Porque ficou mais legal ler poemas dessa forma e ver vídeos também, adorei”. “Porque tinha em mente que poesia era basicamente sobre o amor e com o projeto pude melhorar minha capacidade de compreensão”, “Porque achava poema coisa de gente velha, depois eu li e vi que poemas são também bem interessantes”, “comecei a gostar de poemas; é bom ler, o poema reflete a mente”, “porque aprendemos com a leitura dos poemas, nos preparamos para a vida lá fora”.

Pode-se observar, portanto, que a oportunidade de participar, de vivenciar eles próprios suas experiências, encontra-se no centro das intervenções e vêem nisso um caminho para o próprio crescimento, amadurecimento e reconhecem isso ao perceberem que mudaram de opinião sobre como ler poemas.

Conclui-se com algumas explicações dos próprios alunos que vão além da pergunta colocada, muitos deles alteram a visão da poesia, cuja leitura agora lhes parece um exercício não só útil, no sentido de que “reflete a mente”, prepara “para a vida lá fora”, mas também prazeroso, o que nos parece imensamente positivo, indo ao encontro da concepção do ensino de literatura que nos orienta.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A poesia não pode nem deve ser um luxo para alguns iniciados: é o pão cotidiano de todos, uma aventura simples e grandiosa do espírito.

Murilo Mendes

Formar leitores é um dos anseios que perpassa pelo fazer pedagógico. Nem sempre o professor consegue despertar em seus alunos este gosto ou torná-los leitores em potencial. Leitura deve e pode ser ensinada como qualquer outro conteúdo, e, para tanto, é necessário método, empenho e organização das aulas por parte dos professores.

No contexto escolar, a formação leitora deve ser um processo contínuo dos usos sociais e culturais da leitura e da escrita em que o aprendizado não pode ser considerado como uma simples transferência de conhecimentos do professor para o aluno. Ao contrário, ele é mediado por meio de processos interativos e significativos ao aluno.

Cabe aos professores a missão de incentivar o gosto pelo desenvolvimento e o hábito da leitura oferecendo-lhes fruição no ato de ler. As aulas de leitura devem ter este papel: trazer aos nossos alunos um universo de leituras diversificadas em que eles possam se encontrar, se retratar, construir e reconstruir sentidos. Do mesmo modo ao entrar em contato com poemas, lendo-os de maneira mais profunda, interagindo, trocando ideias, declamando, cantando, pesquisando, sem dúvida é uma forma apropriada para aprender a ler.

Dessa forma, entende-se que as práticas de leitura são desenvolvidas a partir da estreita relação com os pais e professores, pois estes podem ser considerados modelos de leitor para o indivíduo e contribuir para a formação desse leitor.

Com o intuito de analisar procedimentos e tecer a partir dos dados produzidos as considerações finais de nosso trabalho, enfatizamos que esta dissertação teve como objetivo promover e desenvolver atividades de leitura com poemas e exercitar procedimentos de leitura que colaborassem para o desenvolvimento da compreensão leitora, aprimorando a execução das práticas e

das estratégias de leitura para o desenvolvimento das capacidades de compreensão e envolvimento com as leituras escolhidas. A contribuição dessa pesquisa fez parte do grande desafio na sala de aula de formar leitores e principalmente envolver os alunos nas práticas de leitura de poemas e assim gostar do que lêem.

Ao finalizar essa pesquisa, é possível afirmar a necessidade de se privilegiar os momentos de leitura na escola, ressaltando-se a importância de se dar oportunidades ao aluno de conhecer e manter contato direto com diferentes textos literários.

Observamos que os alunos mostraram-se muito receptivos a todos os poemas da coletânea, transitando entre a seriedade com que os interpretaram e os momentos de descontração que também puderam vivenciar. Os poemas da coletânea despertaram o interesse, conforme revelaram os próprios alunos durante a Sequência Didática (SD) e principalmente as *estratégias de leitura* propiciaram uma melhora na compreensão e gosto desses poemas. Para essa turma, portanto, tanto os poemas, quanto a metodologia utilizada foram recebidos de forma muito positiva, proporcionando a oportunidade de participarem efetivamente da aula. Segundo eles, essa participação se mostra um passo essencial para a formação do leitor.

Observou-se também que a relação entre *compreender* e *gostar*, em se tratando de texto literário e mais especificamente do texto poético, deve ser levado em conta pelo professor em sala de aula. Este não pode ignorar o fato de que a experiência estética “não se inicia pela compreensão e interpretação de uma obra” (JAUSS, 2009, pg.69), e que, portanto, não é analisando-a, explicando-a ao aluno, sem que antes seja dada a oportunidade de participar, que ele vivenciará tal experiência.

O efeito do poema reside nas tramas de sua composição, na maneira com que se organiza, como por exemplo, na sonoridade, nas inversões sintáticas, nos jogos de palavras, nas imagens que eles contêm, e cada leitor, poderá, com seu horizonte de expectativas e seu repertório reagir de forma particular de acordo com sua sensibilidade, a esses elementos. *Compreender* mostrou-se, portanto, uma etapa de um processo maior que, de acordo com as reações dos alunos, passa pelas impressões subjetivas do leitor.

Para tanto, a partir da Sequência Didática (SD) “Chaves da Leitura – descobrindo o prazer de ler e compreender poemas” direcionada aos alunos do 9º

ano do Ensino Fundamental II desenvolveu-se uma sequência de procedimentos com atividades desafiadoras que estimularam o interesse e o prazer de ler poemas. Assim, a aplicabilidade da Sequência Didática (SD) possibilitou momentos de interação aluno-professor e texto poético.

Para a finalização da Sequência Didática (SD) desenvolveu-se o projeto “Antologia poética”, o qual, os alunos escolheram *poemas* diversos, os quais mais se identificaram e gostaram para fazer parte de um pequeno livro de coletânea, gostos e preferências dos próprios alunos. Essa coletânea foi intitulada de “Meus poemas preferidos”, motivando muito a participação e o envolvimento de todos nesse projeto.

Além disso, gostaríamos de enfatizar, com base em nossa pesquisa que obtivemos um resultado bastante expressivo em relação ao envolvimento dos alunos com a leitura, isso reflete na formação do leitor, o qual também poderá levar para a vida além dos muros da escola.

A realização da pesquisa -“Poema na sala de aula: estratégias para a formação do aluno leitor” - possibilitou uma experiência bastante desafiadora: levar o aluno a gostar de ler, por meio de poemas. O resultado foi bastante revelador e até inesperado, pois (re)afirma que os alunos gostam de ler e o professor deve saber como trazer essa leitura para a sala de aula de forma que melhore o desempenho do aluno em relação ao entendimento e o gosto da leitura.

Portanto, é necessário ter uma metodologia que agregue boas estratégias de leitura bem planejadas, proporcionando o prazer e a própria fruição da leitura. Esperamos ter conseguido contribuir de alguma forma, com o prazeroso e rico desafio de ler poemas na escola, como nas palavras de Quintana (1980):

Os Poemas

Os poemas são pássaros que chegam
não se sabe de onde e pousam
no livro que lê.
Quando fechas o livro, eles alçam vôo
como de um alçapão.
Eles não têm pouso
nem porto
alimentam-se um instante em cada par de mãos
e partem.
E olhas, então, essas tuas mãos vazias,
no maravilhado espanto de saberes
que o alimento deles já estava em ti...(QUINTANA, 1980).

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de. **A Leitura em sua Dimensão Histórica e Social**. - Revista CIÊNCIAS & LETRAS, Porto Alegre, Nº 20/1997 - p.143-9.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. – 1ª ed. - São Paulo: Editora Cultrix, 1977.
- BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. – 6ª ed. - São Paulo: Perspectiva, 2013.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. Método recepcional – fundamentação teórica. In: _____. **Literatura: a formação do leitor – alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. – 2ª ed. – Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BOSI, Alfredo. **Céu, Inferno**. 2. Ed. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34., 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Guia de livros didáticos: PNLD 2014** Apresentação Ensino Fundamental: anos finais. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2013.
- BRASIL. **Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio - Linguagens, Códigos e suas Tecnologias**, DF:MEC/SEB, 2006.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa** / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEE, 1998.
- CÂNDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem. Ciência e cultura São Paulo**, v. 24, n.9, 1972.
- CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. – 6ª ed. – Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2013.
- CANTALICE, L. M. **Ensino de estratégias de leitura**. Psicologia Escolar e Educacional, Maringá, v. 8, n. 1, p. 105-106, 2004.
- CITELLI, Beatriz. **Produção e leitura de textos no ensino fundamental**. – 3ª ed. – São Paulo: Cortez, 2003.
- COLOMER, T. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual**. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.
- COSSON, Rildo. **Letramento Literário: teoria e prática**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria & Prática**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1986.

CHARTIER, Anne-Marie. **Práticas de leitura e escrita - história e atualidade**. – 2ª ed. – Belo Horizonte: Ceale/Autêntica Editora, 2011.

DALVI, Maria Amélia; REZENDE Neide Luzia de; FALEIROS, Rita Jover-. **Leitura de literatura na escola**. – São Paulo: Parábola, 2013.

DAUSTER, Tania; FERREIRA, Lucelena. **Por que ler? Perspectivas culturais do ensino da leitura**. – Rio de Janeiro; Lamparina, 2010.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.

GEBARA, Ana Elvira Luciano. **A poesia na escola: leitura e análise de poesia para crianças** – 2ª ed.- São Paulo: Cortez, 2010.

GERBARA, Ana Elvira. **Reflexões sobre o ensino de poesia**. Disponível em: <http://portuguesdeosasco.blogspot.com.br/2011/05/reflexoes-sobre-o-ensino-de-poesia.html>. Acesso em: 03\12\14.

GERALDI, João Wanderley. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

GONÇALVES, Jeosafá Fernandez. **Poesia na escola; doze receitas do professor Jeosafá; ensino fundamental, séries finais**.- 1ª ed. – São Paulo: Biruta, 2009.

HANSEN, J. A. **Reorientações no campo da leitura literária**. In: ABREU, M.; SCHAPOCHNIK, N. Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas. Campinas, SP: Mercado de Letras, ALB, São Paulo: Fapesp, 2005.

JOBIM, José Luis. **A literatura no ensino médio: um modo de ver e usar**. In: Zilberman, Regina; Rosing, Tania M.K. (Org.) Escola e Leitura: velha crise, novas alternativas. São Paulo: Global, p.113-137, 2009.

KLEIMAN, Angela. **Leitura: ensino e pesquisa**. – 4ª ed. – Campinas: Pontes Editores, 2011.

KLEIMAN. A. **O texto e o leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 11ª Ed. Campinas: Pontes. 2008.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006.

JOSÉ, Elias. **A poesia pede passagem: um guia para levar a poesia às escolas**. São Paulo: Paulus, 2003.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 3 ed. São Paulo. Ática, 1984.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. – 6ª ed. – São Paulo: Ática, 2002.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: leitores e leitura**. – São Paulo: Moderna, 2001.

MACHADO, I. Gêneros discursivos. In: BRAIT, B.(Org.) **Bakhtin: conceitos chaves**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 151-176.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura e formação do gosto: por uma pedagogia do desafio do desejo**. Idéias, São Paulo, v. 13, p. 101-108, 1992.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti, (2004). **Leitura, literatura e escola - Sobre a formação do gosto**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

MEURER, José Luiz. Esboço de um modelo de produção de textos. In: _____; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). **Parâmetros de textualização**. Santa Maria: Editora UFSM, 1997.

MIRANDA, José Américo. **Leitura necessária**. In: MACHADO, Maria Zélia Versianiet al. Orgs. Escolhas (literárias) em jogo. Belo Horizonte: Ceale - Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Faculdade de Educação da UFMG; Autêntica, 2009. p.127-136.

MORICONI, Ítalo. **Como e por que ler a poesia brasileira do século XX**. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PAIXÃO, Fernando. **O que é poesia**. – 3ª ed. – São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

PIGNATARI, Décio. **O que é comunicação poética**. – 8ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

PINHEIRO, Helder. **Caminhos da abordagem do poema em sala de aula**. Graphos. João Pessoa, v.10, n.1, 2008.

PINHEIRO, Helder. Poemas para crianças e jovens. In: PINHEIRO, H. (org.). **Poemas para crianças: reflexões, experiências, sugestões**. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

PINHEIRO, Helder; BANBERGER, Richard. **Poesia na sala de aula**. 2ª ed., João Pessoa: Idéia, 2002.

PETIT, Michele. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

QUINTANA, Mário. **Esconderijos do Tempo**. Porto Alegre: Ed. L&PM-Editores, 1980.

RODRIGUES, Eduardo. **30 poemas para ler 20 para escrever**, 1ª ed.- São Paulo: Alaúde Editorial, 2005.

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. *et al.* **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. Tradução e organização de R. H. R. Rojo e G. S. Cordeiro.

SILVA, Eliseu Ferreira da; JESUS, Wellington Gomes de. **Como e Por que Trabalhar com a Poesia na Sala de aula**. Revista Graduando, nº 2, 2011.

SILVA, Lilian Lopes Martins da. **A escolarização do leitor: a didática da destruição da leitura**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1988.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. – 6ª ed. – Porto Alegre: Artmed, 2009.

SORRENTI, Neusa. **A poesia vai à escola: reflexões, comentários e dicas de atividades**. – 2ª ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

TAVARES, José Fernando. **Para uma poética da leitura – literatura e teoria**. – 2ª ed. – Lisboa: Universitária Editora, 1999.

TERZI, Sylvia Bueno. **A construção da leitura**. 2ª ed., Campinas: Editorada UNICAMP, 1998

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. – Rio de Janeiro: Difel, 2009.

TREVISAN, Armindo. **A poesia: uma iniciação à leitura poética**. Porto Alegre: Uniprom, 2000.

TREVISAN, Zizi. **Poesia e Ensino: antologia comentada**. – 3ª ed. – São Paulo: Arte & Ciência, 2002.

ZILBERMAN, Regina & RÖSING, Tania M.K..**Escola e leitura: velha crise, novas alternativas**. – São Paulo: Global, 2009.

ZAPPONE, M. **A leitura de poesia na escola**. In: MENEGASSI, R. J. (Org.) *A leitura e ensino*. Maringá: EDUEM. 2005, p.179-210.

ZAPPONE, M.**Modelos de letramento literário e ensino de literatura: problemas e perspectivas**.*Revista Teoria e Prática da Educação*, Maringá, v.3, n.10, 2007.



**POEMA NA SALA DE AULA: ESTRATÉGIAS PARA A FORMAÇÃO DO
ALUNO LEITOR.
KELLY BRAMBILLA KOLANO NICOLAU**

2015

**KELLY BRAMBILLA KOLANO
NICOLAU**

**POEMA NA SALA DE AULA:
ESTRATÉGIAS PARA A
FORMAÇÃO DO ALUNO LEITOR**

Volume II

**TRÊS LAGOAS – MS
2015**



**POEMA NA SALA DE AULA: ESTRATÉGIAS PARA A FORMAÇÃO DO
ALUNO LEITOR.
KELLY BRAMBILLA KOLANO NICOLAU**

2015

**KELLY BRAMBILLA KOLANO
NICOLAU**

**POEMA NA SALA DE AULA:
ESTRATÉGIAS PARA A
FORMAÇÃO DO ALUNO LEITOR**

Volume II

**TRÊS LAGOAS – MS
2015**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DE TRÊS LAGOAS**



**KELLY BRAMBILLA KOLANO
NICOLAU**

**POEMA NA SALA DE AULA:
ESTRATÉGIAS PARA A FORMAÇÃO DO ALUNO
LEITOR**

Volume II

**TRÊS LAGOAS /MS
2015**

KELLY BRAMBILLA KOLANO NICOLAU

**POEMA NA SALA DE AULA:
ESTRATÉGIAS PARA A FORMAÇÃO DO ALUNO
LEITOR**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) do Câmpus de Três Lagoas da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, na área de concentração de Linguagens e Letramentos, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Letras da Rede Nacional.

Orientador: Prof. Dr. José Batista de Sales

TRÊS LAGOAS/ MS

2015

KELLY BRAMBILLA KOLANO NICOLAU

**POEMA NA SALA DE AULA:
ESTRATÉGIAS PARA A FORMAÇÃO DO ALUNO LEITOR**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) do Câmpus de Três Lagoas da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, na área de concentração de Linguagens e Letramentos, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Letras da Rede Nacional.

Orientador: Prof. Dr. José Batista de Sales

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Batista de Sales (UFMS) – Orientador

Prof. Dr. José Antonio de Souza (UEMS) – Titular

Prof. Dr. Ricardo Magalhães Bulhões (UFMS) – Titular

Três Lagoas, MS – 10 de Dezembro de 2015

Parecer final: Aprovada

SUMÁRIO II

1.	5
QUESTIONÁRIOS.....	
a) Questionário inicial	5
b) Questionário final	7
2. SEQUÊNCIA DIDÁTICA– Chaves da leitura “Descobrimo o prazer de LER e COMPREENDER poemas”	8
3. ANTOLOGIA DE POEMAS PARA AS OFICINAS.....	20
4. EVIDÊNCIAS	30
4.1. Evidência 1 (Opiniões dos alunos)	30
4.2. Evidência 2 (imagens/ fotos).....	39
4.3. Evidência 3 – Escolha dos poemas para a confecção dos “livrinhos”	41
4.4. Evidência 4 - Produto final “livrinho” (foto/ capa)	42
5. PEQUENA EXPLICAÇÃO	43
6. ANTOLOGIA DE POEMAS ESCOLHIDOS PELOS ALUNOS	45
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	96

1. QUESTIONÁRIOS

Para alunos do 9º ano Ensino Fundamental II

a) Questionário Inicial:

1. Você gosta de ler? Qual a importância da leitura na sua vida?

2. Que tipo de leitura mais lhe agrada? Assinale a alternativa correspondente:

- a) () Narrativas
- b) () Ficção
- c) () Contos
- d) () Poemas
- e) () Mistério

3. Você já leu poema? Tente lembrar o título de algum poema.

4. Você saberia dizer o nome ou algo sobre o autor do poema lido?

5. Ao ler um poema você consegue **compreender** o que lê e principalmente qual sua mensagem?

6. Você acredita que os poemas conseguem tocar (de alguma forma) o coração e as mentes das pessoas? Conseguem tocar os seus? Explique.

7. E a música também pode ser considerada um poema? Explique.

8. Música e poema você acha que eles têm algo em comum?

9. Você já utilizou a Sala de Leitura para ler poemas?

10. Em sua opinião a leitura deve estar relacionada à interpretação (entendimento) para um melhor desempenho literário? Explique.

b) Questionário Final:

1. As oficinas ajudaram a melhorar sua compreensão na leitura dos poemas?

2. As estratégias de leitura utilizadas nas oficinas proporcionaram maior envolvimento com os poemas?

3. Após a Sequência Didática (SD) houve um maior interesse na leitura de poemas?

4. A metodologia utilizada na Sequência Didática (SD) propiciou o entendimento e o gosto de ler poemas?

5. A maneira como foi realizada a leitura de poemas na Sequência Didática (SD), mudou a opinião de vocês sobre como ler poemas? Justifique sua resposta.

2. SEQUÊNCIA DIDÁTICA: Chaves da leitura “Descobrimo o prazer de LER e COMPREENDER poemas”



PROFESSORA MEDIADORA: KELLY BRAMBILLA KOLANO NICOLAU

PÚBLICO ALVO: ALUNOS DO 9º ANO EF. II DE UMA ESCOLA ESTADUAL NA CIDADE DE MAGDA, ESTADO DE SÃO PAULO.

DURAÇÃO: DEZ OFICINAS COM A DURAÇÃO DE APROXIMADAMENTE QUATRO AULAS PARA CADA OFICINA.

Obs: Em todas as aulas de oficina serão realizadas estratégias de leitura em ambiente adequado, organizado em roda de leitura e com livros de antologias poéticas de vários autores disponíveis aos alunos, para possibilitar maior envolvimento e acesso aos clássicos.

AULA DE OFICINA 1: Reconhecendo poemas.

Objetivos: Apresentar a sequência didática aos alunos; levantamento do conhecimento prévio sobre poemas; leitura compartilhada do poema “Recomeçar” de Carlos Drummond de Andrade; escrita dos alunos.

1º passo: Com o uso dos recursos tecnológicos como projetor, a professora apresentará a sequência didática aos alunos e por meio de um questionário fará o levantamento do conhecimento prévio sobre o que realmente conhecem sobre poemas.

2º passo: A professora mostrará um vídeo com o poema “Recomeçar” de Carlos Drummond de Andrade, música: *superman*, artista: *Five For Fightin*, edição de Leandro Reichert Marrama. Disponível em: www.youtube.com.br. A professora fará perguntas aos alunos sobre o vídeo apresentado e principalmente sobre o poema “Recomeçar”; o que os alunos puderam compreender do poema; qual a mensagem que foi passada; gostaram não gostaram; o que sabem sobre o autor Carlos Drummond de Andrade; já ouviram falar do autor etc.

3º passo: A professora fará um pedido aos alunos para que escrevam numa folha de papel o que para eles representam a palavra “recomeçar”.

4º passo: Para finalizar a professora passará o vídeo da banda de rock “Malta” com o clipe e letra da música “Recomeçar”.

AULA DE OFICINA 2: Vamos LER poemas?

Objetivos: Incentivar o prazer de ler entre os envolvidos, proporcionar momentos de leitura e interação, pesquisar poemas de interesse, ampliar o repertório de poemas conhecidos pelos alunos, reconhecer os poemas em suas diversas formas.

1º. Passo: Com o uso do projetor a professora iniciará a aula com o vídeo do poema “Certeza” de Mario Quintana. Disponível: www.youtube.com.br. Logo após o vídeo a professora abrirá espaço para os comentários da turma.

2º. Passo: A professora, então, convidará os alunos para irem até a Sala de Leitura da escola para que lá pesquisem poemas e grandes poetas, escolham e leiam poemas de interesse.

3º. Passo: Leitura em voz alta dos poemas escolhidos pelos alunos, deixando que flua a expressividade de cada um. O importante é que falem, manifestem livremente as impressões que tiveram do que leram.

4º Passo: Fazer com que os alunos percebam e façam observações através da leitura quanto ao ritmo, rimas, as repetições, os efeitos sonoros etc.

5º Passo: A professora terminará a oficina lendo com muita expressão um poema escolhido pelos próprios alunos.

6º Passo: Os alunos serão convidados a escreverem suas impressões quanto à leitura de poemas.

AULA DE OFICINA 3: O mundo dos poetas.

Objetivos: Conhecer e reconhecer alguns poetas e poemas consagrados da literatura brasileira. Descobrir a importância de ouvir e ler esses poemas.

1º Passo: A professora pedirá para que os alunos relembrem a 1ª oficina e perguntará qual foi o poeta e o poema mostrado no vídeo na ocasião. Os alunos irão se manifestar e dizer o que sabem do poeta em questão.

2º Passo: A professora, com o uso do projetor, apresentará vídeos dos grandes poetas: Carlos Drummond de Andrade, vida e obra; Manuel Bandeira vida e obra; Mario Quintana vida e obra; etc.

3º Passo: Os alunos assistirão a vídeos de poemas sendo declamados por esses mesmos poetas, os poemas serão lidos também pelos próprios alunos.

4º Passo: A professora distribuirá livros de Antologias poéticas desses escritores para que os alunos escolham alguns poemas para fazerem uma leitura compartilhada.

5º Passo: Os alunos entre eles escolherão um único poema para ser lido, observando e comentando a respeito do poema.

6º Passo: Após a leitura compartilhada (de um único poema escolhido pelos alunos) a professora questionará se todos entenderam o poema lido, levando-os a reflexão ao debate e a interiorização do mesmo, pois a professora quer mostrar que para se compreender um poema é preciso senti-lo, interiorizá-lo somente assim é que se pode dizer que a leitura foi realmente eficaz.

AULA DE OFICINA 4: A chave da leitura



Objetivos: Formular previsões sobre o poema a ser lido. Levantar hipóteses. Estimular a percepção dos alunos. Conhecer os sentidos das palavras. Leitura compartilhada. Esclarecer possíveis dúvidas sobre a leitura do poema.

1º Passo: A professora escreverá na lousa “No meio do caminho” e diz para os alunos falarem o que vem a cabeça sobre a frase escrita e que eles formulem previsões sobre o que quer dizer esse título.

2º Passo: A professora distribuirá cópias do poema “No meio do caminho” de Carlos Drummond de Andrade, para lerem individualmente e após a leitura fazer a seguinte interpretação:

Você ficou com a impressão de que os versos repetem sempre a mesma coisa? Então já começou a ler bem esse poema: a percepção da repetição é uma boa chave para a construção de sentidos! Agora pense e responda:

1. Você já encontrou uma pedra nos caminhos por onde andou? Esse é um acontecimento comum ou extraordinário?

2. No poema, a repetição excessiva do verso “no meio do caminho tinha uma pedra”, ou de parte dele reorganizado, sugere que, para o eu-lírico é um acontecimento comum ou extraordinário?
3. Em que versos o eu-lírico manifesta explicitamente o que pensa desse acontecimento?
4. Partindo da expressão “*minhas retinas tão fatigadas*”, o que podemos inferir sobre o eu-lírico: é alguém com pouca ou com muita experiência de vida? Por quê?
5. No sentido denotativo, literal, *caminho* significa passagem, percurso, e *pedra*, elemento mineral. Considerando o eu-lírico e a dimensão que ele atribui ao acontecimento, que outro sentido você daria a essas palavras no poema?

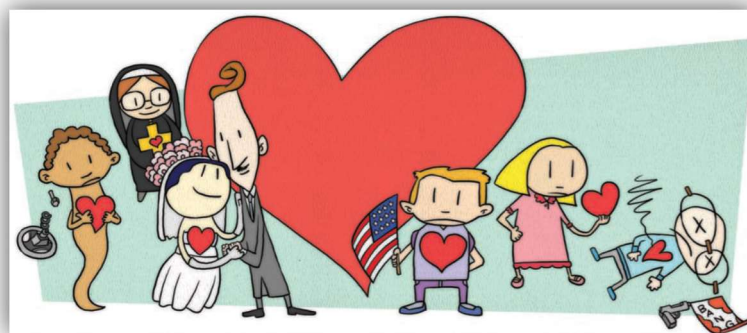
3º Passo: Com o uso do projetor exibirá (ou projetará) o vídeo/áudio do poema “No meio do Caminho” de Carlos Drummond de Andrade, para que os alunos percebam a entonação da leitura e criem o hábito de escutar o “outro” lendo para uma melhor compreensão/reflexão.

4º Passo: Responderem por escrito as seguintes perguntas:

O que você achou de primeiro ler sozinho o poema e depois ouvi-lo? O que na declamação do poema mais chamou sua atenção?

5º Passo: Reflexão: E para você já houve pedras no caminho?

AULA DE OFICINA 5: O amor como forma de expressão.



Objetivos: Aprimorar as estratégias de leitura. Formular previsões sobre o poema a ser lido. Levantar hipóteses. Estimular a percepção dos alunos. Estimular a

expressão dos alunos. Conhecer os sentidos das palavras. Leitura compartilhada. Esclarecer possíveis dúvidas sobre a leitura do poema. Primeiras escritas.

1º Passo: A professora colocará na lousa a seguinte pergunta: “O Amor tem razão?” “Existe vários tipos de amor? Quais?”. Os alunos responderão individualmente e depois a professora abrirá a roda para debates.

2º Passo: Com o uso do projetor a professora mostrará o vídeo do poema “As sem-razões do amor” de Carlos Drummond de Andrade com música de fundo de Richard Kleidman “Ballade pour Adeline” um dos maiores pianista contemporâneo, onde serão mostradas várias imagens, as quais os alunos discutirão e apresentarão a opinião deles. Vídeo disponível em www.youtube.com.br.

3º Passo: A professora entregará aos alunos uma cópia com o poema escrito para que eles possam, então, fazer uma leitura compartilhada e expressar o que eles sentiram do poema, levando a uma interpretação do que foi lido.

4º Passo: Os alunos serão convidados a irem até a SAI (Sala de informática) onde lá estudarão (ou lerão) o texto no *Power Point* interpretando-o com imagens pesquisadas na internet.

5º Passo: Os alunos deverão apresentar para toda sala o seu próprio *Power Point*, ou seja, a interpretação que tiveram do poema.

6º Passo: A professora pedirá para os alunos escreverem seus próprios poemas sobre as diferentes formas de amor, exemplo: amor de família, amor de amigos, amor de homem e mulher etc.

7º Passo: A professora finalizará a aula de oficina com o vídeo do poema sendo declamado pelo cantor e apresentador Roni Von, extraído do seu programa semanal chamado “Todo Seu” do quadro Via Poética.

AULA DE OFICINA 6 – A construção poética de imagens

Objetivos: Possibilitar um novo olhar e original sobre o poema e as imagens a serem trabalhadas. Resgatar observações, conhecimentos e sentimentos dos alunos.

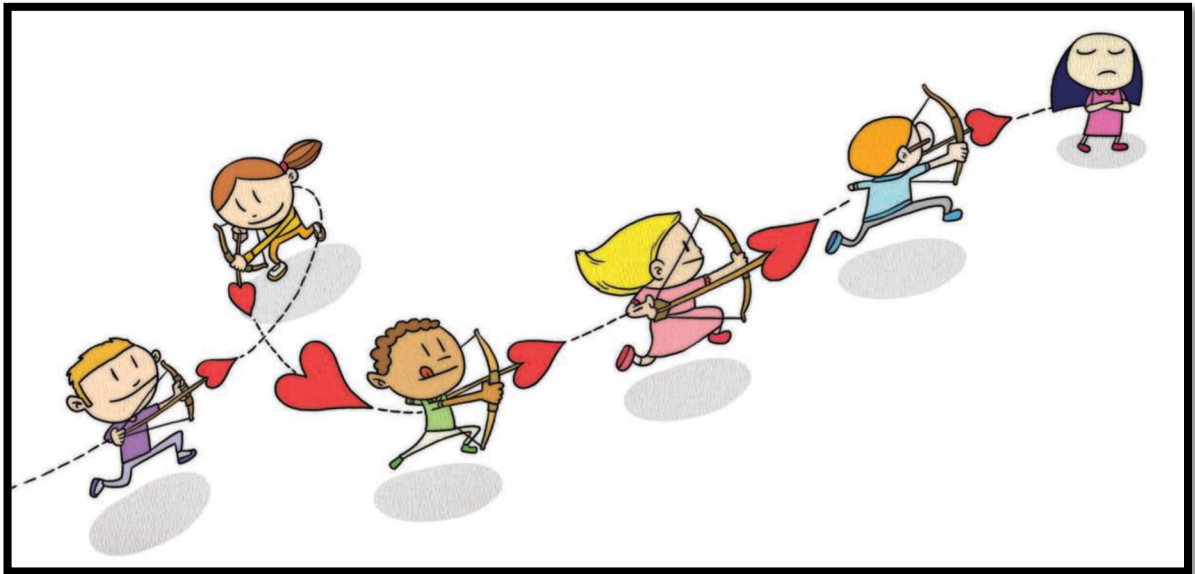
1º Passo: A professora oralmente perguntará aos alunos se já dançaram quadrilha; O que sabem sobre essa dança; os alunos responderão oralmente na roda de conversa.

2º Passo: A professora, então, continuará em sua investigação e pergunta sobre a possibilidade de haver um poema que se inspira na quadrilha para falar de amor. A professora abrirá para nova discussão, quando concluirá que Drummond fez um poema justamente chamado “Quadrilha”.

3º Passo: A professora, com o uso do *projektor* passará o vídeo feito pela FLIP 2009 em que Carlos Drummond declama esse mesmo poema. Em seguida, será aberta a roda para novas discussões. Disponível em www.youtube.com.br

4º Passo: A professora faz o seguinte questionamento: Que semelhanças podem ser estabelecidas entre a dança e o poema? E pede para observarem as imagens a seguir:





MAURÍCIO SIMONETTI/PULSAR IMAGENS

5º Passo: A professora diz aos alunos para aprofundarem mais essas semelhanças e entrega uma cópia para cada aluno do poema “Quadrilha” de Carlos Drummond de Andrade, para uma leitura individual e compartilhada para uma maior compreensão.

QUADRILHA

João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.

João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Quadrilha. In: *Alguma poesia*. Rio de Janeiro: Record.

6º Passo: Após a leitura a professora entrega e propõe alguns exercícios interpretativos:

1. O título pode ser considerado uma chave de leitura para esse poema? Por quê?
2. Que palavra foi usada, nos três primeiros versos do poema, para fazer a passagem de um para outro?
3. Em que nome essa passagem é interrompida?
Para pensar: Na segunda parte do poema, todas as personagens ficam sozinhas ou morrem, exceto Lili, que se “casou com J. Pinto Fernandes/que não tinha entrado na história.”. Observe que essa última personagem é tratada como alguém importante, pois é a única chamada por nome e sobrenome.
4. Que visão sobre o amor e sobre o casamento está implícita no poema?

7º Passo: A professora convida os alunos para declamarem o poema, organizando-os para que façam uma declamação coletiva, valorizando o movimento alternado de desmanchar um par e formar outro, assim como uma quadrilha, pois a imagem da dança, mais especificamente o movimento de troca dos pares, é poeticamente imitada pelo modo como os primeiros versos se organizam: alguém ama alguém **que** ama alguém **que** ama... É como se nesses versos o pronome **que** funcionasse como o enlace de braços, no momento em que os dançarinos trocam de par. É uma bela imagem para os desencontros do amor.

AULA DE OFICINA 7 – Hora do desafio!

Objetivo: Tornar sistemática a vivência de práticas de leitura para fruição. Desenvolver e exercitar as seguintes capacidades de leitura: localização e comparação de informações e percepção de relações de intertextualidade.

1º Passo: Explicar que o desafio proposto tem como objetivo analisar vários poemas de um mesmo autor, identificando neles os temas que o poeta aborda e também sendo desafiados a produzir um poema montado a partir de seus versos.

2º Passo: Os alunos formarão grupos de trabalho. A professora distribuirá uma cópia com os oito poemas de Manuel Bandeira: Trem de ferro, Porquinho-da-Índia, O bicho, A estrela, Poema tirado de uma notícia de jornal, A onda, Irene no céu, Profundamente. No grupo uma pessoa escolherá um poema para fazer a leitura em voz alta.

3º Passo: A professora abrirá para discussões sobre a variedade temática presente na obra de Manuel Bandeira, chamando atenção que os poemas podem ser um gênero textual que pode tratar de assuntos os mais diversos possíveis.

4º Passo: Os alunos completarão o quadro a seguir:

Título do poema	Assunto	Sentimento/emoção
Trem de ferro		
Porquinho-da-índia		
O Bicho		
A estrela		
Poema tirado de uma notícia de jornal		
A onda		
Irene no céu		
Profundamente		

5º Passo: A professora explicará que em um de seus livros, Manuel Bandeira escreveu um poema feito com pedaços de outros poemas que ele já havia publicado chamado “Antologia”, ele deu esse título ao poema porque ele dá a idéia de coleção. No caso deste texto é uma coleção de ideias do próprio autor. A professora então convida os alunos para fazerem o mesmo, escolhendo alguns versos dos poemas lidos e transformarem em um novo poema.

AULA DE OFICINA 8: O poema e a música um par perfeito!

Objetivo: Leitura para fruição. Analisar letra de música.

1º Passo: Informar para os alunos que uma letra de música também é um poema e abrir para discussões.

2º Passo: Entregar a cópia da música “Garotos” de Leoni, para leitura e compreensão da mesma. Deixar os alunos comentarem entre si sobre a letra da música.

3º Passo: Ler e interpretar a letra da música, chegando a um entendimento coletivo.

4º Passo: Somente após o entendimento coletivo é que escutarão a música e assistirão ao clipe.

5º Passo: Os alunos escreverão sobre o tema discutido na música – garotos que ficam nas mãos das meninas, o amor quando chega você se transforma em apenas um menino, o poder das mulheres, a sedução etc.

AULA DE OFICINA 9 – A música e as relações intertextuais

Objetivo: Leitura para fruição. Analisar letra de música. Relação de intertextualidade.

1º Passo: Perguntar aos alunos o que vem a cabeça quando se fala em João e Maria. Será que existe alguma música com esse nome? Abrir para respostas e reflexões.

2º Passo: Entregar a letra da música “João e Maria” de Chico Buarque de Holanda. Biografia do autor e compositor. Identificar a presença de outros textos na música. Retomada sobre o que é intertextualidade.

3º Passo: Leitura da letra da música e interpretação. Levantamento de hipóteses.

4º Passo: Leitura de imagens “João e Maria”. Serão apresentadas várias imagens para os alunos analisarem e compreenderem a intertextualidade dos textos e imagens.

5º Passo: Com o uso do projetor apresentar o vídeo da música “João e Maria” interpretada por Chico Buarque e Nara Leão. Disponível em www.youtube.com.br.

AULA DE OFICINA 10– Meus poemas favoritos...

Objetivo: Colocar em prática toda a vivência das oficinas. Escrever poemas.

Ao longo de todas as oficinas foram trabalhadas muitas leituras e escrita, agora os alunos se dedicarão a leitura de poemas para fazerem a coletânea dos poemas favoritos para a finalização do projeto.

Os alunos com a mediação da professora farão como produto final um livro da oitava série (nono ano), onde os poemas da turma serão selecionados para entrarem no livro o qual será confeccionado em gráfica e os alunos também deverão fazer a ilustração da capa.

3. ANTOLOGIA DE POEMAS PARA AS OFICINAS

AULA DE OFICINA 1: Reconhecendo poemas.

Poema: “Recomeçar”

Carlos Drummond de Andrade

Não importa onde você parou...
em que momento da vida você cansou...
o que importa é que sempre é possível
e necessário "RECOMEÇAR".
Recomeçar é dar uma nova chance a si mesmo...
é renovar as esperanças na vida
e o mais importante...
acreditar em você de novo.

Sofreu muito nesse período?
foi limpeza da alma...

Ficou com raiva das pessoas?
foi pra perdoá-las um dia...

Sentiu-se só por diversas vezes?
é porque fechastes a porta até para os anjos...

Acreditou que tudo estava perdido?
era o início da tua melhora...

Pois é...agora é hora de reiniciar...
de pensar na luz...
de encontrar prazer nas coisas simples de novo.

Que tal
Um corte de cabelo arrojado... diferente?
Um novo curso... ou aquele velho desejo
de aprender a pintar... desenhar... dominar
o computador... ou qualquer outra coisa...

Olha quanto desafio... quanta coisa nova
nesse mundão de meu Deus te esperando.

Tá se sentindo sozinho?
Besteira... tem tanta gente que vc afastou
com o seu "período de isolamento"...
Tem tanta gente esperando apenas um sorriso teu
pra "chegar" perto de você.

Quando nos trancamos na tristeza...
 nem nós mesmos nos suportamos...
 ficamos horríveis...
 O mal humor vai comendo nosso fígado...
 até a boca fica amarga.

Recomeçar... hoje é um bom dia pra começar
 novos desafios.
 Onde você quer chegar? Ir alto... sonhe alto...
 queria o melhor do melhor... queria boas coisas para a vida...
 pensando assim trazemos pra nós aquilo que desejamos...
 se pensamos pequeno...
 coisas pequenas teremos...
 Já se desejarmos fortemente o melhor e principalmente
 lutarmos pelo melhor...
 O melhor vai se instalar na nossa vida.

E é hoje o dia da faxina mental
 joga fora tudo que te prende ao passado...
 ao mundinho de coisas tristes

Fotos... peças de roupas, papel de bala...
 ingressos de cinema, bilhetes de viagens...
 e toda aquela tranqueira que guardamos
 quando nos julgamos apaixonados...
 jogue tudo fora... mas principalmente...
 esvazie seu coração... fique pronto para a vida...
 para um novo amor...
 Lembre-se somos apaixonáveis
 somos sempre capazes de amar muitas e muitas vezes...
 afinal de contas... Nós Somos o "Amor"

"Porque sou do tamanho daquilo que vejo
 e não do tamanho da minha altura".

Fonte: [http:// www.pensadoruol.com.br](http://www.pensadoruol.com.br)

AULA DE OFICINA 2: Vamos LER poemas?

Poema: Certezas
 Mario Quintana

Certezas

Não quero alguém que morra de amor por mim...
 Só preciso de alguém que viva por mim, que queira estar junto de mim, me
 abraçando.

Não exijo que esse alguém me ame como eu o amo, quero apenas que me ame, não me importando com que intensidade.

Não tenho a pretensão de que todas as pessoas que gosto, gostem de mim...

Nem que eu faça a falta que elas me fazem, o importante pra mim é saber que eu, em algum momento, fui insubstituível...

E que esse momento será inesquecível...

Só quero que meu sentimento seja valorizado.

Quero sempre poder ter um sorriso estampando em meu rosto, mesmo quando a situação não for muito alegre...

E que esse meu sorriso consiga transmitir paz para os que estiverem ao meu redor.

Quero poder fechar meus olhos e imaginar alguém...e poder ter a absoluta certeza de que esse alguém também pensa em mim quando fecha os olhos, que faço falta quando não estou por perto.

Queria ter a certeza de que apesar de minhas renúncias e loucuras, alguém me valoriza pelo que sou, não pelo que tenho...

Que me veja como um ser humano completo, que abuse demais dos bons sentimentos que a vida lhe proporciona, que dê valor ao que realmente importa, que é meu sentimento...e não brinque com ele.

E que esse alguém me peça para que eu nunca mude, para que eu nunca cresça, para que eu seja sempre eu mesmo.

Não quero brigar com o mundo, mas se um dia isso acontecer, quero ter forças suficientes para mostrar a ele que o amor existe...

Que ele é superior ao ódio e ao rancor, e que não existe vitória sem humildade e paz.

Quero poder acreditar que mesmo se hoje eu fracassar, amanhã será outro dia, e se eu não desistir dos meus sonhos e propósitos, talvez obterei êxito e serei plenamente feliz.

Que eu nunca deixe minha esperança ser abalada por palavras pessimistas...

Que a esperança nunca me pareça um NÃO que a gente teima em maquiá-lo de verde e entendê-lo como SIM.

Quero poder ter a liberdade de dizer o que sinto a uma pessoa, de poder dizer a alguém o quanto ele é especial e importante pra mim, sem ter de me preocupar com terceiros... Sem correr o risco de ferir uma ou mais pessoas com esse sentimento.

Quero, um dia, poder dizer às pessoas que nada foi em vão...

Que o amor existe, que vale a pena se doar às amizades a às pessoas, que a vida é bela sim, e que eu sempre dei o melhor de mim... e que valeu a pena.

Fonte: <http://www.luso-poemas.net>

AULA DE OFICINA 3: O mundo dos poetas.

A professora, com o uso do projetor apresentará vídeos dos grandes poetas: *Carlos Drummond de Andrade*, vida e obra; *Manuel Bandeira* vida e obra; *Mario Quintana* vida e obra; etc.

AULA DE OFICINA 4: A chave da leitura

No meio do caminho

Carlos Drummond de Andrade

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.

Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra

Tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

Fonte: www.luso-poemas.net

AULA DE OFICINA 5: O amor como forma de expressão.

Poema: As Sem-Razões do Amor

Carlos Drummond de Andrade

As Sem - Razões do Amor

Eu te amo porque te amo.
Não precisas ser amante,

E nem sempre sabes sê-lo.
 Eu te amo porque te amo.
 Amor é estado de graça
 E com amor não se paga.
 Amor é dado de graça
 É semeado no vento,
 Na cachoeira, no eclipse.
 Amor foge a dicionários
 E a regulamentos vários.

Eu te amo porque não amo
 Bastante ou demais a mim.
 Porque amor não se troca,
 Não se conjuga nem se ama.
 Porque amor é amor a nada,
 Feliz e forte em si mesmo.

Amor é primo da morte,
 E da morte vencedor,
 Por mais que o matem (e matam)
 A cada instante de amor.

Fonte: www.luso-poemas.net

AULA DE OFICINA 6 – A construção poética de imagens

Poema: Quadrilha

Carlos Drummond de Andrade

Quadrilha

João amava Teresa que amava Raimundo
 que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
 que não amava ninguém.
 João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
 Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
 Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
 que não tinha entrado na história

Fonte: <http://letras.mus.br/carlos-drummond-de-andrade/460652/>

AULA DE OFICINA 7 – Hora do desafio!

Poemas de Manuel Bandeira

Trem de ferro
 Porquinho-da-índia
 O Bicho
 A estrela
 Poema tirado de uma notícia de
 jornal
 A onda
 Irene no céu
 Profundamente

Trem de Ferro

Café com pão
 Café com pão
 Café com pão

Virgem Maria que foi isto maquinista?

Agora sim
 Café com pão
 Agora sim
 Café com pão

Voa, fumaça
 Corre, cerca
 Ai seu foguista
 Bota fogo
 Na fornalha
 Que eu preciso
 Muita força
 Muita força
 Muita força

Oô..
 Foge, bicho
 Foge, povo
 Passa ponte
 Passa poste
 Passa pato
 Passa boi
 Passa boiada
 Passa galho
 De ingazeira
 Debruçada
 Que vontade
 De cantar!

Oô..
 Quando me prendero
 No canaviá

Cada pé de cana
 Era um oficia
 Ôo...
 Menina bonita
 Do vestido verde
 Me dá tua boca
 Pra matá minha sede
 Ôo...
 Vou mimbora voou mimbora
 Não gosto daqui
 Nasci no sertão
 Sou de Ouricuri
 Ôo...

Vou depressa
 Vou correndo
 Vou na toda
 Que só levo
 Pouca gente
 Pouca gente
 Pouca gente.

Porquinho-da-Índia

Quando eu tinha seis anos
 Ganhei um porquinho-da-índia.
 Que dor de coração me dava
 Porque o bichinho só queria estar
 debaixo do fogão!
 Levava ele prá sala
 Pra os lugares mais bonitos mais
 limpinhos
 Ele não gostava:
 Queria era estar debaixo do fogão.
 Não fazia caso nenhum das minhas
 ternurinhas...

— O meu porquinho-da-índia foi minha
 primeira namorada.

O bicho

Vi ontem um bicho
Na imundice do pátio
Catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

A Estrela

Vi uma estrela tão alta,
Vi uma estrela tão fria!
Vi uma estrela luzindo
Na minha vida vazia.

Era uma estrela tão alta!
Era uma estrela tão fria!
Era uma estrela sozinha
Luzindo no fim do dia.

Por que da sua distância
Para a minha companhia
Não baixava aquela estrela?
Por que tão alta luzia?

E ouvi-a na sombra funda
Responder que assim fazia
Para dar uma esperança
Mais triste ao fim do meu dia.

Poema tirado de uma notícia de jornal

João Gostoso era carregador de feira
livre e morava no morro da Babilônia
num barracão sem número
Uma noite ele chegou no bar Vinte de
Novembro
Bebeu

Cantou
Dançou

Depois se atirou na lagoa Rodrigo de
Freitas e morreu afogado.

A onda

a onda anda
aonde anda
a onda?
a onda ainda
ainda onda
ainda anda
aonde?
aonde?
a onda a onda

Irene no céu

Irene preta
Irene boa
Irene sempre de bom humor.

Imagino Irene entrando no céu:
— Licença, meu branco!
E São Pedro bonachão:
— Entra, Irene. Você não precisa pedir
licença.

Profundamente

Quando ontem adormeci
Na noite de São João
Havia alegria e rumor
Vozes cantigas e risos
Ao pé das fogueiras acesas.
No meio da noite despertei
Não ouvi mais vozes nem risos
Apenas balões
Passavam errantes
Silenciosamente
Apenas de vez em quando
O ruído de um bonde
Cortava o silêncio
Como um túnel.
Onde estavam os que há pouco
Dançavam
Cantavam
E riam

Ao pé das fogueiras acesas?

— Estavam todos dormindo
Estavam todos deitados
Dormindo
Profundamente.

Quando eu tinha seis anos
Não pude ver o fim da festa de São João
Porque adormeci.

Hoje não ouço mais as vozes daquele tempo
Minha avó
Meu avô
Totônio Rodrigues
Tomásia
Rosa
Onde estão todos eles?
— Estão todos dormindo
Estão todos deitados
Dormindo
Profundamente.

Fonte: <http://www.revistabula.com/564-os-10-melhores-poemas-de-manuel-bandeira/>

AULA DE OFICINA 8: O poema e a música um par perfeito!

Música: Garotos
Leoni

Garotos

Seus olhos e seus olhares
Milhares de tentações
Meninas são tão mulheres
Seus truques e confusões
Se espalham pelos pêlos
Boca e cabelo
Peitos e poses e apelos
Me agarram pelas pernas
Certas mulheres como você
Me levam sempre onde querem

Garotos não resistem
Aos seus mistérios
Garotos nunca dizem não
Garotos como eu
Sempre tão espertos
Perto de uma mulher
São só garotos

Perto de uma mulher
São só garotos

Seus dentes e seus sorrisos
Mastigam meu corpo e juízo
Devoram os meus sentidos
Eu já não me importo comigo
Então são mãos e braços
Beijos e abraços
Pele, barriga e seus laços
São armadilhas e eu não sei o que faço
Aqui de palhaço, seguindo os seus passos

Garotos não resistem
Aos seus mistérios
Garotos nunca dizem não
Garotos como eu
Sempre tão espertos
Perto de uma mulher
São só garotos
Perto de uma mulher
São só garotos

Se espalham pelos pêlos
Boca e cabelo
Peitos e poses e apelos
Me agarram pelas pernas
Certas mulheres como você
Me levam sempre onde querem

Garotos não resistem
Aos seus mistérios
Garotos nunca dizem não
Garotos como eu
Sempre tão espertos
Perto de uma mulher
São só

Garotos não resistem
Aos seus mistérios
Garotos nunca dizem não
Garotos como eu
Sempre tão espertos
Perto de uma mulher
São só garotos
Perto de uma mulher
São só garotos
Perto de uma mulher
São só garotos

Fonte: letras.mus.br/leoni/

AULA DE OFICINA 9 – A música e as relações intertextuais

Música: João e Maria

Chico Buarque de Holanda e Nara Leão

Agora eu era o herói
E o meu cavalo só falava inglês
A noiva do cowboy
Era você além das outras três.

Eu enfrentava os batalhões
Os alemães e seus canhões
Guardava o meu bodoque
E ensaiava um rock para as matinês.

Agora eu era o rei
Era o bedel e era também juiz
E pela minha lei
A gente era obrigado a ser feliz.

E você era a princesa
Que eu fiz coroar
E era tão linda de se admirar
Que andava nua pelo meu país.

Não, não fuja não
Finja que agora eu era o seu brinquedo
Eu era o seu pião
O seu bicho preferido.

Vem, me dê a mão
A gente agora já não tinha medo
O tempo da maldade
Acho que a gente nem tinha nascido.

Agora era fatal
Que o faz-de-conta terminasse assim
Pra lá deste quintal
Era uma noite que não tem mais fim.

Pois você sumiu no mundo
Sem me avisar
E agora eu era um louco a perguntar
O que é que a vida vai fazer de mim.

Fonte: <http://www.vagalume.com.br/chico-buarque/joao-e-maria.html#ixzz3A3M9DRdJ>

4. EVIDÊNCIAS

4.1. Evidência 1 (Opiniões dos alunos)

① Aula de Oficina 1: Reconhecendo poemas.

Recomeçar:

Pra mim significa nascer de novo, dar uma nova chance a si mesmo de viver, sonhar, realizar e acreditar que você pode sim ser feliz novamente.

Uma frase que me marca muito é "Para todo fim, um recomeço", ligo ela como uma motivação, pois por mais que sua vida esteja péssima, que você esteja passando por diversos problemas, e que você acha que já está no fim do poço, não desista Não! Nunca é tarde pra Recomeçar, nunca é tarde pra começar de novo, nunca é tarde pra recomeçar sua vida. Recomece!

Dobre o Poema:

Este poema realmente é um verdadeiro poço de motivação!

Muito lindo, é de tocar o coração e a alma, capaz de transformar os pensamentos das pessoas, principalmente das aquelas que já não mais acreditam em si mesmo, pois todos nós somos capazes de Recomeçar e este poema é um incentivo, para que você reflita e repense nos seus atos, tente outras vezes e acredite em você de novo. Ele é simplesmente Perfeito! ♥

Aula de Oficina 1: Reconhecendo poemas

"Recomeçar"

Recomeçar para mim é apagar tudo de ruim que já aconteceu em sua vida e começar uma vida nova com coisas novas, sonhos bons e novo, é ter novas esperanças, ter um novo propósito para sua vida, é acreditar em si mesmo, no seu potencial, é acreditar que você é capaz de correr atrás dos seus sonhos, de realizá-los.

Daí quando parece que nada está dando certo em sua vida? Então, erga a sua cabeça e recomece... recomece do zero, acreditando que agora você vai conseguir, acreditando que você é capaz... será difícil, mas você consegue, como diz a frase "é com seus próprios erros que você aprende".

Sobre o poema:

Eu gostei deste poema, pois ele tocou no meu coração de uma forma tão especial, pois quantas e quantas vezes já pensei em desistir de tudo e jogar tudo pro alto... ele me fez acreditar que tudo é possível, que é possível recomeçar, é possível ser feliz, acreditar em mim mesma, acreditar no meu potencial.

Evidência 2 - Acervo pessoal

Oficina de leitura 1: Reconhecendo poemas.

"Recomeçar" é vencer todas as dificuldades, passar por cima de todos os problemas, sempre sorrir, sempre ver o lado bom de um problema, a luz no fim do túnel.

O poema em si, é uma lição de vida para quem acha que sua vida não tem, mais utilidade, não tem mais sentido, para que possa pensar sempre positivo, que sempre existe uma saída, procura sempre sorrir.

Evidência 3 - Acervo pessoal

Outras respostas:

"Recomeçar" é vencer todas as dificuldades, passar por cima de todos os problemas, sempre sorrir, sempre ver o lado bom de um problema, ter uma luz no fim do túnel.

Evidência 4 – Acervo pessoal

"Recomeçar" para mim é apagar tudo de ruim que já aconteceu em sua vida e começar uma vida nova com coisas novas, sonhos bons, renovar e ter esperança. Recomeçar é ter um novo propósito para a sua vida, é acreditar em si mesmo, no seu potencial, é acreditar que você é capaz de correr atrás dos seus sonhos, de realizá-los.

Evidência 5 – Acervo pessoal

Recomeçar é ter novas esperanças e saber sonhar novamente dando uma oportunidade para si mesmo. Recomeçar é inventar, juntar seus pedacinhos para tentar novamente, por tudo tem um propósito nas novas vidas e isso te faz acreditar que podemos ser felizes, realizar, sonhar, acreditar e o mais importante "recomeçar".

Evidência 6 – Acervo pessoal

RECOMEÇAR É SEMPRE DAR UMA NOVA CHANCE A SI MESMO, O QUE IMPORTA É O MOMENTO, O QUE VOCÊ FEZ NO PASSADO SERVIRÁ DE LIÇÃO PARA SEU FUTURO.

Evidência 7 – Acervo pessoal

A leitura do poema feita dessa maneira em três etapas fez com que eu conseguisse um melhor entendimento. O poema em si é uma lição de vida para quem acha que sua vida não tem mais salvação, não tem mais sentido, para que possa passar sempre positivo, pois sempre existe uma saída. Gostei bastante.

Evidência 9 – Acervo pessoal

A leitura compartilhada deu mais entendimento ao poema.
Foi interessante e gostei muito.

Evidência 10 – Acervo pessoal

A leitura compartilhada fez com que a interpretação (entendimento) do poema ficasse claro, porque deu para perceber o entusiasmo com a leitura de cada um de nós.

Evidência 11 – Acervo pessoal

Eu gostei bastante desse poema, principalmente do jeito que foi lido, deu para mim entender melhor.
Esse poema tocou meu coração de uma forma tão especial, pois quantas vezes já pensei em desistir de tudo e jogar tudo para o alto... ele me fez acreditar que tudo é possível e principalmente recomeçar é possível.

Evidência 12 – Acervo pessoal

O poema fala muito sobre o amor, mais a coisa mais importante é aprender a amar e ter esperança que esse amor vai durar. Eu gostei muito do poema apesar de ser difícil compreender, mais com dedicação e uma boa atenção tudo melhora.

Evidência 13- Acervo pessoal

Eu gostei muito deste poema, apesar de ser mais difícil de ser interpretado. Mas, depois de usar as estratégias de leitura nas nossas aulas tudo se torna mais fácil.

Evidência 14 – Acervo pessoal

É um poema romântico, mas complexo e há nele alguma certa dificuldade para entender. Mas com as várias leituras conseguimos entender.

Evidência 15 – Acervo Pessoal

O poema fala de amor, ele passa uma mensagem de reflexão sobre a vida, sobre novos sentimentos, que não preciso de alguém que morra de amor por mim, que apenas preciso de alguém que cuide de mim. A leitura compartilhada do poema ajudou na reflexão, na compreensão, apesar de conter algumas palavras difíceis para se entender, pois com a ajuda da professora a compreensão foi mais concreta.

Evidência 16 – Acervo pessoal

Aula de Oficina 2: Vamos ler poemas.

"Certezas"

Você não precisa ser tratada como uma rainha, onde todos beijam seus pés, você apenas precisa ser lembrada, precisa de alguém que te dê carinho, amor, que te abraça, te valorize, dê importância ao seu ser.

"Nós não vivemos de certezas e sim de dúvidas."

Sobre o poema:

Eu gostei muito deste poema, apesar de ser mais difícil de ser interpretado. Entim ele fala sobre o amor, mas não um amor forçado e sim um amor suave, para que esse amor consiga ter longa duração.

Evidência 17 – Acervo pessoal

Aula de Oficina 2: Vamos ler poemas ?

"Certezas"

O poema certezas fala de amor.

Ele para uma mensagem de reflexão sobre a vida, sobre novos sentimentos, que não precisa de alguém que morra de amor por mim, que apenas precisa de alguém que cuide de mim, que viva por mim, que me abraça sempre.

A leitura compartilhada do poema ajudou na reflexão, na compreensão, apesar de conter algumas palavras difíceis para se entender, pois, com a ajuda da professora a compreensão foi mais concreta.

Evidência 18 – Acervo Pessoal

Última de Oficina 2: Vamos Ler Poemas?

Certezas

Certezas... acho que Não!! Nossa vida é cheia de dúvidas mesmo. E são nessas idas e vindas do destino que descobrimos os mais variados sentimentos como: Amor, desprezo, reconhecimento, alegria, tristeza, paz, medo, ódio, rancor, humildade e principalmente a perseverança, aquela capaz de nos dar forças para lutarmos por algo, como por exemplo: O amor que nos incentiva a viver, só pelo fato de nos tornar inesquecíveis e insubstituível.

Sobre o Poema

Gostei muito do Poema, pois ele fala o que a sua alma e o seu coração quer dizer, fala sobre o amor, e acima de tudo a vontade de amar e de ser amado.

Este poema realmente é um pouco mais difícil de compreender, mas com atenção conseguimos entendê-lo com o coração.

Oficina 3:

Conhecendo a história de Manuel Bandeira, Mário Quintana e Carlos Drummond de Andrade através de vídeos

Oficina 4. A chave da leitura

"No meio do caminho"

Quente das dificuldades da vida, das passagens da vida, dos acontecimentos, sempre superá-los

AULA DE OFICINA 4: A chave da leitura

No meio do caminho

Carlos Drummond de Andrade

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.

Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra

Tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

<http://www.luso-poemas.net>

^ - Sim, comum, sempre nos deparamos com "pedras no meio do caminho".

as vidas e obras dos Poetas
Carlos Drummond de Andrade, Mário
Quintana e Manuel Bandeira.

Regra de oficina 4 = A chave da leitura

"No meio do caminho": Estrada
da vida!

AULA DE OFICINA 4: A chave da leitura

No meio do caminho

Carlos Drummond de Andrade

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.

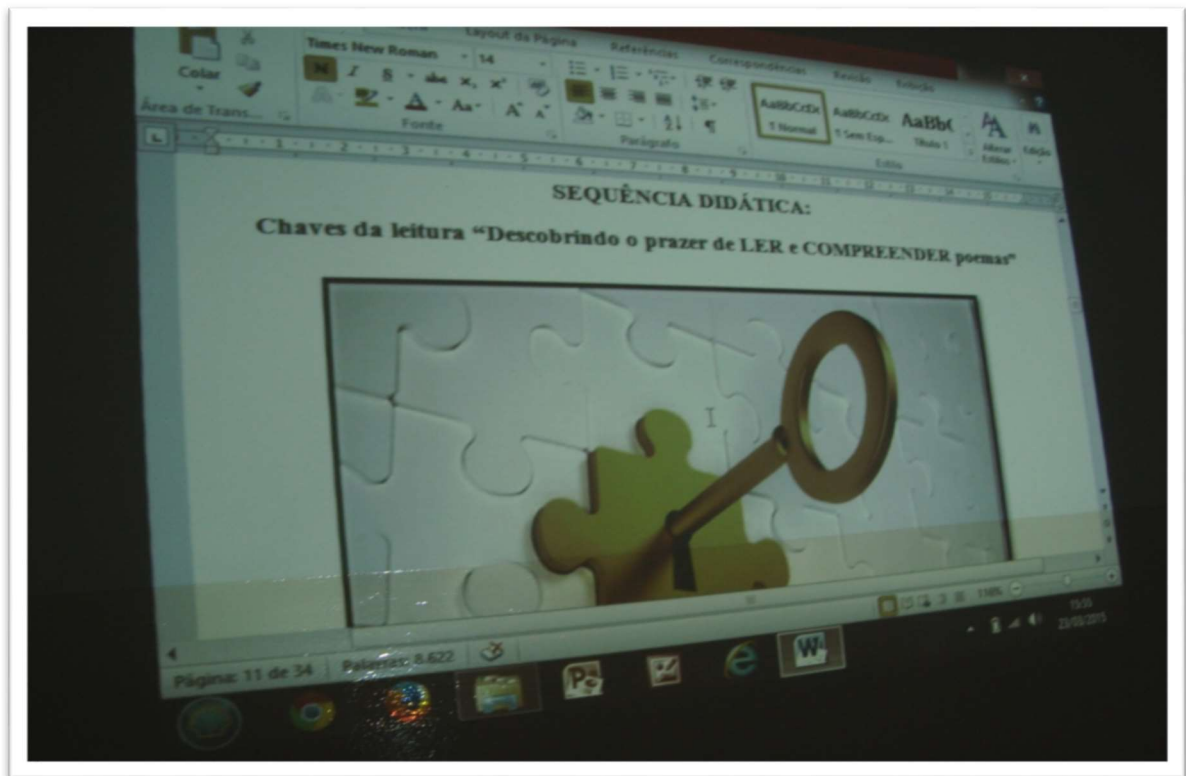
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra

Tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

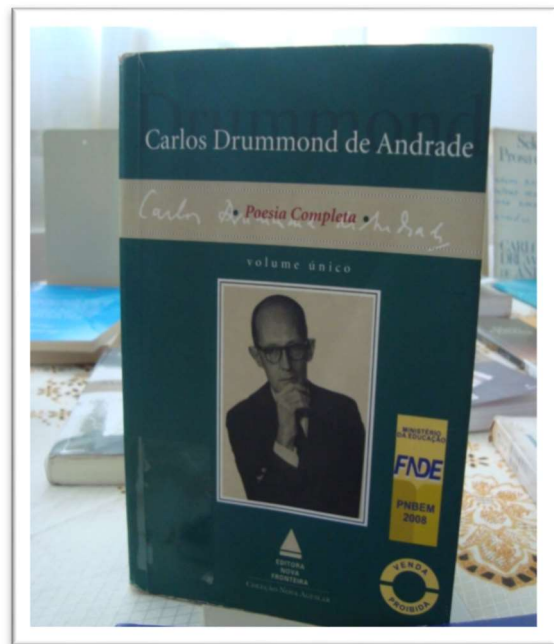
<http://www.luso-poemas.net>

que significa,
que na vida
vai ter uma
dificuldade
ou seja uma
pedra

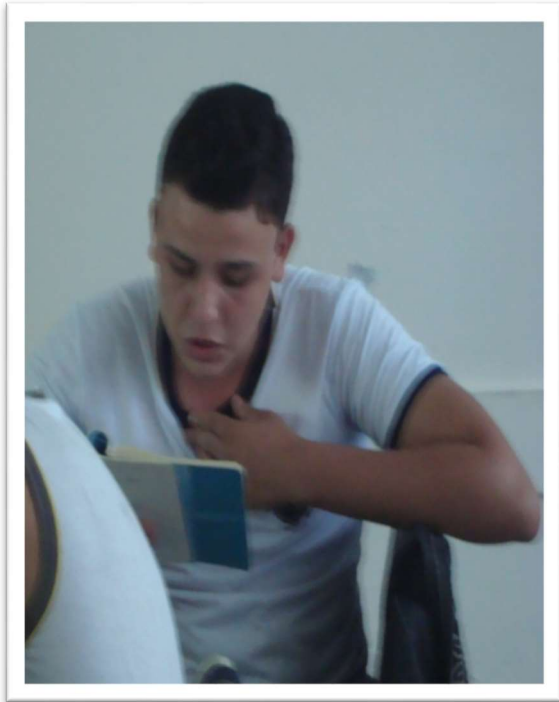
4.2. Evidências (imagens/fotos)



Apresentação da Sequência Didática (SD) – chaves da leitura



Antologias Poéticas



Leitura de poemas



Estratégias de leitura utilizadas na SD

4.3. Evidência 3 - Escolha dos poemas para a confecção dos “livrinhos” (Imagens/fotos)



Escolha dos poemas para a “Antologia Poética”



Escolha dos poemas para a “Antologia Poética”

4.4. Evidência 4 – Produto Final “livrinho de poemas”. Capa do “livrinho” confeccionado pelos alunos



(capa do “livrinho”)

5. PEQUENA EXPLICAÇÃO

Os benefícios de ler são múltiplos e comprovados. A criatividade é estimulada, enriquece e reforça os processos cognitivos. Ler é uma atividade muito mais complexa do que a simples interpretação dos símbolos gráficos, de códigos, requer um indivíduo capaz de compreender além do que está escrito, incorporando-o à sua bagagem pessoal. Exige do leitor comportamento ativo durante o ato da leitura.

Acredito que o gosto pela leitura se constrói por meio de um longo processo, sendo o professor um agente fundamental na mediação entre os alunos e suportes textuais, um impulsionador e guia, no sentido de um contato cada vez mais intenso e desafiador entre o leitor e a obra a ser lida. Neste sentido, como professora pude planejar e desenvolver atividades de leitura com foco específico no poema que colaborasse para o desenvolvimento da compreensão leitora, aprimorando a execução das práticas e das estratégias de leitura.

As atividades foram desenvolvidas em sala de aula por meio de Oficinas de Leitura de Poemas intituladas “Chaves da Leitura descobrindo o prazer de Ler e Compreender Poemas” que propõem o gosto pela leitura de poemas prazerosos, aguçando assim o potencial cognitivo, por meio de estratégias de leitura bem definidas.

Este “livrinho” (opúsculo) é parte do resultado do projeto – Antologia Poética -, desenvolvido pelos alunos. Para tanto, coletaram e escolheram diversos poemas com os quais mais se identificaram e gostaram para fazer parte desta coletânea de poemas intitulada – Meus poemas preferidos. Reconheço que não é um título muito original, mas mantive por, inicialmente, ser a escolha dos alunos e, também a palavra “preferido” possui aqui significado muito especial enquanto resultado de um trabalho voltado para a leitura de poema.

Agradeço aos alunos pelo empenho e pela dedicação às atividades do projeto. Isso mostra o quanto pode ser realizado nas atividades voltadas para a leitura e como as crianças e os jovens são capazes de desenvolver o gosto pela leitura, se bem orientados. O resultado é bastante significativo, uma vez que se trata

de possibilitar ao aluno a compreensão da leitura de poemas e conseqüentemente de fruição estética.

Boa leitura!

6. ANTOLOGIA DE POEMAS ESCOLHIDOS PELOS ALUNOS

O SEU SANTO NOME (*)

Não facilite com a palavra amor.
 Não a jogue no espaço, bolha de sabão.
 Não se inebrie com o seu engalanado som.
 Não a empregue sem razão acima de toda razão (e é [raro]).
 Não brinque, não experimente, não cometa a loucura
 [sem remissão
 de espalhar aos quatro ventos do mundo essa palavra
 que é toda sigilo e nudez, perfeição e exílio na Terra.
 Não a pronuncie.



(*) in: *Carlos Drummond de Andrade. Corpo Novos Poemas, 1984.*

Edison Cortes Ribeiro.

A HORA DO CANSAÇO (*)

As coisas que amamos,
 as pessoas que amamos
 são eternas até certo ponto.
 Duram o infinito variável
 no limite de nosso poder
 de respirar a eternidade.

Pensá-las é pensar que não acabam nunca,
 dar-lhes moldura de granito.
 De outra matéria se tornam, absoluta,
 numa outra (maior) realidade.
 Começam a esmaecer quando nos cansamos,
 e todos nos cansamos, por um ou outro itinerário,
 de aspirar e resina do eterno.



Já não pretendemos que sejam imperecíveis.
 Restituímos cada ser e coisa à condição precária,
 Rebaixamos o amor ao estado de utilidade.
 Do sonho eterno, fica esse gosto acre
 na boca ou na mente, sei lá, talvez no ar.

(*) in: *Carlos Drummond de Andrade. Corpo Novos Poemas, 1984*

Edison Cortes Ribeiro

A ESTRELA(*)

Vi uma estrela tão alta,
 Vi uma estrela tão fria!
 Vi uma estrela luzindo
 Na minha vida vazia.

Era uma estrela tão alta!
 Era uma estrela tão fria!
 Era uma estrela sozinha
 Luzindo no fim do dia.

Por que da sua distância
 Para a minha companhia
 Não baixava aquela estrela?
 Por que tão alta Luzia?
 E ouvi-a na sombra funda
 Responder que assim fazia
 Para dar uma esperança
 Mais triste ao fim do meu dia.

(*) in: *Manuel Bandeira. Antologia Poética, 2001.*

Edson Francisco da Silva Junior.



AMOR E SEU TEMPO (*)

Amor é privilegio de maduros
 Estendidos na mais estreita cama,
 Que se torna a mais larga e mais relvosa,
 roçando, em cada poro, o céu do corpo.
 É isto, amor: o ganho não previsto,
 o prêmio subterrâneo e coruscante,
 leitura de relâmpago cifrado,
 que, decifrado, nada mais existe
 valendo a pena e o preço do terrestre,
 salvo o minuto de ouro no relógio
 minúsculo, vibrando no crepúsculo.



Amor é o que se aprende no limite,
 Depois de se arquivar toda a ciência
 herdada, ouvida. Amor começa tarde.

(*) in: *Carlos Drummond de Andrade. As impurezas do Branco, 2002.*

Edson Francisco da Silva Junior

MÃOS DADAS (*)

Não serei o poeta de um mundo caduco
 Também não cantarei o mundo futuro
 Estou preso à vida e olho meus companheiros
 Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças
 Entre eles, considero a enorme realidade
 O presente é tão grande, não nos afastemos
 Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas



Não serei o cantor de uma mulher, de uma história
 Não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela
 Não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida
 Não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins

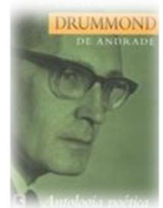
O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes
A vida presente.

(*) *in: Carlos Drummond de Andrade. Antologia Poética, 2002.*

Fernanda Heloisa Siqueira

CONGRESSO INTERNACIONAL DO MEDO (*)

Provisoriamente não cantaremos o amor,
que se refugiou mais abaixo dos subterrâneos.
Cantaremos o medo, que esteriliza os abraços,
não cantaremos o ódio porque esse não existe,
existe apenas o medo, nosso pai e nosso companheiro,
o medo grande dos sertões, dos mares, dos desertos,
o medo dos soldados, o medo das mães, o medo das igrejas,
cantaremos o medo dos ditadores, o medo dos democratas,
cantaremos o medo da morte e o medo de depois da morte,
depois morreremos de medo
e sobre nossos túmulos nascerão flores amarelas e medrosas.



(*) *in: Carlos Drummond de Andrade. Antologia Poética, 2002.*

Fernanda Heloisa Siqueira

SONETO DO MAIOR AMOR (*)

Maior amor nem mais estranho existe
Que o meu, que não sossega a coisa amada
E quando a sente alegre, fica triste
E se a vê descontente, dá risada.

E que só fica em paz se lhe resiste
O amado coração, e que se agrada
Mais da eterna aventura em que persiste



Que de uma vida mal-aventurada.

Louco amor meu, que quando toca, fere
E quando fere vibra, mas prefere
Ferir a fenecer - e vive a esmo

Fiel à sua lei de cada instante
Desassombrado, doido, delirante
Numa paixão de tudo e de si mesmo.

(*)in: *Vinícius de Moraes. Antologia Poética, 2005.*

Fernanda Heloisa Siqueira

MEMÓRIA (*)

Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do Não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.

Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.

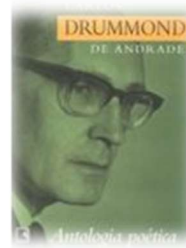
(*) In: *Carlos Drummond de Andrade. Antologia Poética, 2002.*

Geovana Lopes Nogueira



AMAR-AMARO (*)

Por que amou por que amou
 se sabia
 proibido passear sentimentos
 ternos ou desesperados
 nesse museu do pardo indiferente
 me diga: mas por que
 amar sofrer talvez como se morre
 de varíola voluntária vágula evidente?
 ah PORQUE AMOU
 e se queimou
 todo por dentro por fora nos cantos nos ecos
 lúgubres de você mesm(o, a)
 irm(ã,o) retrato espéculo por que amou?
 se era para
 ou era por
 como se entretanto todavia
 toda via mas toda vida
 é indagação do achado e aguda espostejação
 da carne do conhecimento, ora veja
 permita cavalheir(o,a)
 amig(o,a) me releve
 este malestar
 cantarino escarninho piedoso
 este querer consolar sem muita convicção
 o que é inconsolável de ofício
 a morte é esconsolável consolatrix consoadíssima
 a vida também
 tudo também
 mas o amor car (o,a) colega este não consola nunca de nuncaras.

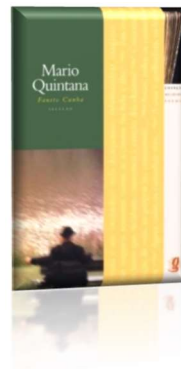


(*) in: *Carlos Drummond de Andrade. Antologia Poética, 2002.*

Geovana Lopes Nogueira

CANÇÃO PARA UMA VALSA LENTA (*)

Minha vida não foi um romance...
 Nunca tive até hoje um segredo.
 Se me amas, não digas, que morro
 De surpresa... de encanto... de medo...
 Minha vida não foi um romance,
 Minha vida passou por passar.
 Se não amas, não finjas, que vivo
 Esperando um amor para amar.
 Minha vida não foi um romance...
 Pobre vida... passou sem enredo...
 Glória a ti que me enches a vida
 De surpresa, de encanto, de medo!
 Minha vida não foi um romance...
 Ai de mim... Já se ia acabar!
 Pobre vida que toda depende
 De um sorriso... de um gesto... um olhar...



(*) in: *Mario Quintana. Melhores poemas, 2003.*

Geovana Lopes Nogueira

DESTINO (*)

Como uma folha
 ao vento
 confiar no rumo
 dos acontecimentos
 Soltar o corpo
 E a alma
 E deixar que dancem
 com o coração
 do mundo.
 Abrir as portas

e as janelas
 para que as estradas
 entrem pela casa
 adentro,
 com todas as luas
 e luzes e sombras
 e infinitas surpresas
 Como um veleiro
 Na hora da partida
 não sabe ainda
 as palavras do mar.
 Assim todos os dias
 no umbral da vida.



(*)in: Roseana Murray. *Caminhos da Magia*, 2001.

Gustavo Sibim

ALQUIMIA(*)

Ao longo de toda
 a existência,
 buscar a essência,
 o mais fino fio
 de água,
 o mais cristalino,
 o ouro puro
 que dorme no fundo
 dos mistérios.



Transmutar sentimentos,
 Cada dia construir
 a alma
 nos laboratórios secretos
 do ser.

Alquimia é mergulhar
as mãos, o corpo todo,
o coração.
em todos os ventos.
É nadar no oceano
da vida e da magia.

(*)in: Roseana Murray. *Caminhos da Magia*, 2001.

Gustavo Sibim

OS QUATRO ELEMENTOS (*)

A terra é o chão
onde se planta a semente
e se cravam os pés
feito bandeira.

No fogo tudo começa
e termina:
transmutação.

Os pensamentos são o ar
que nada aprisiona,
nenhuma barreira.
Sentimentos são água,
oceano de emoções
fazendo e refazendo o mundo.



Equilibrar dentro do corpo
e da alma
os quatro elementos
essa tarefa do dia-a-dia,

exercício de magia.

(*)in: Roseana Murray. *Caminhos da Magia*, 2001.

Igor Daniel BÁCARO

AMOR

Amor é o mistério
maior,
o jogo mágico
que se joga
com pedras sagradas,
pedaços da alma,
enlutarados cristais.

Estrada que atravessa
abismos, cavernas, oceanos,
as mais altas montanhas,
e deságua no outro.
Dentro dos seus sonhos,
Dentro da sua noite.



(*) in: Roseana Murray. *Caminhos da Magia*, 2001.

Igor Daniel BÁCARO

INCONFESSO DESEJO (*)

Queria ter coragem
Para falar deste segredo
Queria poder declarar ao mundo
Este amor
Não me falta vontade
Não me falta desejo



Você é minha vontade
 Meu maior desejo
 Queria poder gritar
 Esta loucura saudável
 Que é estar em teus braços
 Perdido pelos teus beijos
 Sentindo-me louco de desejo
 Queria recitar versos
 Cantar aos quatros ventos
 As palavras que brotam
 Você é a inspiração
 Minha motivação
 Queria falar dos sonhos
 Dizer os meus secretos desejos
 Que é largar tudo
 Para viver com você
 Este inconfesso desejo

(*) *in: Carlos Drummond de Andrade. Antologia Poética, 2002.*

Josineide Brito Pereira

AMOR-PERFEITO(*)

Suas cores são as de outrora,
 com muito pouca diferença:
 o roxo foi-se quase embora,
 o amarelo é vaga presença.
 E em cada cor que se evapora
 vê-se a luz do jardim suspensa.
 Tão fina foi a vida sua,
 tão fina é a morte em que descansa!
 Mais transparente do que a lua,
 mais do que as borboletas mansa!
 Tanto o seu perfil atenua
 que, em peso, é menos que a lembrança.



Veludo de divinos teares,
 hoje seda seca e abolida,
 preserva os vestígios solares
 de que era feita a sua vida:
 frágil coração, capilares
 de circulação colorida.
 Se o levantar entre meus dedos,
 pólen de tardes e sorrisos
 cairá com tímidos segredos
 de tempos certos e imprecisos.
 Ó cinco pétalas, ó enredos
 de sentimentais paraísos!
 Mas de leve gota pousada
 no veludo, - mole diamante
 que foi a resposta da amada,
 que foi a pergunta do amante –
 dela não se verá mais nada:
 perdeu-se no vento inconstante.

(*)in: Cecília Meireles. *Poesia Completa*, 2001.

Josineide Brito Pereira

CONFISSÃO (*)

É certo que me repito,
 é certo que me refuto
 e que, decidido, hesito
 no entra-e-sai de um minuto.

É certo que irresoluto
 entre o velho e o novo rito
 atiro à cesta o absoluto
 como inútil papelito.

É tão certo que me aperto



numa tenaz de mosquito
como é trinta vezes certo
que me oculto no meu grito.

Certo, certo, certo, certo
que mais sinto que reflicto
as fábulas do deserto
do raciocínio infinito.

É tudo certo e prescrito
em nebuloso estatuto.
O homem, chamar-lhe mito
não passa de anacoluto.

(*)in: *Carlos Drummond de Andrade. Antologia Poética, 2002*

Josineide Brito Pereira

ESTRELA DA MANHÃ (*)

Eu quero a estrela da manhã
Onde está a estrela da manhã?
Meus amigos meus inimigos
Procurem a estrela da manhã
Ela desapareceu ia nua
Desapareceu com quem?
Procurem por toda a parte
Digam que sou um homem sem orgulho
Um homem que aceita tudo
Que me importa? Eu quero a estrela da manhã
Três dias e três noites
Fui assassino e suicida
Ladrão, pulha, falsário



Virgem mal-sexuada
 Atribuladora dos aflitos
 Girafa de duas cabeças
 Pecai por todos pecai com todos
 Pecai com os malandros
 Pecai com os sargentos
 Pecai com os fuzileiros navais
 Pecai de todas as maneiras
 Com os gregos e com os troianos
 Com o padre e com o sacristão
 Com o leproso de Pouso Alto
 Depois comigo

 Te esperarei com mafuás novenas cavalhadas
 comerei terra e direi coisas de uma ternura tão simples
 Que tu desfalecerás
 Procurem por toda parte
 Pura ou degradada até a última baixeza
 eu quero a estrela da manhã.

(*) in: *Manuel Bandeira. Meus poemas preferidos, 2002.*

Kaio Fernandes S. de Araújo.

METAMORFOSES

Sou o que sou;
 o silencio após o mas
 e o ou

Fui o que fui:
 um ruído entre
 o constrói e o rui.

Fosse o que fosse:
 a ponte (que pena!)
 quebrou-se



Ser o que seria:
já o crepúsculo mal
começa o dia

(*) *in: José Paulo Paes. Melhores Poemas, 2009.*

Kaio Fernandes S. de Araújo.

FAVELÁRIO NACIONAL(*)

1. Prosopopéia

(à memória de Alceu de Amoroso Lima, que me convidou a olhar para as favelas do Rio de Janeiro.)

Quem sou eu para te cantar, favela,
que cantas em mim e para ninguém a noite inteira de sexta
e a noite inteira de sábado
e nos desconheces, como igualmente não te conhecemos?
Sei apenas do teu mau cheiro: baixou em mim na viração,
direto, rápido, telegrama nasal
anunciando morte...melhor, tua vida.

Decoro teus nomes. Eles
jorram na enxurrada entre detritos
da grande chuva de janeiro de 1966
em noites e dias e pesadelos consecutivos.
Sinto ,de lembrar, essas feridas descascadas na perna esquerda
chamadas Portão Vermelho, Tucano, Morro do Nheco,
Sacopã, Cabritos, Guararapes, Barreira do Vasco,
Catacumba catacumbal tonitroante no passado,
e vem logo Urubus e vem logo Esqueleto,
Tabajaras estronda os tambores de guerra,
Cantagalo e Pavão soberbos na miséria,
a succulenta Mangueira escorrendo caldo de samba,
Sacramento... Acorda, Caracol. Atenção, Pretos Forros!
O mundo pode acabar esta noite, não como nas Escrituras se estatui.
Vai desabar, grapiola por grapiola,
trapizonga por trapizonga,
tamanco, violão, trempe, carteira profissional, essas drogas todas,
esses tesouros teus, altas alfaias.

Vai desabar, vai desabar
teto de zinco marchetado de estrelas naturais
e todos, ó ainda inocentes, ó marginais estabelecidos, morreréis
pela ira de Deus, mal governada.

Padecemos este pânico, mas
o que se passa no morro é um passar diferente,
dos própria, código fechado: Não se meta,

paisano dos baixos da Zona Sul.

Tua dignidade é teu isolamento por cima da gente.
 Não sei subir teus caminhos de rato, de cobra e baseado,
 tuas perambeiras, templos de Mamalapunam
 em suspensão carioca.
 Tenho medo. Medo de ti, sem te conhecer,
 medo só de te sentir, encravada
 favela, erispela, mal-do-monte
 na coxa flava do Rio de Janeiro.

Medo: não de tua lâmina nem de teu revolver
 nem de tua manha nem de teu olhar.
 Medo de que sintas como sou culpado
 e culpados somos de pouca ou nenhuma irmandade.
 Custa ser irmão,
 custa abandonar nossos privilégios
 e traçar a planta
 da justa igualdade.
 Somos desiguais
 e queremos ser
 sempre desiguais.

E queremos ser
 bonzinhos benévolos
 comedidamente
 sociologicamente
 mui bem comportados.
 Mas favela, ciao,
 que este nosso papo
 está ficando tão desagradável.
 Vês que perdi o tom e a empáfia do começo?

2. Morte gaivota

O bloco de pedra ameaça
 triturar o presépio de barracos e biroskas.
 Se deslizar, estamos conversados.
 Toda gente lá em cima sabe disso
 e espera o milagre,
 ou, se não houver milagre, o aniquilamento instantâneo,
 enquanto a Geotécnica vai tecendo o aranhol de defesas.
 Quem vence a partida? A erosão caminha
 nos pés dos favelados e nas águas.
 Engenheiros calculam. Fotógrafos
 esperam a catástrofe. Deus medita
 qual o melhor desfecho, senão essa
 eterna expectativa de desfecho.

O morro vem abaixo esta semana

de dilúvio
ou será salvo por Oxosse?

Diáfana, a morte paira no esplendado sol no zinco.
Morte, companheira. Morte,
colar no pescoço da vida.
Morte com paisagem marítima,
gaivota,
estrela,
talagada na manhã de frio
entre porcos, galinhas e cabritos.
Tão presente, tão íntima que ninguém repara
no seu hálito.
Um dia, possivelmente madrugada de trovões,
virá tudo de roldão
sobre nossa ultra, semi ou nada civilizadas cabeças
espectadoras
e as classes se unirão entre os escombros.

3. Urbaniza-se? Remove se?

São 200, são 300
as favelas cariocas?
tempo gasto em conta-las
é tempo de outras surgirem.
800 mil favelados
ou já passa de um milhão?
Enquanto se contam, ama-se
em barraco e a céu aberto,
novos seres se encomendam
ou nascem à revelia.
Os que mudam, os que somem,
os que são mortos a tiro
são logo substituídos.
Onde haja terreno vago
onde ainda não se ergueu
um caixotão de cimento
esguio (mas vai-se erguer)
surgem trapos e tarecos,
sobre fumaça de lenha
em jantar improvisado.

Urbaniza-se? Remove-se?
Extingue-se a pau e fogo?
Que fazer com tanta gente
brotando do chão, formigas
de formigueiro infinito?
Ensinar-lhes paciência,
conformidade, renúncia?
Cadastrá-los e fichá-los

para fins eleitorais?
 Prometer-lhes a sonhada,
 mirífica, róseo-futura
 distribuição (oh) de renda?
 Deixar tudo como está
 para ver como é que fica?
 Em seminários, simpósios,
 comissões, congressos, cúpulas
 de alta vaniloqüência
 elaborar a perfeita
 e divina solução?

Um som de samba interrompe
 tão sérias cogitações,
 e a cada favela extinta
 ou em vila transformada,
 com direito a pagamento
 de Comlurb, ISS, Renda,
 outra aparece, larvar,
 rastejante, desafiante,
 de gente que nem a gente,
 desejante, suspirante,
 ofegante, lancinante.
 O mandamento da vida
 explode em riso e ferida.

4. Feliz

De que morreu Lizélia no Tucano ?
 Da avalanche de lixo no barraco.
 Em seu caixão de lixo e lama ela dormiu
 sono mais perfeito de sua vida.

5. O nome

Me chamam bonfim. A terra é boa,
 não se paga aluguel, pois é do Estado,
 que não toma tenência dessas coisas
 por enquantemente. Na vala escorre
 a merda dos barracos. Tem verme
 n'água e n'alma. A gente se acostuma.
 A gente não paga nada prá morar,
 como ia reclamar?

Meu nome é Bonfim. Bonfim geral.
 Que mais eu sonho?

6. Matança dos inocentes

Meu nome é Rato Molhado.

Meus porcos foram todos sacrificados
para acabar com a peste dos porcos.
Fiquei sem saúde e sem eles.
Uma por uma ou todas de uma vez
pereceram minhas riquezas. Em Inhaúma
sobram meus ratos incapturáveis.

7. Faz Depressa

Aqui se chama Faz Depressa
porque depressa se desfaz
a casa feita num relâmpago
em chão incerto, deslizante.
Tudo se faz aqui depressa.
Até o amor. Até o fumo.
Até, mais depressa, a morte.
Ainda mesmo se não se apressa,
a morte é sempre uma promessa
de decisão geral expressa.

8. Guaiamu

Vimos de Minas, sim senhor,
fugindo da cerca braba lá do Norte.
Em riba de cinco estacas fincadas no mangue
a gente acha que vive
com a meia graça de Deus Pai Nosso Senhor.
Diz - que isto aqui tem nome Nova Holanda.
Eu não dou fé, nem sei onde é Holanda velha.
Me dirijo à Incelência: Isso é mar?
Mar, essa porcaria que de tarde
a onda vem e limpa mais ou menos,
e volta a ser porcaria, porcamente?
Vossa Senhoria tá pensando
que a gente passa bem de guaiamu
no almoço e na janta repetido?
Guaiamu sumiu faz tempo.
Aqui só vive gente, bicho nenhum
tem essa coragem.
Espia a barriga,
espia a barriga estufada dos meninos, a barriga cheia de vazio,
de Deus sabe o quê.
Ele não podendo sustentar todo mundo
pelo menos faz inchar a barriga até este tamanho.

9. Olheiros

Pipa empinada ao sol da tarde,
sinal que polícia vem subindo.
Sem pipa, sem vento,



sem tempo de empinar,
 assovio fino vara o morro,
 torna o corpo invisível, imbatível.

10. Sabedoria

Deixa cair o barraco, Ernestilde,
 deixa rolar encosta abaixo, Ernestilde,
 deixa a morte vir voando, Ernestilde,
 deixa a sorte brigar com a morte, Ernestilde.
 Melhor que obrigar a gente, Ernestilde,
 a viver sem competência, Ernestilde,
 no áureo, remoto, mítico
 - lúgubre

12. Desfavelado

Me tiraram do meu morro
 me tiraram do meu cômodo
 me tiraram do meu ar
 me botaram neste quarto
 multiplicado por mil
 quartos de casas iguais.
 Me fizeram tudo isso
 para o meu bem. E meu bem
 ficou lá no chão queimado
 onde eu tinha o sentimento
 de viver como queria
 no lugar onde queria
 não onde querem que eu viva
 aporrinhado devendo
 prestação mais prestação
 da casa que não comprei
 mas compraram para mim.
 Me firmo, triste e chateado,
 Desfavelado.

13. Banquete

Dia sim dia não, o caminhão
 despeja 800 quilos de galinha podre,
 restos de frigorífico,
 no pátio do matruco,
 bem na cara do Morro da Caixa d'Água
 e do morro do Tuiuti.
 O azul das aves é mais sombrio
 que o azul do céu, mas sempre azul
 conversível em comida.
 Baixam favelados deslumbrados,
 cevam-se no monturo.

Que morador resiste
à sensualidade de comer galinha azul?

14. Aqui, ali, por toda parte

As favelas do Rio transbordam sobre Niterói
e o Espírito Santo fornece novas penhas de favelados.
Morro do Estado ostenta sem vexame sua porção de miséria.
Fonseca, Nova Brasília (sem ironia)
estão dizendo: "Um terço da população urbana
selou em nós a fraternidade de não possuir bens terrestres."
Os verdes suspensos da Serra em Belo Horizonte
envolvem de paisagem os barracos da Cabeça de Porco.
Se não há torneiras, canos de esgoto, luz elétrica,
e o lixo é atirado no ar e a enchente carrega tudo, até os vivos,
resta o orgulho de ter aos pés os orgulhosos edifícios do Centro.
Belo Horizonte, dor minha muito particular.
Entre favelas e alojamentos eternamente provisórios de favelados expulsos
(pois carece de manda-los para "qualquer parte", pseudônimo do Diabo),
São Paulo cresce impertubavelmente em esplendor e pobreza,
com 20 mil favelados no ABC.
Em Salvador, os alagados jungidos à última condição humana
colhem, risonhos, a chuva de farinha, macarrão e feijão
que jorra da visita do Presidente.
No Recife...
quando se aterra o mangue
fogem os miseráveis para as colinas
entre dois rios. E tudo continua
com outro nome.

15. Indagação

Antes que me urbanizem a régua, compaso,
computador, cogito, pergunto, reclamo:
Porque não urbanizam antes
a cidade?
Era tão bom que houvesse uma cidade
na cidade lá embaixo.

16. Dentro de nós

Guarda estes nomes: bidonville, taudis, slum,
wich-town, sanky-town,
callampas, cogumelos, corraldas
hongos, barrio paracaidista, jacale,
cantegril, bairro de lata, gourbville,
champa, court, villa miseria,
favela.
Tudo a mesma coisa, sob o mesmo sol,
por este largo estreito do mundo.

Isto consola?
 É inevitável, é prescrito,
 lei que não se pode revogar
 nem desconhecer?
 Não, isto é medonho,
 faz adiar nossa esperança
 da coisa ainda sem nome
 que nem partidos, ideologias, utopias
 sabem realizar.
 Dentro de nós é que a favela cresce
 e, seja discurso, decreto, poema
 que contra ele se levante,
 não para de crescer.

17. Palafitas

Este nasce no mangue, este vive no mangue.
 No mangue não morrerá.
 maravilhoso projeto X vai aterrar o mangue.
 Vai remover famílias que têm raízes no mangue
 e fazer do mangue área produtiva.
 O homem entristece.
 Aquilo é sua pátria,
 aquele, seu destino,
 seu lodo certo e garantido.

18. Cidade grande

Que beleza, Montes Claros.
 Como cresceu Montes Claros.
 Quanta indústria em Montes Claros.
 Montes Claros cresceu tanto,
 ficou urbe notória,
 prima-rica do Rio de Janeiro,
 que já tem cinco favelas
 por enquanto, e mais promete.

19. Confronto

A suntuosa Brasília, a esqualida Ceilândia
 contemplam-se. Qual delas falará
 primeiro? Que tem a dizer ou a esconder
 uma em face da outra? Que mágoas, que ressentimentos
 prestes a saltar da goela coletiva
 e não se exprimem? Por que Ceilândia fere
 majestoso orgulho da flórea Capital?
 Por que Brasília resplandece
 ante a pobreza exposta dos casebres
 de Ceilândia,
 filhos da majestade de Brasília?

E pensam-se, remiram-se em silêncio
as gêmeas criações do gênio brasileiro.

20. Gravura baiana

Do alto do Morro de Santa Luzia,
Nossa Senhora de Alagados, em sua igrejinha nova,
abençoa o viver pantanoso dos fiéis.
Por aqui andou o Papa, abençoou também.
A miséria, irmãos, foi dignificada.
Planejar na Terra a solução
fica obsoleto. Sursum corda!
Haverá um céu privativo dos miseráveis.

21. A maior

A maior! A maior!
Qual, enfim, a maior
favela brasileira?
A rocinha carioca?
Alagados, baiana?
Um analista indaga:
Em área construída
(se construção se chama
o sopro sobre a terra
movediça, volúvel,
ou sobre água viscosa)? A maior, em viventes,
bichos, homens, mulheres?
Ou maior em oferta de mão-de-obra fácil?
Maior em aparelhos
de rádio e de tevê?
Maior em esperança
ou maior em descrença?
A maior em paciência,
a maior em canção,
rainha das favelas,
imperatriz-penúria?
Tantos itens... O jurí
declara-se perplexo
e resolve esquivar-se
a qualquer veredicto,
pois que somente Deus
(ou melhor, o Diabo)
é capaz de saber
das mores, a maior.



(*) in: Carlos Drummond de Andrade. *Corpo Novos Poemas*, 1984.

Kevin dos Santos

Ausência (*)

Por muito tempo achei que a ausência é falta.
 E lastimava, ignorante, a falta.
 Hoje não a lastimo.
 Não há falta na ausência.
 A ausência é um estar em mim.
 E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços,
 que rio e danço e invento exclamações alegres,
 porque a ausência, essa ausência assimilada,
 ninguém a rouba mais de mim.

(*) in: *Carlos Drummond de Andrade. Antologia Poética, 2001.*

Kevin dos Santos

TERNURA (*)

Eu te peço perdão por te amar de repente
 Embora o meu amor seja uma velha canção nos teus ouvidos
 Das horas que passei à sombra dos teus gestos
 Bebendo em tua boca o perfume dos sorrisos
 Das noites que vivi acalentado
 Pela graça indizível dos teus passos eternamente fugindo
 Trago a doçura dos que aceitam melancolicamente.
 E posso te dizer que o grande afeto que te deixo
 Não traz o exaspero das lágrimas nem a fascinação das promessas
 Nem as misteriosas palavras dos véus da alma...
 É um sossego, uma unção, um transbordamento de carícias
 E só te pede que te repouses quieta, muito quieta
 E deixes que as mãos cálidas da noite encontrem sem fatalidade o olhar
 [extático da aurora.



(*) in: *Vinicius de Moraes. Antologia Poética, 2005.*

Klênia Justino de Almeida

SONETO DE FIDELIDADE(*)

De tudo, ao meu amor serei atento antes
E com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa lhe dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

(*) in: Vinicius de Moraes. *Antologia Poética*, 2005.

Klenia Justino de Almeida

CANÇÃO PARA A AMIGA DORMINDO(*)

Dorme, amiga, dorme
Teu sono de rosa
Uma paz imensa
Desceu nesta hora.
Cerra bem as pétalas
Do teu corpo imóvel
E pede silêncio
Que não vá embora.



Dorme, amiga, o sono
 Teu de menininha
 Minha vida é a tua
 Tua morte é a minha.
 Dorme e me procura
 Na ausente paisagem...
 Nela a minha imagem
 Restará mais pura.

Dorme, minha amada
 Teu sono de estrela
 Nossa morte, nada
 Poderá detê-la.
 Mas dorme, que assim
 Dormirás um dia
 Na minha poesia
 De um sono sem fim...

(*)in: *Vinicius de Moraes. Antologia Poética, 2005.*

Klenia Justino de Almeida

FILENA OU A SAUDADE(*)

(Idílio Pastoril)

Que terna, que saudosa cantilena
 Ao som da lira Melibeu soltava,
 O pastor Melibeu, que por Filena,
 Pela branca Filena em vão chorava!
 Inda me fere o peito aguda pena,
 Quando recordo os ais, que o triste dava,
 O pranto que vertia, amargo, e justo
 À sombra, que ali faz aquele arbusto.



Tu, maviosa a choros, e a clamores,
Tu, Vénus (Vénus só na formosura)
Luz de meus olhos, únicos amores
Desta alma, e seu prazer, sua ventura;
Que reclinada, amarrotando as flores,
Descansas em meu peito a face pura,
Ouve-me os ais, e as queixas de outro amante.
Que ao teu no ardente extremo é semelhante.
"Céus! (assim começou, e eu escondido
Entre as copadas árvores o ouvia)
Por vós em duras mágoas convertido
Vejo enfim todo o bem, que possuía:
À cândida Filena estar unido
Julgastes que um pastor não merecia:
A mais doce prisão de Amor partistes.
Ajuda, triste lira, os versos tristes.
Mal haja a lei dos fados inclemente!
O seu poder, o seu rigor praguejo:
Morte! Geral verdugo! Estás contente?
Já saciaste o sôfrego desejo?...
Mas Filena inda é viva, inda me sente
Suspirar nos seus braços: inda a beijo!...
Ah meus olhos, morreu: sem alma a vistes.
Ajuda, triste lira, os versos tristes.
Em ti, cara Filena, a sepultura
Tem de Amor, tem das Graças o tesouro;
Ali te arranca a morte acerba, e dura
Da mimosa cabeça as tranças de ouro:
Eis terra, eis cinza, eis nada a formosura...
Ah! Que não pude perceber o agouro
Com que esta perda, oh fados, me advertistes!
Ajuda, triste lira, os versos tristes.
Um dia, há tempos, Lénia, a feiticeira,
Me disse: 'Grande mal te está guardado!'

Não mo quis declarar, e ave agoureira
De noite me piou sobre o telhado:
Cuidei que perderia a sementeira,
O rebanho, o rafeiro... ah desgraçado!
Perdeste mais, e a tanto inda resistes!
Ajuda, triste lira, os versos tristes.
A tua meiga voz, o teu carinho
Maior falta me faz, minha Filena,
Que lá no bosque ao rouxinol sôzinho
Da presa amiga a doce cantilena:
O teu branco, amoroso cordeirinho,
Mal que se viu sem ti, morreu de pena:
Balar saudoso, á montes, vós o ouvistes.
Ajuda, triste lira, os versos tristes.
O meu rebanho definhou de sorte,
Depois que te perdi, que anda caindo;
Seca estes campos o hálito da Morte
Desde que ela sumiu teu gesto lindo:
Rogo-lhe vezes mil, que me transporte
Lá onde, como estrela, estás luzindo,
Lá onde alegre para sempre existes.
Ajuda, triste lira, os versos tristes.
A roseira também, que tu plantaste,
Teu prazer, e prazer da Natureza,
Murchou-se logo assim que te murchaste,
Oh flor na duração, flor na beleza!
A pequenina rola, que apanhaste,
Não comeu mais, finou-se de fraqueza:
Porque blasfémia, ó deuses, me punistes?
Ajuda, triste lira, os versos tristes.
Já pelas selvas, ao raiar da aurora,
Caçando, as tenras aves não persigo;
Tudo me anseia, me enfastia agora,
Nem sofro os que por dó vêm ter comigo:

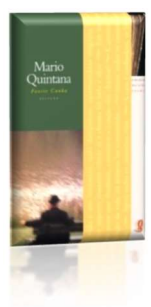
Figura-me a saudade a toda a hora
 Ternas delícias, que logrei contigo.
 Ah! Quão depressa, gostos meus, fugistes!
 Ajuda, triste lira, os versos tristes.
 Como as formigas pelo chão, no Estio,
 Ou como as folhas pelo chão, de Inverno,
 No aflito coração, que em ais te envio,
 Jazem penas cruéis, quais as do Inferno:
 Ora me sinto arder, outr'hora esfrio,
 Desfaz-me em ânsias um veneno interno:
 Talvez meus pés, oh víboras, feristes!
 Ajuda, triste lira, os versos tristes.
 Nos troncos, e nos mármore gravemos
 Memórias de Filena idolatrada,
 Tão digna de suspiros, e de extremos,
 De tantos corações tão cobiçada:
 Amor! Amor! Seu nome eternizemos...
 Ai, que me falta a voz! Socorro, amada;
 Conforta-me dos Céus, aonde assistes!
 Não mais, á triste lira, ó versos tristes."

(*) *In: Bocage. Os melhores poemas, 1993.*

Klênia Justino de Almeida

Certezas(*)

Não quero alguém que morra de amor por mim...
 Só preciso de alguém que viva por mim, que queira estar junto de mim, me abraçando.
 Não exijo que esse alguém me ame como eu o amo, quero apenas que me ame, não me importando com que intensidade.
 Não tenho a pretensão de que todas as pessoas que gosto, gostem de mim...
 Nem que eu faça a falta que elas me fazem, o importante pra mim é saber que eu, em algum momento, fui insubstituível... E que esse momento será



inesquecível..

Só quero que meu sentimento seja valorizado.

Quero sempre poder ter um sorriso estampando em meu rosto, mesmo quando a situação não for muito alegre... E que esse meu sorriso consiga transmitir paz para os que estiverem ao meu redor.

Quero poder fechar meus olhos e imaginar alguém... e poder ter a absoluta certeza de que esse alguém também pensa em mim quando fecha os olhos, que faço falta quando não estou por perto.

Queria ter a certeza de que apesar de minhas renúncias e loucuras, alguém me valoriza pelo que sou, não pelo que tenho...

Que me veja como um ser humano completo, que abuse demais dos bons sentimentos que a vida lhe proporciona, que dê valor ao que realmente importa, que é meu sentimento... e não brinque com ele.

E que esse alguém me peça para que eu nunca mude, para que eu nunca cresça, para que eu seja sempre eu mesmo.

Não quero brigar com o mundo, mas se um dia isso acontecer, quero ter forças suficientes para mostrar a ele que o amor existe...

Que ele é superior ao ódio e ao rancor, e que não existe vitória sem humildade e paz.

Quero poder acreditar que mesmo se hoje eu fracassar, amanhã será outro dia, e se eu não desistir dos meus sonhos e propósitos, talvez obterei êxito e serei plenamente feliz.

Que eu nunca deixe minha esperança ser abalada por palavras pessimistas...

Que a esperança nunca me pareça um “não” que a gente teima em maquiá-lo de verde e entendê-lo como “sim”.

Quero poder ter a liberdade de dizer o que sinto a uma pessoa, de poder dizer a alguém o quanto ele é especial e importante pra mim, sem ter de me preocupar com terceiros... Sem correr o risco de ferir uma ou mais pessoas com esse sentimento.

Quero, um dia, poder dizer às pessoas que nada foi em vão... Que o amor existe, que vale a pena se doar às amizades e às pessoas, que a vida é bela sim, e que eu sempre dei o melhor de mim... e que valeu a pena.

(*) in: *Mario Quintana. Os melhores poemas, 2009.*

RECOMEÇAR (*)

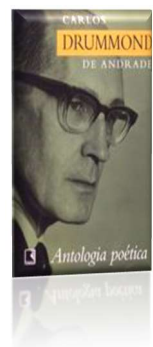
Não importa onde você parou...
em que momento da vida você cansou...
o que importa é que sempre é possível e
necessário “Recomeçar”.

Recomeçar é dar uma nova chance a si mesmo...
é renovar as esperanças na vida e o mais importante...
acreditar em você de novo.
Sofreu muito nesse período?
foi aprendizado...
Chorou muito?
foi limpeza da alma...

Ficou com raiva das pessoas?
foi para perdoá-las um dia...

Sentiu-se só por diversas vezes?
é porque fechaste a porta até para os anjos...
Acreditou que tudo estava perdido?
era o início da tua melhora...
Pois é...agora é hora de reiniciar...de pensar na luz...
de encontrar prazer nas coisas simples de novo.
Que tal
Um corte de cabelo arrojado...diferente?
Um novo curso...ou aquele velho desejo de aprender a
pintar...desenhar...dominar o computador...
ou qualquer outra coisa...

Olha quanto desafio...quanta coisa nova nesse mundão de meu Deus
te
esperando.



Tá se sentindo sozinho?
besteira...tem tanta gente que você afastou com o
seu “período de isolamento”...
tem tanta gente esperando apenas um sorriso teu
para “chegar” perto de você.

Quando nos trancamos na tristeza...
nem nós mesmos nos suportamos...
ficamos horríveis...
o mal humor vai comendo nosso fígado...
até a boca fica amarga.
Recomeçar...hoje é um bom dia para começar novos
desafios.

Onde você quer chegar? ir alto...sonhe alto... queira o
melhor do melhor... queira coisas boas para a vida... pensando assim
trazemos prá nós aquilo que desejamos... se pensamos pequeno...
coisas pequenas teremos...
já se desejarmos fortemente o melhor e principalmente
lutarmos pelo melhor...

o melhor vai se instalar na nossa vida.
E é hoje o dia da faxina mental...
joga fora tudo que te prende ao passado... ao mundinho
de coisas tristes...
fotos...peças de roupa, papel de bala...ingressos de
cinema, bilhetes de viagens... e toda aquela tranqueira que guardamos
quando nos julgamos apaixonados... jogue tudo fora... mas principalmente...
esvazie seu coração... fique pronto para a vida... para um novo amor... Lembre-se
somos apaixonáveis... somos sempre capazes de amar muitas e muitas vezes...
afinal de contas... Nós somos o “Amor”...

” Porque sou do tamanho daquilo que vejo, e não do tamanho da minha altura.”

(*) *in: Carlos Drummond de Andrade. Antologia Poética, 2001.*

Luíza Alegria Francisco

ROMANTISMO (*)

Quem tivesse um amor, nesta noite de lua,
para pensar um belo pensamento
e pousá-lo no vento!

Quem tivesse um amor - longe, certo e impossível -
para se ver chorando, e gostar de chorar,
e adormecer de lágrimas e luar!

Quem tivesse um amor, e, entre o mar e as estrelas,
partisse por nuvens, dormente e acordado,
levitando apenas, pelo amor levado...

Quem tivesse um amor, sem dúvida e sem mácula,
sem antes nem depois: verdade e alegoria...
Ah! quem tivesse... (Mas, quem teve? quem teria?)

(*) *in: Cecília Meireles. Melhores Poemas, 2002.*

Luíza Alegria Francisco

Timidez (*)

Basta-me um pequeno gesto,
feito de longe e de leve,
para que venhas comigo
e eu para sempre te leve. . .

— mas só esse eu não farei.



Uma palavra caída
das montanhas dos instantes
desmancha todos os mares
e une as terras mais distantes..

— palavra que não direi.

Para que tu me adivinhes,
entre os ventos taciturnos,
apago meus pensamentos,
ponho vestidos noturnos,

— que amargamente inventei.

E, enquanto não me descobres,
os mundos vão navegando
nos ares certos do tempo,
até não se sabe quando...

— e um dia me acabarei.

(*) *in: Cecília Meireles. Melhores Poemas, 2002.*

Luíza Alegria Francisco

Lua Adversa(*)

Tenho fases, como a lua,
Fases de andar escondida,
fases de vir para a rua...
Perdição da minha vida!
Perdição da vida minha!
Tenho fases de ser tua,
tenho outras de ser sozinha.



Fases que vão e que vêm,
no secreto calendário
que um astrólogo arbitrário
inventou para meu uso.

E roda a melancolia
seu interminável fuso!

Não me encontro com ninguém
(tenho fases, como a lua...).
No dia de alguém ser meu
não é dia de eu ser sua...
E, quando chega esse dia,
o outro desapareceu...

(*) in: *Cecília Meireles. Melhores Poemas, 2002.*

Luíza Alegria Francisco

O NARIZ DO MORTO(*)

_Olha *O nariz do Morto!* – que nariz
e que morto? Que piada mais sem graça
é está? – Não senhor. É o Vilaça
(Antônio Carlos) com seu livro duro
e triste, machucante – almofariz
em que mói a si próprio e se destrói,
para ressuscitar ainda à procura
de seu rumo, indefesa criatura
solta ao vento da vida. Quer a paz?
Quer a guerra interior, ou foge dela?



Entre cacos de vida, Sigismundo,
 numa doçura mista de amargor,
 de letras e leituras faz seu mundo.
 Há de salvá-lo, não a fé; talvez
 O raio impressentido de um amor.

(*) *in: Carlos Drummond de Andrade. Antologia Poética, 2001.*

Pietro Rodrigues de Souza Marques

A PAISAGEM NO LIMITE (*)

Este mundo não existe
 existe sim, hoje fundado
 por Maria Teresa Vieira:
 uma proposta de alegria,
 de comunhão em cores altas,
 de vida atenta à vibração
 de cristalinos sinos mágicos.
 Suas paisagens são províncias
 esperando nossa visita:
 fluorescentes longe do tédio,
 da violência e do desamor,
 no limite pairam do sonho,
 onde novo real se inaugura
 no coração mesmo da cor.



(*) *in: Discurso de Primavera e Algumas Sombras, 2006.*

Pietro Rodrigues de Souza Marques

VISÃO DE CLARICE LISPECTOR (*)

Clarice,
veio de um mistério, partiu para outro.
Ficamos sem saber a essência do mistério.
Ou o mistério não era essencial,
era Clarice viajando nele.

Era Clarice bulindo no fundo mais fundo,
onde a palavra parece encontrar
sua razão de ser, e retratar o homem.

O que Clarice disse, o que Clarice
viveu por nós em forma de história
em forma de sonho de história
em forma de sonho de sonho de história
(no meio havia uma barata
ou um anjo?)
não sabemos repetir nem inventar.
São coisas, são jóias particulares de Clarice
que usamos de empréstimo, ela dona de tudo.

Clarice não foi um lugar-comum,
carteira de identidade, retrato.
De Chirico a pintou? Pois sim.

O mais puro retrato de Clarice
só se pode encontrá-lo atrás da nuvem
que o avião cortou, não se percebe mais.

De Clarice guardamos gestos. Gestos,
tentativas de Clarice sair de Clarice
para ser igual a nós todos
em cortesia, cuidados, providências.
Clarice não saiu, mesmo sorrindo.
Dentro dela
o que havia de salões, escadarias,
tetos fosforescentes, longas estepes,
zimbórios, pontes do Recife em bruma envoltas,
formava um país, o país onde Clarice
vivia, só e ardente, construindo fábulas.



Não podíamos reter Clarice em nosso chão
salpicado de compromissos. Os papéis,
os cumprimentos falavam em agora,
edições, possíveis coquetéis
à beira do abismo.
Levitando acima do abismo Clarice riscava
um sulco rubro e cinza no ar e fascinava.

Fascinava-nos, apenas.
Deixamos para compreendê-la mais tarde.
Mais tarde, um dia... saberemos amar Clarice.

(*) in: *Carlos Drummond de Andrade. Discurso de Primavera e Algumas Sombras*, 2006.

Pietro Rodrigues de Souza Marques

KREEN-AKARORE(*)

Gigante que recusas
encarar-me nos olhos,
apertar minha mão
temendo que ela seja
uma faca, um veneno,
uma tocha de incêndio;
gigante que me foges,
légua depois de légua,
e se deixo os sinais
de minha simpatia,
os destróis: tens razão.
Malgrado meu desejo
de declarar-te irmão
e contigo fruir
alegrias fraternas,
só tenho para dar-te
em turvo condomínio
o pesadelo urbano



de ferros e fúrias
 em contínuo combate
 na esperança de paz
 -uma paz que se esconde
 e se furta e se apaga
 medusada de medo,
 como tu, akarore,
 na espessura da mata
 ou no espelho sem fala
 das águas do Jarina.

(*) in: *Carlos Drummond de Andrade. Discurso de Primavera e Algumas Sombras, 2006.*

Pietro Rodrigues de Souza Marques

A MORTE(*)

- Rio de Janeiro , 1954

A morte vem de longe
 Do fundo dos céus
 Vem para os meus olhos
 Virá para os teus
 Desce das estrelas
 Das brancas estrelas
 As loucas estrelas
 Trânsfugas de Deus
 Chega impresentida
 Nunca inesperada
 Ela que é na vida
 A grande esperada!
 A desesperada
 Do amor fraticida
 Dos homens, ai! dos homens



Que matam a morte
Por medo da vida.

(*) In: *Vinicius de Moraes. Nova Antologia Poética*, 2008.

Rodrigo José da Silva.

A UM PASSARINHO (*)

- Rio de Janeiro , 1946

Para que vieste
Na minha janela
Meter o nariz?
Se foi por um verso
Não sou mais poeta
Ando tão feliz!
Se é para uma prosa
Não sou Anchieta
Nem venho de Assis.

Deixa-te de histórias
Some-te daqui!

(*) in: *Vinicius de Moraes. Nova Antologia Poética*, 2008.

Rodrigo José da Silva



VISITA À CASA PATERNA (*)

Guimarães Júnior

Como a ave que volta ao ninho antigo,
Depois de um longo e tenebroso inverno,
Eu quis também rever o lar paterno,
O meu primeiro e virginal abrigo.

Entrei. Um gênio carinhoso e amigo,
O fantasma, talvez, do amor materno,
Tomou-me as mãos — olhou-me grave e terno,
E, passo a passo, caminhou comigo.

Era esta a sala... (Oh! se me lembro! e quanto!)
Em que, da luz noturna à claridade,



Minhas irmãs e minha Mãe... O pranto

Jorrou-me em ondas... Resistir quem há de?
— Uma ilusão gemia em cada canto,
Chorava em cada canto uma saudade...

(*) in: *Manuel Bandeira. Apresentação da poesia brasileira, reedição, 2014.*

Sérgio Henrique

DESENCANTO(*)

Eu faço versos como quem chora
De desalento... de desencanto...
Fecha o meu livro, se por agora
Não tens motivo nenhum de pranto.

Meu verso é sangue. Volúpia ardente...
Tristeza esparsa... remorso vão...
Dói-me nas veias. Amargo e quente,
Cai, gota a gota, do coração.

E nestes versos de angústica rouca,
Assim dos lábios a vida corre,
Deixando um acre sabor na boca.

- Eu faço versos como quem morre.

(*) in: *Manuel Bandeira. Meus poemas preferidos, 2002.*



Sérgio Henrique

IMPROVISO DO AMOR-PERFEITO (*)

Naquela nuvem, naquela,
mando-te meu pensamento:
que Deus se ocupe do vento.

Os sonhos foram sonhados,
e o padecimento aceito.
E onde estás, Amor-Perfeito ?

Imensos jardins da insônia,
de um olhar de despedida
deram flor por toda a vida.

Ai de mim que sobrevivo
sem o coração no peito.
E onde estás, Amor-Perfeito ?

Longe, longe, atrás do oceano
que nos meus olhos se alteia,
entre pálpebras de areia...

Longe, longe... Deus te guarde
sobre o seu lado direito,
como eu te guardava do outro,
noite e dia, Amor-Perfeito.

(*) in: *Cecília Meireles. Antologia Poética, 2001.*

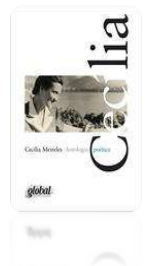
Wanessa de Melo Fontinele.

NÃO: JÁ NÃO FALO DE TI (*)

Não: já não falo de ti, já não sei de saudades.
Feche-se o coração como um livro, cheio de imagens,
de palavras adormecidas, em altas prateleiras,
até que o pó desfaça o pobre desespero sem força,
que um dia, pode ser, parece tão terrível.

A aranha dorme em sua teia, lá fora, entre a roseira e o muro.
Resplandecem os azulejos- e tudo quanto posso ver.
O resto é imaginado, e não coincide, e é temerário
cismar. Talvez se as pálpebras pudessem
inventar outros sonhos, não de vida...

Ah! rompem-se na noite ardentes violas,



pelo ar e pelo frio subitamente roçadas.
 Por onde pascerão, nestes céus invioláveis,
 nossas perguntas com suas crinas de séculos arrastando-se...
 Não só de amor a noite transborda mas de terríveis
 crueldades, loucuras, de homicídios mais verdadeiros.

Os homens de sangue estão nas esquinas resfolegando,
 e os homens da lei sonolentos movem letras
 sobre imensos papéis que eles mesmos não entendem...
 Ah! que rosto amaríamos ver inclinar-se na aérea varanda?
 Nem os santos podem mais nada. Talvez os anjos abstratos
 da álgebra e da geometria.

(*) *in: Cecília Meireles. Poemas, 1997.*

Wanessa de Melo Fontinele.

As Sem Razões do Amor (*)

Eu te amo porque te amo.
 Não precisas ser amante,
 e nem sempre sabes sê-lo.
 Eu te amo porque te amo.
 Amor é estado de graça
 e com amor não se paga.

Amor é dado de graça,
 é semeado no vento,
 na cachoeira, no eclipse.
 Amor foge a dicionários
 e a regulamentos vários.

Eu te amo porque não amo
 bastante ou de mais a mim.



Porque amor não se troca,
 não se conjuga nem se ama.
 Porque amor é amor a nada,
 feliz e forte em si mesmo.

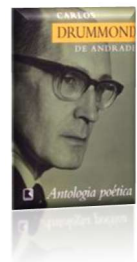
Amor é primo da morte,
 e da morte vencedor,
 por mais que o matem (e matam)
 a cada instante de amor.

(*) *in: Carlos Drummond de Andrade. Amar se aprende amando, 2001.*

Wanessa de Melo Fontinele.

NO MEIO DO CAMINHO(*)

No meio do caminho tinha uma pedra
 Tinha uma pedra no meio do caminho
 Tinha uma pedra
 No meio do caminho tinha uma pedra.
 Nunca me esquecerei desse acontecimento
 Na vida de minhas retinas tão fatigadas.
 Nunca me esquecerei que no meio do caminho
 Tinha uma pedra
 Tinha uma pedra no meio do caminho
 No meio do caminho tinha uma pedra.



(*) *in: Carlos Drummond de Andrade. Antologia Poética, 1996.*

Paulo Emílio Alves Gaspar

O LUTADOR (*)

Lutar com palavras
 é a luta mais vã.
 Entretanto lutamos

mal rompe a manhã.
São muitas, eu pouco.
Algumas, tão fortes
como o javali.
Não me julgo louco.
Se o fosse, teria
poder de encantá-las.
Mas lúcido e frio,
apareço e tento
apanhar algumas
para meu sustento
num dia de vida.
Deixam-se enlaçar,
tontas à carícia
e súbito fogem
e não há ameaça
e nem há sevícia
que as traga de novo
ao centro da praça.

Insisto, solerte.
Busco persuadi-las.
Ser-lhes-ei escravo
de rara humildade.
Guardarei sigilo
de nosso comércio.
Na voz, nenhum travo
de zanga ou desgosto.
Sem me ouvir deslizam,
perpassam levíssimas
e viram-me o rosto.
Lutar com palavras
parece sem fruto.
Não têm carne e sangue...



Entretanto, luto.

Palavra, palavra
(digo exasperado),
se me desafia,
aceito o combate.
Quisera possuir-te
neste descampado,
sem roteiro de unha
ou marca de dente
nessa pele clara.
Preferes o amor
de uma posse impura
e que venha o gozo
da maior tortura.

Luto corpo a corpo,
luto todo o tempo,
sem maior proveito
que o da caça ao vento.
Não encontro vestes,
não seguro formas,
é fluido inimigo
que me dobra os músculos
e ri-se das normas
da boa peleja.

Iludo-me às vezes,
pressinto que a entrega
se consumará.
Já vejo palavras
em coro submisso,
esta me ofertando
seu velho calor,

aquele sua glória
feita de mistério,
outra seu desdém,
outra seu ciúme,
e um sapiente amor
me ensina a fruir
de cada palavra
a essência captada,
o sutil queixume.
Mas aí! é o instante
de entreabrir os olhos:
entre beijo e boca,
tudo se evapora.

O ciclo do dia
ora se conclui
e o inútil duelo
jamais se resolve.
O teu rosto belo,
ó palavra, esplende
na curva da noite
que toda me envolve.
Tamanha paixão
e nenhum pecúlio.
Cerradas as portas,
a luta prossegue
nas ruas do sono.

()in: Carlos Drummond de Andrade. José e outros, 2006.*

Paulo Emílio Alves Gaspar

DOR(*)*Enrique González Martínez**Tradução de Manuel Bandeira*

O seu olhar varou-me a alma abismada,
 Fundiu-se em mim, ao minha parecia,
 Que não sei se este alento de agonia
 È vida ainda ou morte alucinada.

Chegou o Arcanjo, desferiu a espada
 Sobre o duplo laurel que florescia
 No horto concluso... E desde aquele dia
 Voltei, dentro das trevas, ao meu nada.

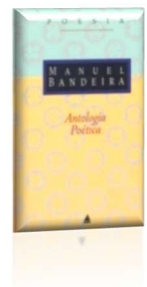
Julguei que o mundo, para o humano assombro,
 Ia rolar de súbito no escombros
 Da ruína total do firmamento...

Mas vi a terra em paz, em paz a altura,
 O campo tão sereno, a linfa pura,
 O monte azul e sossegado o vento!...

(*) in: *Manuel Bandeira. Antologia Poética, 2001.*

**Adriel Callegari Lopes****ORAÇÃO(*)***São Francisco de Assis*

Senhor, faze de mim instrumento de vossa paz.
 Onde houver ódio, que eu leve o amor;
 Onde houver ofensa, que eu leve o perdão;
 Onde houver discórdia, que eu leve a união;
 Onde houver dúvida, que eu leve a fé;
 Onde houver erro, que eu leve a verdade;
 Onde houver desespero, que eu leve a esperança;
 Onde houver tristeza, que eu leve a alegria;
 Onde houver trevas, que eu leve a luz.



Ó Mestre, Fazei que eu procure mais
 Consolar, que ser consolado;
 compreender, que ser compreendido;
 amar, que ser amado.
 Pois é dando que se recebe,
 é perdoando que se é perdoado,
 e é morrendo que se vive para a vida eterna.

(*) in: *Manuel Bandeira. Antologia Poética, 2001.*

Adriel Callegari Lopes

O ENTERRADO VIVO(*)

É sempre no passado aquele orgasmo,
 é sempre no presente aquele duplo,
 é sempre no futuro aquele pânico.

É sempre no meu peito aquela garra.
 É sempre no meu tédio aquele aceno.
 É sempre no meu sono aquela guerra.

É sempre no meu trato o amplo distrato.
 Sempre na minha firma a antiga fúria.
 Sempre no mesmo engano outro retrato.

É sempre nos meus pulos o limite.
 É sempre nos meus lábios a estampilha.
 É sempre no meu não aquele trauma.

Sempre no meu amor a noite rompe.
 Sempre dentro de mim meu inimigo.
 E sempre no meu sempre a mesma ausência



(*) in: *Carlos Drummond de Andrade. José e Outros, 2006.*

Adriel Callegari Lopes.

O PÃO(*)

Para comer o pão
é preciso avaliar nosso pouco amor
e nossa frágil esperança.

Porque o pão sobre a mesa.
está amassado por mãos em carne viva
e dói o sal das lágrimas nos farelos faiscando.

Antes de partilhar o pão devemos desnudar-nos.
Nem todos podem comer o pão com as mãos limpas.
Nós poderemos?

(*) *in: Paulo Gabriel. Utopia, 2000*

Felipe Leoci

RESISTIR É PRECISO (*)

Sobreviver à tempestade
na noite do povo reprimido
periferia!
Levantar mais que a voz
o grito
quando o silêncio se impunha no país
profecia!
Sustentar a fé
Socializar a esperança
Juntando os pés na caminhada

Travessia!

Abrir caminhos no silêncio cúmplice da igreja

Até organizar o dia na casa do homem novo

Liberdade!

(*) in: *Paulo Gabriel.Utopia, 2000*

Felipe Leoci

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Amar se aprende amando**. – 24ª ed. – São Paulo: Record, 2001.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia Poética** – 33ª ed. – São Paulo: Record, 2001.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Corpo Novos Poemas**. – 16ª ed. – São Paulo: Record, 2002.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **As impurezas do Branco**. – 10ª ed. – São Paulo: Record, 2005.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Discurso de primavera e algumas sombras**. – 1ª ed. – São Paulo: Record, 2006.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **José e outros** – 10ª ed. – São Paulo: Record, 2006.

BANDEIRA, Manuel. **Antologia Poética**. – 6ª ed. – São Paulo: Global, 2001.

BANDEIRA, Manuel. **Meus poemas preferidos**. – 1ª ed. - São Paulo: Ediouro, 2002.

BANDEIRA, Manuel. **Apresentação da poesia brasileira**. – 1ª ed. – São Paulo: Ediouro, 2014.

BOCAGE, Manuel Maria Barbosa Du. In: BERARDINELLI, Cleonice. (Org.). **Melhores poemas de Bocage**. São Paulo: Global, 2012.

GABRIEL, Paulo. **Utopia**. – 1ª ed. – São Paulo: Santa Clara, 2000.

MEIRELES, Cecília. **Poesia Completa**. – 12ª ed. – São Paulo: Global, 2001.

MEIRELES, Cecília. **Melhores Poemas**. – 14ª ed. – São Paulo: Global, 2002.

MEIRELES, Cecília. **Antologia Poética** – 1ª ed. – São Paulo: Global, 2013.

MORAES, Vínicius. **Antologia Poética**. – 1ª ed. – São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.

MURRAY. Roseana. **Caminhos da Magia**. – 1ª ed. – São Paulo: DCL Editora, 2001.

PAES. José Paulo. **Melhores Poemas** – 5ª ed. – São Paulo: Global, 2009.

QUINTANA, Mário. **Os melhores poemas** – 17ª ed. – São Paulo: Global, 2009.